

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E
SOCIEDADE

IMIGRAÇÃO E TRABALHO: OS SIGNIFICADOS PRODUZIDOS PELOS
IMIGRANTES HAITIANOS SOBRE A CIDADE DE JOINVILLE

EDUARDO PHILIPPI SOARES
ORIENTADORA: PROFESSORA DRA. ILANIL COELHO
COORIENTADOR: PROFESSORA DRA. SIRLEI DE SOUZA

JOINVILLE – SC
2022

EDUARDO PHILIPPI SOARES

IMIGRAÇÃO E TRABALHO: OS SIGNIFICADOS PRODUZIDOS PELOS
IMIGRANTES HAITIANOS SOBRE A CIDADE DE JOINVILLE

Dissertação apresentada ao Mestrado de Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – Univille – como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, sob a orientação da Professora Dra. Ilanil Coelho e Coorientação da Professor Dra. Sirlei de Souza

JOINVILLE – SC

2022

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

Soares, Eduardo Philippi
S676I Imigração e trabalho: os significados produzidos pelos imigrantes haitianos sobre a cidade de Joinville/ Eduardo Philippi Soares; orientadora Dra. Ilanli Coelho; coorientadora Dra. Sirliel de Souza. – Joinville: UNIVILLE, 2021.

127 p.: il.

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural – Universidade da Região de Joinville)

1. Haiti – Migração. 2. Joinville – Migração. 3. Memória. 4. História oral. 5. Patrimônio cultural. I. Coelho, Ilanli. II. Souza, Sirliel de. III. Título.

CDD 325

Elaborada por Rafaela Ghacham Desiderato – CRB-14/1437

Termo de Aprovação

"Imigração e Trabalho: Os Significados Produzidos pelos Imigrantes Haitianos sobre a Cidade de Joinville"

por

Eduardo Philippi Soares

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.

Prof. Dra. Ilail Coelho
Orientadora (UNIVILLE)

Prof. Dra. Sirlei de Souza
Coorientadora (UNIVILLE)

Prof. Dra. Raquel Alverenga Sena Venera
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Ilail Coelho
Orientadora (UNIVILLE)

Prof. Dra. Sirlei de Souza
(UNIVILLE)

Prof. Dra. Denise Maria Cogo
(FSPM)

Prof. Dr. Euler Renato Westphal
(UNIVILLE)

Prof. Dra. Daniela Pistorello
(UNIVILLE)

Joinville, 21 de fevereiro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradecer as pessoas que fizeram parte da minha vida durante o período em que estive no mestrado acaba sendo bem difícil. Não porque me faltam motivos para agradecer, o fato é justamente o contrário. Eu tenho o sentimento de que qualquer declaração de gratidão que eu elabore não alcança a superfície daquilo que sinto por quem esteve comigo nesse tempo. Contudo, a generosidade daqueles que faço questão de mencionar aqui me deixa confiante para escrever essas pequenas manifestações. Isso porque estou convicto de que essas pessoas sabem o quão importantes foram para mim, independentemente da limitação que a minha escrita impõe expressão dos meus agradecimentos.

Durante a participação nas disciplinas oferecidas pelo programa tive a sorte de fazer dois amigos a quem passei a admirar profundamente. Marcus Vinicius Carvalheiro foi o primeiro colega que conheci antes mesmo de entrar em sala de aula. Em pouco tempo já passei a considerá-lo meu amigo. Além de ser extremamente talentoso como artista e brilhante ao discutir temas acadêmicos, é também detentor de um carisma e simpatia que exhibe sem esforço. Essas características foram um importante contraponto à minha introspecção e comportamento as vezes irritadiço e rabugento, e fizeram o convívio com todos ao meu redor muito mais agradável e fácil.

Outro amigo que fiz Maikon de Sousa Michels. Por pesquisar uma temática que dialogava muito com a minha, acompanhei parte do trabalho de pesquisa que resultou na sua dissertação. Com uma ética de trabalho invejável, logo passei a ver no Maikon um exemplo excepcional de profissional, estudante e pesquisador. Além disso, o fato de ser professor no ensino superior fez com que se tornasse uma figura ainda mais inspiradora para mim. Com destaque para os incontáveis elogios que conhecidos meus, que foram seus alunos no curso de psicologia da Univille, teciam às suas aulas quando eu mencionava ser seu colega no mestrado.

Ainda tratando do ambiente da universidade, preciso mencionar a minha orientadora Ilanil Coelho e co-orientadora Sirlei de Souza. Além sorte que tive de ser guiado por pessoas de tamanha excelência profissional demonstrada por ambas tanto na pesquisa quanto no ensino, tenho que agradecer profundamente a paciência e sensibilidade que demonstraram ao longo do trabalho. Foi um privilégio acompanhar momentos do trabalho de pesquisa e escrita da tese de doutorado da professora Sirlei.

E me surpreende e alegra a generosidade que teve ao dispor de tempo e energia para me auxiliar, mesmo em um momento tão intenso de produção acadêmica. Ao mesmo tempo, posso simplesmente dizer que a professora Ilanil foi para mim a orientadora que espero poder ser para meus alunos um dia.

Sem dúvidas as pessoas que mais conviveram comigo durante toda a minha vida foram a minha mãe, Joseane Philippi Soares, e o meu pai, Zeni dos Santos Soares. Tentar agradecer dignamente a esses dois é uma tarefa que chega a soar como algo risível para mim. Chega a ser quase tangível de tão evidente o amor que permeia tudo o que fazem em relação a mim, e é absolutamente reconfortante o sentimento que tenho ao saber que ambos veem tanto quando me olham ao mesmo tempo que exigem tão pouco.

Algumas amizades se tornam difíceis de serem mantidas ao longo da vida, rotina e obrigações. Contudo, existem amizades que fazem ser muito mais fácil viver a vida, a rotina e as obrigações. É o caso dos meus queridíssimos Lucas Paulo e Pedro Bergamaschi. Absolutamente diferentes entre si, compartilham algumas características comuns, como a inteligência que impossibilita o tédio em qualquer conversa e a disposição e paciência para ouvir e apoiar os delírios mais infantis que os conto.

O primeiro, ao qual me refiro carinhosamente como Pauling, é uma das pessoas que poderiam ser escolhidas como protagonistas do mundo se esse fosse uma série de comédia. Digo isso porque não é nenhum desafio buscar na memória uma crise de gargalhadas das mais incontroláveis causadas por algo dito por ele. Isso não exclui, no entanto, o fato de ser uma das pessoas mais fortes que conheço, que convive sem hesitar com fantasmas que me deixariam paralisado e de demonstrar uma gentileza e amabilidade enormes. O segundo, o qual chamo com total justiça de Pedrão da segurança, é o irmão mais velho que eu escolheria ter. Mesmo tendo praticamente a minha idade, é para mim uma referência de maturidade e responsabilidade, além de ser alguém em quem confiaria para contar qualquer coisa sem o mínimo receio.

Finalmente, à Rafaela Cavinato Bulla afirmo que não só eu devo agradecer, mas todos que tem o privilégio terem a vida tocada por você. William Blake disse que se algo ama, então é infinito. Por concordar com ele, sinto que contigo as montanhas que contornam o vale da minha percepção caem com um sopro, revelando o mundo todo à minha frente. Enfim, Rafa, você sabe.

Imigração e Trabalho: os significados produzidos pelos imigrantes haitianos sobre a cidade de Joinville

RESUMO

A imigração haitiana para Joinville suscita uma série de questionamentos que vão além da inserção econômica e social dos imigrantes. Neste trabalho, propõe-se estudar como a experiência de ser imigrante haitiano em Joinville é significada, e como os imigrantes produzem sentidos sobre a cidade e seus monumentos. Para o presente estudo, foram selecionados para a discussão dois monumentos relacionados ao tema imigração e trabalho localizados na cidade de Joinville, o "Monumento ao Imigrante" e "O Fundidor". Buscou-se, também, construir um panorama sobre o processo migratório de haitianos para o Brasil por meio de uma aproximação com dados estatísticos e de revisão de literatura sobre o tema. Também foram levantadas discussões a partir da leitura de diferentes teóricos que trabalham a condição migrante, a imigração contemporânea e o papel dos monumentos na construção da memória. Como fontes para a discussão acerca da experiência de ser imigrante haitiano em Joinville e os significados elaborados nela, foram analisadas entrevistas de imigrantes haitianos residentes na cidade produzidas a partir da metodologia da História Oral disponíveis no Laboratório de História Oral da Univille (LHO). Nestas entrevistas, os imigrantes haitianos foram questionados, entre outros temas, sobre os significados produzidos por eles acerca dos dois monumentos aqui discutidos, da cidade de Joinville e das suas experiências de imigração. Foi possível compreender, dentre muitos outros pontos, a importância das redes de sociabilidade na produção dos significados relativos à experiência migratória. Assim como foi possível perceber, também, que a imigração se constitui como um fenômeno que mobiliza uma série de elementos sociais, econômicos, culturais e subjetivos e que, por isso, é experimentada de diferentes maneiras pelos indivíduos que a vivem.

Palavras-chave: Memória; Monumento; Imigrantes Haitianos; História Oral

Immigration and Work: the meanings produced by Haitian immigrants about the city of Joinville

ABSTRACT

The Haitian immigration to Joinville raises a series of questions that go beyond the economic and social insertion of immigrants. In this work, we propose to study how the experience of being a Haitian immigrant in Joinville is signified, and how immigrants produce meanings about the city and its monuments. For the present study, two monuments related to the theme immigration and work located in the city of Joinville were selected for discussion: the "Monumento ao Imigrante" and "O Fundidor". An attempt was also made to build an overview of the Haitian migratory process to Brazil through an approach with statistical data and literature review on the subject. Discussions were also raised from the reading of different theorists who work on the migrant condition, contemporary immigration and the role of monuments in the construction of memory. As sources for the discussion about the experience of being a Haitian immigrant in Joinville and the meanings elaborated in it, interviews of Haitian immigrants living in the city produced from the Oral History methodology available at Univille's Oral History Laboratory (LHO) were analyzed. In these interviews, the Haitian immigrants were questioned, among other topics, about the meanings produced by them about the two monuments discussed here, about the city of Joinville and about their immigration experiences. It was possible to understand, among many other points, the importance of sociability networks in the production of meanings related to the migratory experience. It was also possible to realize that immigration is a phenomenon that mobilizes a series of social, economic, cultural, and subjective elements and that, for this reason, it is experienced in different ways by the individuals who live it.

Keywords: Memory; Monument; Haitian Immigrants; Oral History

Inmigración y Trabajo: Los significados producidos por los inmigrantes haitianos sobre la ciudad de Joinville

RESUMEN

La inmigración haitiana en Joinville plantea una serie de cuestiones que van más allá de la inserción económica y social de los inmigrantes. En este trabajo, nos proponemos estudiar cómo se significa la experiencia de ser un inmigrante haitiano en Joinville, y cómo los inmigrantes producen significados sobre la ciudad y sus monumentos. Para el presente estudio, se seleccionaron dos monumentos relacionados con el tema de la inmigración y el trabajo situados en la ciudad de Joinville: el "Monumento ao Imigrante" y "O Fundidor". También se buscó construir un panorama del proceso migratorio haitiano a Brasil a través de una aproximación con datos estadísticos y revisión bibliográfica sobre el tema. También se plantearon debates a partir de la lectura de diferentes teóricos que trabajan la condición migratoria, la inmigración contemporánea y el papel de los monumentos en la construcción de la memoria. Como fuentes para la discusión sobre la experiencia de ser inmigrante haitiano en Joinville y los significados elaborados en ella, se analizaron entrevistas de inmigrantes haitianos residentes en la ciudad producidas a partir de la metodología de Historia Oral disponible en el Laboratorio de Historia Oral de Univille (LHO). En estas entrevistas, los inmigrantes haitianos fueron interrogados, entre otros temas, sobre los significados que les producen los dos monumentos aquí tratados, la ciudad de Joinville y sus experiencias de inmigración. Se pudo comprender, entre otros muchos puntos, la importancia de las redes de sociabilidad en la producción de significados relacionados con la experiencia migratoria. Así como fue posible darse cuenta, también, que la inmigración se constituye como un fenómeno que moviliza una serie de elementos sociales, económicos, culturales y subjetivos y que, por lo tanto, es experimentado de diferentes maneras por los individuos que lo viven.

Palabras clave: Memoria; Monumento; Inmigrantes haitianos; Historia oral

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Inauguração do Monumento ao Imigrante, 1951..	51
Figura 2: Monumento ao Imigrante – em detalhe o Nativo e o Imigrante	52
Figura 3: Monumento ao Imigrante – em detalhe a Mãe e as Crianças	53
Figura 4: Imagem publicada na capa do periódico Correio da Tupy em homenagem aos 120 anos de Joinville.	55
Figura 5: O Fundidor, 1979.	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 A IMIGRAÇÃO HAITIANA	11
1.1 ESTADO DA ARTE	12
1.2 IMIGRANTES, IMIGRAÇÃO E TRABALHO: CONTRADIÇÕES E PARADOXOS	24
1.3 IMIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E TRANSNACIONAIS.....	31
1.4 A IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL, SANTA CATARINA E JOINVILLE	38
2 A IMIGRAÇÃO MONUMENTALIZADA	50
2.1 A MONUMENTALIZAÇÃO DA IMIGRAÇÃO E DO TRABALHO EM JOINVILLE	51
2.2 MONUMENTO, MEMÓRIA E IDENTIDADES.....	63
3 NARRATIVAS DE IMIGRANTES HAITIANOS EM JOINVILLE	72
3.1 DESAFIOS METODOLÓGICOS DA HISTÓRIA ORAL	74
3.2 A HISTÓRIA ORAL NO ESTUDO DA IMIGRAÇÃO	79
3.3 OS IMIGRANTES E AS IDENTIFICAÇÕES COM A CIDADE	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	110
APÊNDICES	116
APENDICE A – Informações sobre os imigrantes haitianos entrevistados	117
ANEXOS	123
ANEXO A – Roteiro Geral: Entrevistas Orais com os Imigrantes Haitianos.....	124

INTRODUÇÃO

A imigração e o trabalho são dois dos elementos fundamentais da memória institucionalizada da cidade de Joinville¹, que conta com diferentes tipos de sociotransmissores (CANDAU, 2010) para comunicar os seus sentidos – entre eles, museus, monumentos e edificações patrimonializadas. Inseridos nessa dinâmica de produção e transmissão de sentidos e em um novo contexto migratório, estão os imigrantes haitianos em Joinville, cuja presença ganha destaque estatístico e força social a partir do ano de 2011 no Brasil e posteriormente no estado de Santa Catarina e na cidade de Joinville.

Dentro desse contexto migratório, que não é aquele tradicionalmente narrado a partir do conjunto patrimonial da cidade, emergem questionamentos acerca não só da inserção econômica e social desses imigrantes, mas também sobre como a experiência de ser imigrante em Joinville é significada, produzindo sentidos que podem ou não manter relação com o conjunto monumental que compõe parte da paisagem com a qual esses indivíduos mantêm contato cotidianamente.

A partir desses questionamentos, este trabalho procurou compreender como os imigrantes haitianos residentes em Joinville produzem significados acerca dos monumentos da cidade que homenageiam a imigração e o trabalho, da própria cidade de Joinville e das suas experiências como imigrantes. E assim, a partir de suas narrativas, pretendeu-se problematizar a condição migratória contemporânea.

Para fins de investigação, foram selecionados dois monumentos de Joinville como objetos que simbolizam essa aproximação identitária da cidade com as categorias imigração e trabalho: o “Monumento ao Imigrante” (inaugurado em 1951) e “O Fundidor” (inaugurado em 1979). O primeiro monumento possui grande destaque tanto por sua localização (centro da cidade) quanto pelo contexto da sua inauguração (centenário de Joinville), enquanto o segundo está localizado em frente à Tupy (uma das maiores indústrias de Joinville) e traz à tona o trabalho fabril como elemento a ser monumentalizado.

Ao tratar de monumentos, é necessário levar em conta que o observador não se posiciona como um ente passivo que absorve o que o objeto patrimonializado

¹ A esse respeito ver: COELHO, Ilanil. **Pelas Tramas de uma Cidade migrante**. Joinville: Univille, 2011. 280 p.

busca comunicar. Pelo contrário, constrói, a partir de sua experiência presente, narrativas próprias, sejam elas da natureza que forem: nostálgicas ou reivindicatórias, de apropriação ou negação. Isso porque, conforme Candau (2010), o patrimônio funciona como um poderoso sociotransmissor, um objeto que – no caso de um monumento – é construído com uma intencionalidade definida e serve como um tipo de ponte na propagação dos sentidos a partir dos quais foi erigido.

Entretanto, o sociotransmissor é também construído pelo seu observador, ao passo que se enquadra dentro dos esquemas de memória daquele que o experimenta, para poder, dentro dessa relação ambivalente, construir significados. É por conta dessa elaboração do sujeito sobre o objeto que essa pesquisa se torna possível. Caso contrário, a narrativa oficial poderia ser tomada como reprodução sem ruídos por todos aqueles que observam um determinado monumento – neste caso, os imigrantes haitianos.

Além do debate sobre monumentos, é fundamental a reflexão acerca da figura do imigrante, visto que a problemática proposta neste trabalho se encontra na relação entre o imigrante e os monumentos. Por isso, cabe trazer à luz uma ideia proposta por Sayad (1998). Para o sociólogo, a imigração está destinada a uma dupla contradição que envolve a relação conflituosa, porém em certos momentos complementar, entre provisoriidade e permanência, resultando em uma condição migrante paradoxal – paradoxal porque se sustenta como a condição que é, justamente por conta das contradições que a definem.

Buscar, portanto, algum esquema que posicione teoricamente o fenômeno da imigração numa dada estrutura predeterminada seria forçar esse paradoxo para longe da análise, visto que estruturas teóricas dependem de elementos logicamente bem estabelecidos – o que não é oferecido pelo paradoxo, justamente por ser uma expressão de contradições que se relacionam em um mesmo espaço (social ou epistemológico).

Adotar um esquema dessa natureza não seria, portanto, pertinente para o foco da pesquisa em questão. Isso porque os significados produzidos pelos imigrantes sobre algum objeto ou contexto social emergem no campo da experiência e essa experiência está imersa em uma condição da qual o paradoxo é um elemento de grande destaque. É a partir desse ponto que as perspectivas trazidas por Thompson (1981) ganham potência, principalmente ao tratar da importância da experiência como

categoria. Dessa forma, aborda a teoria como ferramenta de análise (uma lente) e não como definidora do seu objeto.

Para trazer a experiência dos imigrantes para o centro do debate, é necessária uma leitura da historicidade na qual o processo migratório ocorre. Essa abordagem demanda a procura por dados e trabalhos acadêmicos que permitam o esclarecimento das condições políticas, sociais, econômicas e históricas que compõem o quadro da imigração haitiana para o Brasil. A busca por dados oficiais acerca da imigração haitiana para o Brasil, Santa Catarina e Joinville foi realizada nas páginas e publicações do Ministério das Relações Exteriores, do IBGE e do Ministério do Trabalho e Previdência Social – com destaque para a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Além disso, o levantamento do Estado da Arte sobre o tema da imigração haitiana foi fundamental para a compreensão dos diferentes elementos que compõem um fenômeno social tão complexo, assim como permitiu uma aproximação com as abordagens metodológicas e marcos teóricos utilizados por outros pesquisadores.

Para trabalhar as produções simbólicas dos imigrantes haitianos residentes em Joinville (SC) sobre a cidade e sua condição migrante, foi adotada a metodologia da História Oral. As entrevistas que foram analisadas fazem parte do Acervo do Laboratório de História Oral da Univille (LHO) e foram produzidas para a pesquisa que deu origem à tese "Narrativas imigrantes: tramas comunicacionais e tensões da imigração haitiana em Joinville/SC (2010-2016)", defendida no ano de 2019 por Sirlei de Souza. O trabalho em questão foi produzido no âmbito do Grupo de Pesquisa Cidade Cultura e Diferença², e articulado a diversas atividades resultantes de projetos de extensão³ realizados na Universidade da Região de Joinville (Univille) envolvendo imigrantes haitianos e com a participação de estudantes e professores da instituição.

² Grupo de pesquisa interdisciplinar que abarca pesquisadores, estudantes e professores de diferentes áreas com o objetivo de investigar as relações entre os processos culturais e as transformações das cidades contemporâneas.

³ Entre os projetos de extensão realizados na Univille envolvendo os imigrantes haitianos estão: o projeto voluntário "Direitos Humanos, Cultura e Inserção no Mercado de Trabalho", que ofereceu, no ano de 2016, formação sobre os direitos fundamentais e os direitos trabalhistas no Brasil, e discussões ligadas à história e cultura do Brasil e do Haiti. Para 2017, foi aprovado em edital de demanda interna o projeto: "O Haiti é aqui: Integração de Imigrantes Haitianos na Sociedade Joinvilense", voltado à qualificação e integração de imigrantes haitianos no mercado de trabalho e à produção de conhecimentos sobre a história de vida desses imigrantes. Já no ano de 2018, foi desenvolvido em parceria com a Escola de Educação Básica Dr. Jorge Lacerda, da rede estadual de educação, mais um projeto voluntário denominado "O Haiti é aqui: Aprendendo Juntos", que procurou contribuir para a inserção de crianças e adolescentes haitianas no espaço escolar.

Trata-se de entrevistas realizadas no âmbito de outro trabalho, com uma problemática diferente daquela priorizada aqui. E isso demanda uma reflexão sobre o que Freund (2013) chama de “usos secundários” da História Oral e quais são as suas implicações metodológicas. É importante destacar que o termo “secundário” não se refere a um grau hierárquico de importância ou pertinência das fontes, mas tem a ver com a relação metodológica que elas estabelecem com o objeto de estudo. Dessa maneira, torna-se relevante para o “uso secundário” a atenção a diferentes aspectos referentes às entrevistas, como o contexto de produção das entrevistas e a forma como foram registradas e disponibilizadas.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, foi levantado um conjunto de trabalhos que compõem o Estado da Arte da pesquisa sobre a Imigração Haitiana para o Brasil, Santa Catarina e Joinville. Foram trazidos também debates teóricos acerca da imigração com o intuito de estabelecer um quadro conceitual que auxiliou na análise dos dados e das fontes. Além disso, foi apresentado um panorama sobre a imigração haitiana para o Brasil e para Santa Catarina, que permitiu uma aproximação do problema de pesquisa com processos históricos com os quais se relaciona.

O segundo capítulo teve como foco o “Monumento ao Imigrante” e a obra “O Fundidor”, ambos localizados na cidade de Joinville. A partir desses dois monumentos, foi levantada uma discussão que trata das formas com as quais a imigração e o trabalho se constituíram historicamente como elementos de importância dentro da narrativa identitária da cidade. Para isso, foi necessário confrontar as narrativas propostas por meio dos monumentos citados com elementos ligados à história da imigração para Joinville e com reflexões teóricas sobre memória, e também confrontar a relação que esta estabelece com o conceito de monumento.

Por fim, é no terceiro capítulo que o trabalho aborda mais diretamente a sua temática principal a partir das entrevistas com os imigrantes haitianos residentes em Joinville. As entrevistas, que estão disponíveis no Laboratório de História Oral da Univille, formam o principal corpo documental desta pesquisa. A partir delas, foi possível discutir as produções simbólicas dos imigrantes sobre a cidade e sobre a sua experiência migratória. Em um primeiro momento, foram trazidos elementos ligados aos desafios metodológicos da História Oral e o uso dessa metodologia para os estudos que envolvem o fenômeno migratório. Feita essa exposição, o capítulo passa a se dedicar às análises das entrevistas, a partir das quais serão retomados e

problematizados conceitos já debatidos ao longo do trabalho agora sob as perspectivas trazidas pelos imigrantes no contexto de suas narrativas.

1 A IMIGRAÇÃO HAITIANA

A imigração haitiana para o Brasil é um fenômeno que foi identificado com proporções notáveis a partir da segunda década do século XXI. Em 2010, um terremoto de grande escala atingiu o país caribenho deixando a sua capital, Porto Príncipe, devastada.⁴ Os períodos de intensificação da imigração para o Brasil encontram uma coerência cronológica clara com o desastre natural, o que estabelece uma ligação imediata entre o terremoto e o aumento vertiginoso dos contingentes migratórios vindos do Haiti para o Brasil.

Todavia, cabe salientar que, no campo dos estudos que tratam da imigração, abordagens de causa e efeito, principalmente aquelas que dão primazia a explicações monocausais podem não dar conta de processos que mobilizam tamanha multiplicidade de fatores e que envolvem um sem número de motivações. Pressupostos como estes poderiam dificultar a tarefa do pesquisador de se aproximar de um quadro explicativo satisfatório. Por conta disso, corre-se o risco de o terremoto – evento este que chama a atenção de qualquer interessado sobre o processo migratório haitiano para o Brasil, tanto por conta do seu impacto quanto pela relação cronológica com o crescimento do fenômeno migratório – ser tratado como motivador cabal da imigração haitiana.

Essa perspectiva nubla os mais diversos elementos que, se correlacionados e trabalhados dentro de uma abordagem que leve em consideração contextos culturais, econômicos e de políticas internacionais, têm o potencial de fazer valer parte da imensa complexidade que envolve não só a imigração haitiana, mas qualquer estudo que se volte a entender processos migratórios contemporâneos.

Estudar a imigração haitiana para o Brasil, portanto, demanda um esforço em termos de aproximação com diferentes elementos: o histórico de imigrações que o Haiti já possuía muito antes de essas populações se voltarem ao Brasil; o cenário econômico global e a forma como Brasil e Haiti nele se posicionavam na passagem da primeira para a segunda década do século XXI; as políticas migratórias brasileiras e dos países para os quais historicamente os haitianos mais migravam; além de,

⁴ Sobre os efeitos imediatos do terremoto no Haiti, ver: DISASTERS EMERGENCY COMMITTEE (Reino Unido). HAITI EARTHQUAKE. Disponível em: <https://www.dec.org.uk/appeal/haiti-earthquake-appeal> Acesso em: 11 out. 2021

principalmente, as aspirações e motivações pessoais dos imigrantes – estas que se constroem na relação entre as suas subjetividades, experiências cotidianas e as mais diversas condições contextuais. Portanto, neste capítulo, serão discutidos aspectos teóricos que envolvem a pesquisa sobre a imigração, as características da imigração haitiana para o Brasil e para Santa Catarina e a própria condição migrante.

O debate acerca da condição migrante parte, nesse sentido, de uma associação entre a imigração e o trabalho, proposta por Sayad (1998), que reflete, inclusive, na escolha dos monumentos que foram estudados no decorrer da pesquisa – um que trata da figura do imigrante (Monumento ao Imigrante) e outro que tem como tema o trabalho e o trabalhador (O Fundidor). Para perceber em que termos essa associação ocorre, adotou-se uma postura teórica que busca dar primazia à experiência do imigrante dentro de sua historicidade, a partir das ideias defendidas pelo historiador E. P. Thompson.

1.1 ESTADO DA ARTE

Para a realização do levantamento do Estado da Arte sobre o tema imigração haitiana, foi feita uma varredura na plataforma CAPES dos anos de 2015 a 2020. Além dessa aproximação, foram levantadas teses de doutorado e uma dissertação de mestrado que tratam do tema. Como o presente trabalho está inserido no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille (PCS), o caráter interdisciplinar do PPG é refletido na variedade de áreas do conhecimento dos textos recolhidos.

Em estudo recente, Wander Emediato (2020), partindo do campo das ciências da linguagem, traz uma análise sobre os enquadramentos discursivos acerca da migração e tem o objetivo de avaliar os processos de banalização e estimacão dos imigrantes que ocorrem na França e no Brasil. Ao estudar a imigração no Brasil, Emediato (2020) afirma que esta ocorre em diferentes épocas, com origens diversas e que constituem a miscigenação e a mistura de etnias do povo brasileiro. A partir de 1960, o país deixa de ser receptor e passa a ser expulsor de trabalhadores, principalmente para os Estados Unidos – tendência constante até recentemente,

quando o Brasil voltou a receber imigrantes, especialmente de Portugal, Bolívia e Haiti.

Outro fator que vem ganhando espaço no campo da pesquisa é o caso dos refugiados, que deixam seu país de origem por conta das guerras, perseguições políticas, catástrofes naturais, pobreza e problemas econômicos. Ao abordar a questão, a mídia expressa que o termo “refugiado” se torna um problema de Estado, pelo fato de dispositivos jurídicos passarem a ser criados para atender às necessidades destes povos (EMEDIATO, 2020).

O método utilizado na pesquisa citada parte da dinâmica dos estudos discursivos. O autor busca reações de leitores internautas que expressam suas opiniões sobre o processo de imigrantes e a chegada destes ao Brasil. O que se pode observar é que, quando se faz referência aos imigrantes europeus do fim do século XIX e início do século XX, ocorre uma certa romantização destes personagens por parte do imaginário nacional. Porém isso não acontece atualmente: o imigrante contemporâneo passa agora a ser visto como uma espécie de usurpador dos empregos, causador de problemas, violência e desestruturação do país (EMEDIATO, 2020).

Com relação à pesquisa realizada na França, o autor faz uso do dossiê publicado pela revista MScope: *Images de l’immigration dans les médias*, de 1993, e da tese de Simone Bonnafous, de 1990, *L’immigration prise aux mots*. Esses dois documentos abordam o tema que constitui o chamado “problema da imigração” na França. O estudo realizado pela pesquisadora Bonnafous tomou como base a análise de textos publicados em jornais franceses.

Segundo esses estudos, é possível perceber, a partir dos anos 1980, uma banalização e homogeneização da figura do imigrante por meio da imprensa jornalística, o que favorece discursos sobre crise e xenofobia e uma dialética entre “eles e nós”. Nesse contexto, o imigrante francês é observado como um indivíduo delinquente, uma classe exterior dentro do espaço nacional (EMEDIATO, 2020).

O dossiê da revista MScope aborda a questão do estereótipo que percebe o imigrante indesejado como um adolescente negro ou árabe, apreciador de rap e pichador, desempregado e por vezes violento. Já o bom imigrante trabalhador usa roupas de operário, atua em canteiros de obra, como servente em hospitais, lixeiro ou limpando as ruas de Paris. Este imigrante estaria ocupando o espaço que lhe é conveniente na sociedade (EMEDIATO, 2020).

No Brasil, observou-se o processo migratório europeu como algo positivo, um sucesso histórico nos séculos XIX e XX. No entanto, a partir dos anos 2000, as imigrações contemporâneas passaram a ser vistas como problema e o imigrante como um invasor perigoso que coloca em risco a estabilidade e o emprego do povo brasileiro “genuíno” (EMEDIATO, 2020).

Segundo Emediato, no campo jornalístico, é perceptível a banalização do chamado “problema da imigração”. O imigrante é colocado em situação de vítima, convocando o leitor para atitudes de solidariedade e de justiça social. Como consequência, esses elementos pautam o debate político e social, silenciando outras práticas que poderiam contribuir positivamente para a questão da imigração e os elementos que lhe são atribuídos (EMEDIATO, 2020).

A pesquisa realizada por Melo e Lara (2019), de título “A Busca dos Haitianos pelo ‘Sonho Brasileiro’: A Real Garantia de Direitos dos Imigrantes do Brasil” visa observar de que maneira ocorrem violações dos direitos dos imigrantes haitianos no país. O estudo relaciona a realidade deste povo com os desafios enfrentados no dia a dia. Também aponta as causas e as consequências das violações aos seus principais direitos ao se inserirem em uma nova cultura, com costumes que terão que ser assimilados por este indivíduo que traz consigo a expectativa de um recomeço ou de condições mais favoráveis à sua existência. Apesar da ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados) buscar garantir a aplicação dos direitos, dar apoio e proteção aos refugiados, muitos países ainda não praticam essas recomendações.

O desastre natural que ocorreu em 2010 agravou muito a situação precária da população haitiana. Além do fato de o governo do Haiti não disponibilizar uma rede de saneamento básico eficiente aos habitantes antes do terremoto, por causa do desastre a área da saúde ficou totalmente comprometida. (MELO; LARA, 2019).

Diante desse cenário, muitos cidadãos haitianos viram a necessidade de procurar em outros países condições de manter a subsistência deles mesmos e de seus familiares, buscando trabalho em países da América do Sul, em especial, no Brasil, onde recebem um visto de trabalho. A Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, conforme os artigos 352 a 371, garante direitos trabalhistas aos imigrantes no país, porém, segundo Melo e Lara (2019), esses direitos não estão sendo respeitados.

Processos relacionados à documentação, atitudes de discriminação, práticas de xenofobia e exploração do trabalho são situações regulares enfrentadas pelos

imigrantes. A condição de refugiados ambientais não os torna enquadrados na mesma proteção jurídica nacional e internacional à qual os refugiados de guerra ou perseguidos políticos, por exemplo, teriam acesso. Portanto, o que se percebe é que os haitianos, na condição de imigrantes, encontram muitos obstáculos e desafios, tendo seus direitos básicos violados e sendo segregados (MELO; LARA, 2019).

A pesquisa percebe que o egocentrismo e o individualismo têm se mostrado uma marca da sociedade e que atitudes como o preconceito e a violação de direitos agravam significativamente a situação psicológica desses povos, desencadeando, inclusive, transtornos mentais (MELO; LARA, 2019).

Em “A presença de haitianos no oeste catarinense: o encontro com a branquitude”, a socióloga Claudete Gomes Soares (2020) realiza um estudo por meio de entrevista semiestruturada com quinze estudantes universitários haitianos na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), com idades entre 23 e 34 anos, que ingressaram na universidade através de um processo seletivo especial, denominado “Pró-Haiti”.

O objetivo foi evidenciar os significados atribuídos por esses entrevistados, seja como moradores da cidade de Chapecó, seja como estudantes da UFFS em um contexto em que a presença negra por meio de imigrantes haitianos se depara com uma região que constrói sua identidade baseada na branquitude e na descendência europeia. A pesquisa também procura explorar a forma como esses imigrantes são recebidos e percebidos na região, e se há uma percepção de poder construída pela representação racial tanto na cidade como na universidade. Segundo a autora, a pesquisa foi realizada em 2014 e ainda se encontra em andamento.

Chapecó é a 2ª cidade do Brasil com o maior número de imigrantes haitianos, e está situada no estado de Santa Catarina, que, por ter sido colonizado por imigrantes europeus, possui um imaginário romantizado que afirma o estado como a “Europa encrustada no Brasil” associando, portanto, essa origem e atribuindo a si um maior valor humano em comparação aos demais grupos que habitam a região, sendo estes: indígenas, caboclos e recentemente os haitianos (SOARES, 2020).

A pesquisadora observa que ocorre nessa região um processo de estereotipagem relacionada aos imigrantes negros. A relação de poder dos moradores da cidade com os haitianos é percebida na agroindústria, em que os postos de trabalho mais pesados e exaustivos e que exigem pouca qualificação são destinados a eles (SOARES, 2020).

Um fator importante a ser observado é como os haitianos percebiam o Brasil a partir do Haiti e o choque entre os chamados Brasil festivo e Brasil real. Para o grupo entrevistado no estudo, a primeira visão do Brasil seria a de um país parecido com o Haiti, com um passado colonial, marcado pela presença de pessoas negras, que compartilhavam a mesma paixão pelo futebol e que seria um povo alegre e receptivo. Uma das estudantes entrevistadas afirmou inclusive que não sabia da existência de brancos no Brasil (SOARES, 2020).

Os entrevistados percebem que, por ser Chapecó uma cidade com maioria branca, os moradores passam a ter o poder de estigmatizar e estereotipar o outro e, por esse motivo, Chapecó torna-se um lugar desconfortável e impossível de permanecer. O olhar de estranhamento, o olhar excessivo, o distanciamento social promove um desconforto sobre esses imigrantes no oeste catarinense. Para eles, o racismo e a discriminação com os quais se depararam foi uma surpresa (SOARES, 2020).

Já na perspectiva historiográfica, Ana Lúcia da Silva, no artigo “Imigrações na América Latina em Tempos de Globalização e a Mídia” (2020), retrata a imigração de venezuelanos para o Brasil e os conflitos ocorridos entre os moradores da cidade de Pacaraima/RR, e práticas de xenofobia.

Observou-se que tanto a imigração que parte da América Central quanto da Venezuela ocorrem com o objetivo de melhora das condições de vida, bem como de mudar a situação de desigualdade e exclusão social, comum no cotidiano desses imigrantes, que procuram em outro país a solução para a situação de pobreza na qual se encontram. Nessa busca, é comum se depararem com a violência, a discriminação e o preconceito, porque são vistos como ameaça ao bem-estar e à ordem pública do país de destino (DA SILVA, 2020).

Essa busca, na maioria das vezes, pode ser extremamente arriscada, porque muitos fazem a viagem a pé por quilômetros, outros entre vagões de trem e até sobre os trens. Escassez de água, de comida, de dinheiro, roubo, doenças e acidentes são algumas das dificuldades que esses indivíduos enfrentam. Visando amenizar parte desse sofrimento, vão se construindo pelo caminho redes de solidariedade, que procuram ajudar os imigrantes com alimentação, água, medicação, cuidados com ferimentos e abrigo para que possam descansar (DA SILVA, 2020).

As conclusões apontadas por Ana Lúcia da Silva mostram que, em tempos de globalização e expansão do capitalismo, os processos migratórios na América Latina

tendem a continuar, e políticas públicas precisam ser pensadas para tratar a questão migratória ilegal em conformidade com os direitos humanos.

A autora também trata da imigração haitiana para o Brasil no seu artigo “Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil” (2017). Nesse trabalho, foram realizados 279 questionários com imigrantes haitianos com idade entre 18 e 50 anos, com o objetivo de avaliar qual o real valor das redes de solidariedade e quanto essas redes contribuem para a escolha do imigrante para um determinado lugar. Para o levantamento de dados para a pesquisa, buscaram-se informações nos registros da Polícia Federal, do Grupo de Estudos Migratórios na Amazônia (Gema) entre 2014 e 2015, e também dos Observatórios das Migrações da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), da Fundação Universidade Federal de Rondônia (Unir) e da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) (DA SILVA, 2017).

Em relação às redes, a pesquisa priorizou o movimento da rede de solidariedade da Igreja Católica, denominado Pastoral do Imigrante. Segundo o levantamento, a Pastoral do Imigrante contribuiu oferecendo abrigo, alimentação, acesso à circulação dentro do território brasileiro, apoio jurídico, psicológico e inserção em diversas áreas de trabalho. No caso da Pastoral do Imigrante, a rede atua onde o Estado brasileiro se ausenta (por limitar-se apenas à confecção de um documento provisório ao imigrante) e, por isso, a passa a ser incorporada pelo imigrante haitiano, independentemente da sua vertente religiosa.

Outros apoios também ocorreram por meio do ensino da língua portuguesa e de cursos profissionalizantes como de artesanato, com a intenção de promover alguma fonte de renda, além da inclusão sociocultural, muitas vezes dificultada pela discriminação e o preconceito racial presentes no Brasil (DA SILVA, 2017).

Viviane Mozine Rodrigues, Doutora em Ciências Sociais, e Vinícius Francisco Marchese, mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo, no artigo de título “Migração haitiana para o Brasil: problemática e perspectivas”, buscam perceber a migração haitiana a partir de múltiplos fatores, como instabilidade política, pobreza extrema e exclusão social combinada ao desastre ambiental que ocorreu em 2010 (RODRIGUES; MARCHESE, 2016).

Segundo os autores, no século XX, o Haiti aparece entre um dos piores países no que se refere ao desenvolvimento humano na América Latina. Nesse contexto, grupos numerosos de haitianos empreenderam um processo migratório caro, longo e

sofrido em busca de oportunidades de trabalho no Brasil (RODRIGUES; MARCHESE, 2016). Essa dinâmica fez com que muitos imigrantes não possuíssem os documentos adequados para a entrada e permanência no Brasil. A solução encontrada seria, então, solicitar visto de refugiados. Porém, o Comitê Nacional para Refugiados (Conare) considerou as solicitações sem fundamento, pois esses imigrantes não eram perseguidos em seu país de origem (RODRIGUES; MARCHESE, 2016). Diante disso, o Conare decidiu conceder visto por razões humanitárias, o que permitia a entrada de cônjuges e familiares.

Até o fim de 2015, a Polícia Federal apontou a presença de mais de 65 mil imigrantes haitianos em território brasileiro, a maioria tendo em média de 29 a 34 anos, sendo estes do sexo masculino com formação entre 1º e 2º grau incompletos. Há registros, porém, de muitos imigrantes com curso superior, como advogados, engenheiros, entre outras profissões, que falam até 4 idiomas e que buscavam uma colocação no mercado de trabalho em qualquer setor, como a indústria e a construção civil (RODRIGUES; MARCHESE, 2016).

Em 2015, no entanto, houve uma queda significativa em relação a pedidos de vistos e, em 2016, a Polícia Federal constatou a saída de haitianos que haviam se estabelecido e estavam regularizados no país. O desemprego é apenas um dos fatores que levam a esse movimento. Outras dificuldades alegadas foram relacionadas ao idioma, habitação, formação, saúde, discriminação e segurança social. A pesquisa aponta que ainda ocorre a entrada de haitianos no Brasil, porém muitos optam por outras rotas migratórias onde outras possibilidades podem ser encontradas (RODRIGUES; MARCHESE, 2016).

No artigo “O Haiti é Aqui: mídia, imigração haitiana e racismo no Brasil”, Denise Cogo (2018) busca apresentar os resultados de uma pesquisa realizada que trata da representação e da difusão das relações raciais criadas por imigrantes haitianos no Brasil. Foram realizadas entrevistas com 15 imigrantes nos anos de 2015 e 2017 com o objetivo de entender como ocorre a interação entre relações sociais, migrações transnacionais e mídia. No artigo, é citado que, a partir de 2008, o Brasil passou a ser novamente receptor de grupos migrantes, fenômeno que havia diminuído no período pós-guerra. Esse fato ocorreu também como consequência do endurecimento das leis de imigração nos países da América do Norte e da crise global que nesse período ocorreu nos Estados Unidos e Europa (COGO, 2018).

Naquele momento, o Brasil apresentava uma economia equilibrada e havia uma demanda por obras de infraestrutura em consequência da Copa do Mundo em 2014 e das Olimpíadas em 2016. Em 2010, o terremoto que vitimou o Haiti provocou, de acordo com a autora, um grande fluxo migratório para o Brasil. Muitos imigrantes foram alocados nos setores da indústria, construção civil, transporte, alimentação e segurança (COGO, 2018).

“Migração e Periferização: O Caso dos Haitianos em Guaianases/SP e os Desafios do Pertencer” (OLIVEIRA, Adriana Capuano de; et al, 2019) é o título de um artigo que comunica os resultados de uma pesquisa feita por meio de entrevistas, acompanhada de visitação pelo bairro Guaianases. O estudo teve como objetivo investigar os problemas que o imigrante haitiano enfrenta ao chegar ao Brasil – país que, por um lado, facilita a entrada ao proporcionar o visto humanitário, e que, por outro, possui uma deficiência considerável em políticas públicas de inserção desses imigrantes à sociedade brasileira (OLIVEIRA, Adriana Capuano de; et al, 2019).

Na cidade de São Paulo, o número de imigrantes haitianos é bastante expressivo. Quando chegam a São Paulo, muitas vezes são recebidos em centros de acolhimento que funcionam como lar temporário. Para conseguir um lugar para morar, procuram bairros periféricos onde os custos de moradia são mais acessíveis em relação às regiões mais centrais da cidade. O bairro de Guaianases está situado no extremo leste da cidade de São Paulo, e tem uma forte relação com as muitas migrações recebidas no decorrer dos séculos. Nesse contexto, ocorre o desenvolvimento da comunidade haitiana naquela região, o que acaba por constituir uma dimensão de pertencimento (OLIVEIRA, et al, 2019).

O estudo conclui que a configuração do bairro como um espaço ocupado por pessoas de diferentes matrizes culturais, embora possa trazer, num primeiro momento, uma sensação de estar entre iguais, também acaba criando fronteiras simbólicas entre o “nós” e o “eles”. O país que os recebe não possibilita a garantia de direitos como saúde, moradia e direitos trabalhistas. Em meio a tantos desafios, o imigrante se organiza em associações com intenção de resolver a falta de moradia e de inclusão (OLIVEIRA, et al, 2019).

Com uma aproximação através da bibliografia, a pesquisa que baseia o artigo “Multiculturalismo Liberal e Imigração: Os Limites e a Política e a Diferença”, realizada por Raquel Fabiana Sparemberger e Bruno Heringer Junior (2016), aborda a ocorrência do fenômeno da migração como um fator cada vez mais intenso na era

contemporânea. Esses processos constituem pluralismos étnicos, raciais e religiosos em razão dos movimentos migratórios e de refugiados, que buscam por melhores condições de vida (SPAREMBERGER; JUNIOR, 2016).

A situação aludida desafia os governantes para ações que possam delimitar e legitimar os espaços onde representações humanas divergentes possam ter seus direitos aplicados conforme previsto pela lei do Direito Internacional acerca dos Direitos Humanos. Esse multiculturalismo presente nos Estados contemporâneos faz com que seja necessária a busca por uma postura ético-política que incorpore a questão migratória no contexto global e na afirmação da diversidade e do conceito de cidadania (SPAREMBERGER; JUNIOR, 2016).

Tal conceito, em muitos casos, ainda se encontra restrito ao território e define quem pode ou não ter acesso aos direitos em totalidade. Com o enfrentamento das crises econômicas, como a fome e o desemprego, ou os conflitos violentos como guerrilhas, rebeliões e criminalidade, a diversidade cultural está se acentuando nas últimas décadas em consequência das migrações e dos refugiados. Para os autores, o idioma é uma das maiores barreiras e, quando não há uma rede de apoio, o estrangeiro busca contato com outros imigrantes do país de origem, reforçando o isolamento em relação aos nativos. Desse modo, criam-se problemas psicológicos, de identidade e de pertencimento (SPAREMBERGER; JUNIOR, 2016).

De acordo com Sparemberger e Junior (2016), o artigo 13 da Declaração Universal dos Direitos do Homem, lei criada em 1948, compreende que todo indivíduo tem o direito de sair de seu país e de retornar quando lhe for conveniente. Portanto, em relação aos imigrantes e refugiados, seria necessária a criação de um sistema de justiça internacional, que reconhecesse esses indivíduos como grupos vulneráveis e oferecesse proteção. Nesse sentido, deveriam ser criadas políticas públicas para assegurar o atendimento das necessidades humanas básicas e instituído um direito interno nos países receptores para possibilitar o acesso ao trabalho, à saúde, educação e moradia para que os imigrantes consigam viver com dignidade (SPAREMBERGER; JUNIOR, 2016).

A tese de doutorado de Luís Felipe Magalhães, de título “A Imigração Haitiana em Santa Catarina: O Perfil Sociodemográfico do Fluxo, Contradições da Inserção Laboral e Dependência de remessas do Haiti (2017)”, aborda como os meios de produção capitalista propiciam desigualdades sociais nacionais e internacionais, que causam uma mobilidade espacial crescente nos países em que a população não se

encontra inserida na divisão internacional do trabalho. O texto é apresentado em três fases: a primeira aborda a História do país; a segunda trata das questões políticas, econômicas e sociais; e a terceira, a imigração haitiana para Santa Catarina, com destaque para Balneário Camboriú.

O Haiti, visto nos tempos de colonização francesa como um país próspero da América Central, na atualidade, passou para a categoria de país mais pobre das Américas. Fenômenos de ordem política e ambiental estimulam uma grande parte de cidadãos haitianos a buscarem melhores condições de vida em outros países. A partir de 2010, esse imigrante percebe o Brasil como um país de possibilidades, visto que a economia se encontra em ritmo de crescimento, as indústrias aumentam sua produção e a expansão no ramo da construção civil amplia a contratação de novos trabalhadores (MAGALHÃES, 2017).

O trabalho reúne registros de pesquisa de campo, dados demográficos, questionários e entrevistas, objetivando situar o imigrante haitiano no contexto socioeconômico do Brasil, bem como compreender a inserção deste imigrante no estado de Santa Catarina e as suas movimentações dentro do estado. Ademais, o trabalho aborda a dinâmica migratória e o envio de remessas a familiares como fatores que influenciaram a economia no próprio Haiti (MAGALHÃES, 2017).

Desse modo, os primeiros haitianos que se fixaram em Balneário Camboriú, e que haviam sido recrutados no Acre, trabalharam como garis no município, assim como outros se direcionaram para o trabalho no porto de Itajaí ou foram trabalhar na construção civil em Navegantes. Posteriormente, os imigrantes passaram a exercer diferentes funções em outros setores, com destaque para os supermercados e os trabalhos na cozinha e na limpeza. Notou-se, com a análise dos dados apresentados na pesquisa, que o Haiti se encontra em uma dependência migratória e de envio de remessas, a partir da qual ocorre uma seletividade migratória em que as mulheres ainda são minoria e os empregos estão majoritariamente associados a tarefas de alta exigência física (MAGALHÃES, 2017).

A seguir, serão apresentados trabalhos que tiveram como elemento de sua temática a condição dos imigrantes haitianos especificamente em Joinville. Portanto, há uma aproximação contextual mais intensa com o foco da presente pesquisa. Além do recorte geográfico, a dissertação apresentada por Michels (2018) e a tese de autoria de Souza (2019), levantam aspectos acerca das subjetividades, narrativas e relações socioculturais desenvolvidas pelos imigrantes haitianos na cidade de

Joinville. Logo, é inegável a importância dessas obras para o debate sobre as produções simbólicas e relações de pertencimento dos imigrantes haitianos em relação à cidade.

A literatura que trata dessa temática em nível nacional ou sobre as mais diferentes localidades é de grande auxílio tanto teórica, metodológica quanto empiricamente. Contudo, as especificidades que o recorte geográfico traz consigo carregam variáveis das mais diversas, cujo potencial de influência nas produções simbólicas não pode ser ignorado. A história da cidade, suas características culturais, econômicas e demográficas são os elementos com os quais os imigrantes se deparam ao construir sua experiência e, por isso, importantes pontos que se relacionam com o sujeito na construção das suas identificações – foco da pesquisa aqui desenvolvida.

Primeiramente, defendida no ano de 2018, a dissertação de mestrado intitulada “Cognição e Cultura: um diálogo interdisciplinar sobre o *Lakou* haitiano e suas manifestações na condição migrante”, por Maikon de Sousa Michels, teve como objetivo perceber de que modo elementos culturais do Haiti influenciaram na estruturação cognitiva dos imigrantes haitianos na cidade de Joinville. O trabalho destaca o conceito de *Lakou*, que é entendido como uma forma de organização social nascida nos campos ao final da revolução haitiana (1804) e que atualmente se manifesta também em locais diferentes da sua origem. Para isso, o autor buscou identificar e interpretar as dificuldades sofridas, as estratégias de enfrentamento, os fatores de stress, e as emoções e cognições destas pessoas na condição de imigrantes. A metodologia aplicada baseou-se em entrevistas semiestruturadas, em observação etnográfica e em obras bibliográficas (MICHELS, 2018).

Em um primeiro momento, o autor procurou compreender quais as dificuldades encontradas pelos imigrantes haitianos na cidade de Joinville. Foram percebidas como dificuldades o preconceito étnico, os baixos salários, a dificuldade para enviar remessas de dinheiro aos parentes no Haiti e o desemprego. O foco foi apontar o que eles interpretavam como adversidades, e não discutir questões históricas, econômicas e sociais que impulsionaram tais adversidades.

Michels (2018) apresenta o *Lakou* como um espaço de convivência e produção sociocultural, que se destaca por sua importância diversa, como por exemplo a produção de alimentos e a presença de cemitérios. Essa prática acaba também por se reproduzir em áreas urbanas, mesmo que tenha se desenvolvido, em um primeiro momento, em ambientes rurais. Por meio desse trabalho, concluiu-se que os

elementos culturais contribuem significativamente para a estruturação cognitiva de um grupo. Desse modo, a pesquisa provoca a ideia de que é a partir da sua estruturação cognitiva, fabricada sob a influência das relações culturais, que o imigrante haitiano enxerga e significa os elementos que constituem a condição migrante.

Por fim, a tese de título “Narrativas Imigrantes: Tramas Comunicacionais e Tensões Da Imigração Haitiana Em Joinville/SC (2010-2016)”, escrita por Souza (2019), teve por propósito analisar as narrativas e o processo migratório internacional com foco no imigrante haitiano na cidade de Joinville, por meio de entrevistas e da imprensa jornalística. A principal ferramenta metodológica foi a História Oral, a partir da qual foram produzidas dez entrevistas, nas quais são narradas experiências acerca do espaço percorrido até o lugar de destino, como essas pessoas se percebem na sua condição de imigrante e as estratégias para enfrentar as adversidades e criar vínculos de pertencimento em um novo espaço cultural.

Foram realizadas, também, pesquisas no jornal A Notícia, cujo material se encontra no Arquivo Histórico de Joinville, para perceber o modo como a imprensa escrita se refere ao imigrante haitiano, assim como publicações referentes aos fenômenos migratórios que abordam a complexidade dos deslocamentos urbanos associados ao capitalismo.

A autora aborda a perspectiva de que alguns países passaram a tomar atitudes que dificultam a inserção de imigrantes sob o pretexto de que estes representam uma ameaça aos cidadãos nativos. A partir de 2008, o Brasil passou a receber um número significativo de imigrantes haitianos, e esse processo se intensificou com o terremoto de 2010 ocorrido no Haiti. Imersa nesse cenário, a cidade de Joinville acompanhou a chegada de um contingente expressivo de imigrantes haitianos negros em um ambiente no qual existe uma narrativa que vincula a cidade a origens germânicas. À vista disso, a pesquisa problematizou a questão do estranhamento que, por vezes, ocorre e como essa relação humana se desenvolve no espaço urbano (SOUZA, 2019).

Por meio da leitura e análise dos trabalhos produzidos sobre a imigração haitiana para o Brasil, é possível perceber que o tema vem sendo tratado a partir de diferentes focos e abordagens metodológicas, além de levantar questões das mais diversas. Destaca-se a importância do tema justamente porque ele mobiliza um leque tão amplo de disciplinas e abordagens, o que evidencia a complexidade e a relevância da imigração haitiana como objeto de pesquisa.

Alguns dos desafios da pesquisa apresentada aqui envolvem o esclarecimento da problemática e a delimitação dos contornos teóricos e metodológicos, bem como a seleção e trato das fontes utilizadas no trabalho. Diante de tais desafios, os trabalhos mencionados foram fundamentais para uma aproximação do grande fenômeno que é a imigração haitiana, além de apresentarem importantes indicativos sobre quais caminhos percorrer durante os seus estudos.

1.2 IMIGRANTES, IMIGRAÇÃO E TRABALHO: CONTRADIÇÕES E PARADOXOS

Estudar a imigração é lidar com um tema que não possui uma teoria acabada, ou, indo mais além, que possui uma teoria própria. Isso porque a imigração se configura como um processo permeado de multiplicidade e, por isso, não se deixa explicar de outro modo a não ser por aproximações que levem em conta uma infinidade de elementos que a atravessam. De todo modo, mesmo ciente disso, o pesquisador se vê frente a uma impossibilidade de explicar a imigração em sua totalidade, tornando-se necessária a realização de recortes específicos – mas tendo ciência da complexidade que cerca o objeto.

É por conta desses desafios teóricos que Sayad (1998) afirma que a imigração se configura como um “fenômeno social complexo”. Esse dilema torna necessárias abordagens de diferentes disciplinas do conhecimento, a aplicação de suportes metodológicos variados, e pressupõe debates teóricos que se encontram longe de estarem esgotados. Complexidade essa que, somada ao contexto de globalizações, fenômeno condicionante das transformações dos movimentos migratórios, apresenta um campo teórico denso e desafiador para o trabalho acerca da imigração contemporânea.

A perspectiva de Sayad (1998) se mostra valiosa no que compete a uma aproximação com elementos teóricos que se relacionam com a figura do imigrante e com o fenômeno migratório. Sayad (1998) propõe a ideia de uma dupla contradição definidora da categoria “imigrante”. Para o autor, essa contradição se explica como sendo um estado provisório que se prolonga indefinidamente, ao mesmo tempo em que é percebido como um estado mais duradouro, mas vivido com um profundo sentimento de provisoriedade. Essa condição dúbia servirá como pressuposto para

boa parte da discussão de Sayad, e será central na reflexão sobre o tema deste trabalho.

É importante destacar que o trabalho de Sayad (1998) trata especialmente dos imigrantes argelinos residentes na França, fazendo comparações pontuais e esporádicas com outros grupos de imigrantes em outros países. Essa especificidade do trabalho produzido por Sayad, todavia, é importante que seja destacada. O próprio autor a põe em discussão quando trata das comparações entre a imigração argelina para a França e imigrações cuja sociedade de emigração – aquela de onde saem os imigrantes – não tenha mantido relações coloniais com a sociedade de imigração.

Retomando o paradoxo da condição do imigrante, Sayad (1998) defende que essa contradição, impondo a todos a ilusão de um estado que não é provisório e nem definitivo, diz respeito aos três “personagens” do processo migratório: o migrante, a sociedade de emigração e a sociedade de imigração – aquela na qual o imigrante se introduz. Ao entrar em uma sociedade que sente ser hostil, o migrante precisa, por vezes, se convencer (mesmo que contra as evidências materiais) da provisoriedade da sua condição, como um acalento para as dificuldades enfrentadas. A sociedade de emigração, por sua vez, tende a tratar a situação como uma simples ausência, chamando seus ausentes a retornarem idênticos ao que eram para o lugar que só deixaram provisoriamente. Por fim, a sociedade de imigração, ou sociedade de recepção, tende a desenvolver um estatuto do trabalhador imigrante, estabelecendo condições de experiência laboral específicas ao imigrante, porém sua presença nunca é reconhecida como permanente. E, mesmo que dure toda a vida, é tratada como uma provisoriedade que se estende indefinidamente.

Os conceitos apresentados constroem um mapeamento dos atores que compõem o processo e, ao passo que são destrinchados, revelam as suas participações no cenário estudado. Porém, a imigração haitiana para o Brasil, como qualquer fenômeno histórico, apresenta suas peculiaridades. As sociedades de imigração, em geral, são caracterizadas pelo desenvolvimento econômico e industrial, classificando tautologicamente as sociedades de emigração como países subdesenvolvidos e com passado colonial. O conceito se encaixa perfeitamente no caso do Haiti. Contudo, o Brasil – que nessa relação ocupa o papel de sociedade de imigração – é sabidamente possuidor de um passado colonial, assim como a terra natal dos imigrantes que não raro atravessam suas fronteiras em busca de diferentes condições de vida fora do seu país de origem.

O que pode ser retirado desse impasse é que, para além de um conceito definidor do que é uma sociedade de imigração ou de emigração, esses papéis podem ser desempenhados pelas mesmas nações em diferentes momentos – a variável sendo as posições ocupadas pelos países na hierarquia geopolítica. O Brasil, por exemplo, exerce o papel de sociedade de emigração ao se relacionar – nesses termos – com países como os EUA ou o Canadá, ao mesmo tempo em que pode ser identificado como sociedade de imigração ao estabelecer relação com o Haiti.

De acordo com Sayad, outro elemento definidor da condição do imigrante é o trabalho. Para o autor:

Foi o trabalho que fez nascer o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser. E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o “mercado de trabalho para imigrantes” lhe atribui e no lugar que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes. (1998, p. 54)

Essa ideia parte de uma análise que aponta o crescimento econômico como o grande consumidor da imigração. A figura do imigrante seria, então, construída nos moldes da demanda que ele viria suprir: a necessidade por mão de obra. Dessa forma, Sayad (1998, p. 54) define que “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”.

Em todo caso, seria injusto com o autor encerrar a discussão dessa forma. Claramente, o imigrante não se limita a essa força de trabalho provisória e em trânsito – seria no mínimo reducionista declarar tal afirmação sem os devidos pormenores. Esse conceito de imigrante está muito mais ligado ao que a sociedade de imigração espera dele e não àquilo que ele é, como agente social complexo. Para entender essa afirmação, é necessário levar em consideração um ponto central de Sayad (1998) em sua análise: a avaliação de “custos” e “lucros” da imigração.

Isso diz respeito sempre à economia da sociedade de imigração, que busca no processo migratório maximizar os “lucros” (econômicos) e minimizar os “custos” (sociais). Essa avaliação, contudo, tende a se transformar com a mudança da situação econômica da sociedade de imigração. No momento em que a imigração deixa de ser “vantajosa”, torna-se viável correr o risco de pôr às claras a contradição, já mencionada, com o objetivo de declarar abertamente a provisoriedade da condição do imigrante (SAYAD, 1998).

As formas com que esses discursos reveladores se manifestam são infinitas, porém, “não há fala, não há discurso sobre a imigração, mesmo os mais hostis, que não apelem para a moral, ou seja, para as boas intenções e os bons sentimentos, para os interesses simbólicos a eles ligados” (SAYAD, 1998 p. 60).

Os discursos sobre a imigração – e sobre os imigrantes – são sempre, invariavelmente, permeados pela moral, e desvelam o paradoxo da imigração quando esta não é mais tão vantajosa quanto se esperava. O crescimento do número de haitianos vindos para o Brasil coincidiu exatamente com um período economicamente favorável para o país, momento em que a chegada dessa mão de obra imigrante não poderia ser mais vantajosa. Mas o que aparentemente demonstra uma ligação direta com a economia pode esconder outro cenário. Ao tratar da relação entre economia e imigração, Sayad questiona:

Com relação às múltiplas vantagens, materiais e simbólicas – estas mais maleáveis do que as primeiras, pois acomodam-se menos com a confissão da realidade – que a imigração oferece, como explicar que se esteja voltando, correndo o risco de aguçar as contradições, para uma concepção “verdadeira”, mais realista, quando não cínica, da imigração? (1998, p. 63)

O autor dá seguimento a seus questionamentos: “Será realmente por causa do que chamamos de ‘crise econômica’? [...] Não será porque os próprios imigrantes mudaram?” (SAYAD, 1998, p. 63). Nesse momento, cabe retomar o conceito defendido pelo autor sobre o que é um imigrante. É com a frustração dessa ideia construída pela sociedade de imigração que a mão de obra imigrante deixa de ter “custos” baixos o suficiente, e passa a não atender mais às demandas para as quais fora evocada – ao menos não da forma com a qual foi idealizada. No centro desse debate, Sayad aponta que:

[...] na medida em que dura a imigração, porque não se emigra e não se imigra impunemente, produz-se, entre os imigrantes, uma inevitável reconversão de suas atitudes em relação a si mesmos, em relação a seu país e em relação à sociedade na qual eles vivem cada vez por mais tempo e de forma mais contínua e, principalmente, frente às condições de trabalho que essa sociedade lhes impõe. (1998, p. 65)

Um grupo que se estabeleceu em uma localidade, seja ela a França ou o Brasil, através de um processo migratório, com o passar do tempo, sofre uma série de transformações nas formas com as quais se relaciona com a sociedade de imigração e consigo mesmo. Tais mudanças fazem com que esses indivíduos não correspondam mais à imagem a eles incutida e, reivindicando uma posição que

extrapola a sua condição inicial, aumentem os “custos” relativos à migração que os trouxe àquela sociedade. Por esse motivo que “em geral – trata-se de quase uma lei do fenômeno –, quanto mais recente é uma corrente de imigração, mais ‘vantajosa’ é, em todos os sentidos, a mão-de-obra que ela traz.” (SAYAD, 1998, p. 64). Isso se dá porque os indivíduos pertencentes às primeiras levas migratórias, geralmente, são mais propensos a aceitarem trabalhos mais penosos, menos estáveis e de menor remuneração, maximizando os “lucros” para a sociedade de imigração. É possível relacionar esse debate às discussões propostas por Koselleck acerca dos impactos das experiências das duas grandes guerras na consciência, o autor defende que:

A biografia de qualquer ser humano contém rupturas que parecem abrir um novo período na vida. Alterações bruscas na experiência o forçam a abandonar as trilhas habituais e abrir outras vias. A consciência precisa processar as novas experiências. Quando se transpõe limiares, muito, talvez tudo, se apresenta de modo diferente, dependendo do grau em que somos afetados e tomamos consciência disso. Quando elaboramos nossas experiências, muitas vezes somos levados a alterar comportamentos, pontos de vista e a consciência que temos sobre eles. (2014, p. 247)

Para elaborar suas ideias acerca da relação entre a memória e a consciência, Koselleck estuda os efeitos das duas grandes guerras sobre as faculdades mentais mencionadas. Entretanto, não seria inadequado transpor seus apontamentos para uma reflexão que aborde a imigração, visto que, assim como a guerra, a migração configura uma ruptura radical na biografia de qualquer indivíduo. Portanto, aproximando a reflexão de Sayad à de Koselleck, percebe-se um ponto de encontro entre os autores. Levando em consideração tanto um quanto outro, a imigração, como fenômeno, suscita a elaboração de mudanças na consciência do indivíduo, na forma como ele se percebe e percebe o mundo à sua volta. É importante destacar que essas transformações não são instantâneas, ocorrem gradualmente e de maneira contínua, resultando em uma constante alteração nos significados produzidos pelos sujeitos – transformações que repercutem nas narrativas de identidades.

Outro ponto a se destacar é a heterogeneidade dos grupos de migrantes, o que resulta em formas distintas de significação da experiência e, portanto, da construção da consciência. Mesmo que estes compartilhem elementos culturais comuns, como a língua, a religião (essa que nem sempre constitui uma característica heterogênea) ou a filiação a um Estado, Koselleck (2014) aponta que há traços que podem diferenciar drasticamente o processo supracitado de significação para cada indivíduo, por exemplo, a idade, o gênero, a classe, o pertencimento a uma família ou não. Nessa

direção, é possível afirmar que “os fatores que formam a consciência apresentam, portanto, estratos múltiplos: provêm do tempo anterior à guerra, mas também dos efeitos desta, que continuam a transformar a consciência.” (KOSELLECK, 2014, p. 253).

Trocando o termo “guerra” por “imigração” dentro da assertiva destacada, é razoável estabelecer uma correlação entre as experiências anteriores ao evento, o evento em si e as experiências posteriores a ele na formação da consciência (e da identidade). Essa análise marcada em etapas, todavia, torna-se mais cabível ao tratar de eventos como as guerras e menos à imigração, tendo em vista que esta última por vezes impõe uma condição vitalícia (a provisoriedade prolongada indefinidamente) que se ressignifica constantemente no curso da própria experiência. É essa a reconversão demonstrada por Sayad, que pode chegar a atingir um momento crucial: o ponto em que o imigrante extrapola o papel a ele imposto (mão de obra temporária e em trânsito) e passa a reivindicar outras formas de se representar.

A construção dessa reflexão teórica passa, fundamentalmente, pelo campo da experiência do sujeito que migra dentro da historicidade em que ele o faz. Por outro lado, essa experiência não se apresenta como um objeto inerte que se configura como um receptáculo do contexto que o envolve. A experiência é, ao contrário, determinante da consciência social (composta, inclusive, das diferentes ideias acerca da figura do imigrante) na qual ocorre, mesmo que condicionada por ela. Thompson explica:

A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo. Se tivermos de empregar a (difícil) noção de que o ser social determina a consciência social, como iremos supor que isso se dá? Certamente não iremos supor que o “ser” está aqui, como uma materialidade grosseira da qual toda idealidade foi abstraída, e que a “consciência” (como idealidade abstrata) está ali. Pois não podemos conceber nenhuma forma de ser social independentemente de seus conceitos e expectativas organizadores, nem poderia o ser social reproduzir-se um único dia sem o pensamento. O que queremos dizer é que ocorrem mudanças no ser social que dão origem à experiência modificada; e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressão sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados. A experiência, ao que supõe, constitui uma parte da matéria prima oferecida aos processos do discurso científico da demonstração. E mesmo alguns intelectuais atuantes sofreram, eles próprios, experiências. (1981, p. 16)

As questões apresentadas pelo historiador inglês são cabíveis como uma espécie de advertência a posturas epistemológicas a serem assumidas frente aos temas imigração e imigrantes. Emerge, nesse ponto, a negação de uma teoria que “purifique” o conhecimento; além de defender que as ideias e concepções construídas nas contingências cotidianas não seriam apenas substratos deformados e débeis da realidade, mas são produtos e produtores dela, ao passo que tensionam o mundo no qual se fazem presentes e, não menos, pressionam as produções científicas de toda ordem (THOMPSON, 1981).

Para o tema imigração, a abordagem apresentada carrega grande importância por equilibrar teoria e empiria em busca de procedimentos de pesquisa que não tratem as fontes como detentoras de um conhecimento absoluto. Por outro lado, não se trata de submeter as fontes integralmente a esquemas teóricos definidos *a priori* – a proposta é de um debate que traga aspectos contextuais e teóricos à análise, mas que evidencie a experiência como elemento fundamental para o entendimento desses processos.

A necessidade de dar evidência à experiência como categoria para a análise da imigração haitiana para Joinville não é despropositada, mas uma possibilidade de tratar da condição paradoxal na qual o imigrante está inserido. Ao criticar a adoção de grandes esquemas teóricos totalizantes, Thompson (1981) defende a experiência como uma categoria determinante, não determinada, e ao fazê-lo a torna possível de ser analisada para fins explicativos ao trabalhar um determinado fenômeno social como a imigração.

Como já exposto, Sayad (1998) aponta a dupla contradição da imigração e defende que esse é um dos elementos definidores da condição imigrante. Ou seja, os elementos discrepantes dessa condição não se anulam nem se sintetizam (como em uma perspectiva dialética), mas se mantêm em constante relação, formando um paradoxo: um fenômeno social que reúne elementos discordantes, mas que torna justamente essa antinomia o seu caráter fundamental. Esse paradoxo, portanto, não poderia ser sustentado por uma estrutura teórica tomada *a priori*, porque estas estruturas, em geral, demandam conceitos que ocupem lugares específicos dentro de seus esquemas epistemológicos. Além disso, esses esquemas totalizantes se localizam fora da experiência e o paradoxo da condição migrante só pode ser explicado através da experiência.

1.3 IMIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E TRANSNACIONAIS

A composição da população brasileira ocorreu, e ainda ocorre, a partir de processos históricos que envolvem em grande parte movimentos migratórios provenientes de diferentes contextos nacionais, sociais e econômicos. Cabe ressaltar que a economia recebeu grande destaque nas análises sobre a imigração. A imigração haitiana para o Brasil, por sua vez, está imersa em uma historicidade muito específica. Com o fim da Guerra Fria, a globalização, ou globalizações – na perspectiva de Boaventura de Sousa Santos (1997) – reconfiguraram as relações econômicas mundiais e, por sua vez, as dinâmicas que caracterizam os diferentes modos de translocação humana pelo globo. Esses fluxos humanos, de acordo com Baeninger (2016), inseridos nesse novo ambiente macroeconômico e social, tornar-se-iam mais intensos quando comparados à movimentação de capitais, característica da globalização. A autora aponta, também, o caráter multifacetado que permeia os estudos migratórios:

As evidências empíricas das migrações internacionais para e do país demonstram a complexidade e heterogeneidade da imigração internacional neste século. Denotam os desafios teórico-metodológicos para explicações e análises das migrações de haitianos, chineses, coreanos, bolivianos, peruanos, paraguaios, imigrantes internacionais qualificados, imigrantes internacionais indocumentados, imigrantes refugiados, presentes nos espaços migratórios construídos a partir de nexos transnacionais no Brasil Imigrante do século XXI. (BAENINGER, 2016, p. 33)

No que tange à perspectiva contextual dos estudos migratórios contemporâneos que acaba por alicerçar as experiências migratórias em um contexto histórico específico – para ser coerente em relação ao que foi logo acima apresentado –, cabe retornar ao debate que trata da globalização (globalizações) como elemento de grande impacto nesses movimentos.

Para Boaventura de Sousa Santos (1997), a globalização não se define como um fenômeno único. O autor defende que se trata, por outro lado, de uma série de “relações sociais; diferentes conjuntos de relações sociais dão origem a diferentes fenômenos de globalização” (SANTOS, 1997, p. 14). Dessa forma, o termo deveria ser usado sempre no plural (globalizações), porque remete a processos diversos que acabam sendo traduzidos a partir de um diagnóstico totalizante do contexto econômico, social e político global.

O que chama a atenção na reflexão de Boaventura é a perspectiva de uma globalização baseada no enfrentamento. O autor, portanto, não trata a globalização como uma dinâmica homogênea, de vias igualitárias, mas como um processo de unificação e de abertura política e econômica que acontece quase que naturalmente, reflexo do alinhamento de interesses econômicos no mundo ocidental.

Essa perspectiva oferece mecanismos discursivos que auxiliam na ocultação do viés conflituoso da globalização, bem como a presença e as desigualdades entre vencedores e vencidos, dominantes e dominados. Nas palavras de Boaventura de Sousa Santos: “a vitória é aparentemente tão absoluta que os derrotados acabam por desaparecer totalmente de cena” (1997, p. 14).

Nesse sentido, o teórico defende a inexistência daquilo que ele chama de “globalização genuína”, processo que está sempre arraigado em localidades específicas; e um processo globalizador parte sempre de um elemento local que conseguiu se expandir para além de suas fronteiras – estas podendo ser políticas, culturais, geográficas ou econômicas. É dentro desse pressuposto que o autor apresenta quatro “modos de produção da globalização”: os localismos globalizados, os globalismos localizados, o cosmopolitismo e o *patrimônio comum da humanidade*.

O primeiro, o *localismo globalizado*, é entendido como:

[...] processo pelo qual determinado fenômeno local é globalizado com sucesso, seja a atividade mundial das multinacionais, a transformação da língua inglesa em *língua franca*, a globalização do *fast food* americano ou da música popular, ou a adoção mundial das leis de propriedade intelectual ou de telecomunicações dos EUA. (SANTOS, 1997, p. 16)

Este primeiro modo de produção da globalização diz respeito aos elementos vencedores do movimento de globalização, onde fica clara a raiz cultural do elemento globalizado, pondo em xeque a noção da globalização como uma via de mão dupla. O segundo modo demonstra o caminho contrário do localismo globalizado e seus impactos sobre os “perdedores” do processo de globalização. Denominado *globalismo localizado*, de acordo com Boaventura de Sousa Santos, este modo:

Consiste no impacto específico de práticas imperativas transnacionais nas condições locais, as quais são, por essa via, desestruturadas e reestruturadas de modo a responder a esses imperativos transnacionais. Tais globalismos localizados incluem: enclave de comércio livre ou zonas francas; deflorestação e destruição maciça dos recursos naturais para pagamento da dívida externa; uso turístico de tesouros históricos, lugares ou cerimônias religiosas, artesanato e vida selvagem; dumping ecológico [...]; conversão da agricultura de subsistência em agricultura de exportação como parte do

“ajustamento estrutural”; etnização do local de trabalho (desvalorização do salário pelo facto de os trabalhadores serem de um grupo étnico considerado “inferior” ou “menos exigente”). (SANTOS, 1997, p. 16-7)

Um terceiro modo, no entanto, não se define pela relação desigual entre Estados-nação centrais e periféricos. Denominado de *cosmopolitismo*, este modo de globalização leva em conta articulações sociais transnacionais com interesses em comum, que, ao perceberem essa oportunidade de relações para além das fronteiras políticas estatais, avançam rumo a acordos que buscam benefícios mútuos. São exemplos de *cosmopolitismo*: organizações mundiais de trabalhadores, organizações Sul-Sul, filantropia transnacional, organizações transnacionais de direitos humanos, redes mundiais de movimento feministas, movimentos literários, artísticos e científicos localizados na periferia, entre outros (SANTOS, 1997).

O quarto e último modo de produção de globalizações é chamado por Boaventura de Sousa Santos de *Patrimônio Comum da Humanidade* e tem sua definição vinculada a interesses e percepções comuns da humanidade em sentido amplo, como a luta pela proteção de bens e recursos sem os quais a vida humana não subsiste, como a água, o ar e as florestas (SANTOS, 1997).

Dentre essas quatro categorias apresentadas (sendo os dois primeiros movimentos hegemônicos e os dois últimos contra-hegemônicos) o que se destaca são as relações entre as duas primeiras: os globalismos localizados e os localismos globalizados. São eles que oferecem modos para explicar, por exemplo, como ocorrem algumas das relações mais impactantes entre países centrais e periféricos no contexto capitalista após o término da Guerra Fria. Nesse sentido, Boaventura de Sousa Santos explica que:

A divisão internacional da produção da globalização assume o seguinte padrão: os países centrais especializam-se em localismos globalizados, enquanto aos países periféricos cabe tão-só a escolha de globalismos localizados. O sistema-mundo é uma trama de globalismos localizados e localismos globalizados. (1997, p. 17)

Dessa forma, mesmo que aparentemente homogêneo, as globalizações marcam relações muito específicas entre os Estados-nação, o que é detalhado por Santos (1997):

Ainda que aparentemente monolítico [o processo de globalização] não pode ser analisado independentemente das relações de poder que respondem às diferentes formas de mobilidade temporal e espacial. Por um lado, existe a classe capitalista, aquela que realmente controla a compreensão tempo-espço a seu favor. Existem, por outro lado, as

classes e grupos subordinados, como os trabalhadores migrantes e os refugiados, que nas duas últimas décadas, têm efetuado bastante movimentação transfronteiriça, mas que não controlam, de modo algum, a compreensão tempo-espaço. (1997, p. 15-6)

O que fica evidente é o impacto das relações no contexto da globalização na experiência vivida do indivíduo. O que surge como um movimento de mercados e informação acaba surtindo grandes impactos nas percepções e subjetividades que, por sua vez, produzem efeitos no campo social. Essas relações ocorrem no contexto da ascensão de elementos fundamentais para o debate da imigração contemporânea: as translocalidades e a transnacionalidade.

A esse respeito, Staffen e Nistler (2014) explicam as imbricações entre translocalidades e transnacionalidades sob impulso do sistema global:

Neste contexto, nasce outro instituto, a transnacionalização, que preserva características da Globalização, em especial, a preponderância do capitalismo e o transpasse de limites fronteiriços, mas que possui algumas peculiaridades, como por exemplo, o fato do Estado-nação sair do centro, do núcleo estatal e passar a ser mero espectador das relações particulares, bem como, o fato de ultrapassar suas fronteiras para resolver questões que durante muito tempo foram consideradas puramente internas. (2014, p. 1543-4)

Obviamente que, para além dos seus pontos de tangência com a globalização, a transnacionalidade acumula aspectos próprios, com o principal deles sendo o fato de o Estado passar a se tornar um “ente permeável”, diferenciando-se do estatuto que compunha o Estado moderno (STAFFEN; NISTLER, 2014).

Enquanto a ideia de transnacionalidade assume o Estado-nação como um ente permeável, a produção de localidades, que emerge de movimentos tais quais o fenômeno migratório, se mostra contraditória ao projeto de Estado-nação, que depende profundamente da concepção de um território e não da territorialidade. Appadurai explica que:

O trabalho de produzir localidades — no sentido de que localidades são mundos da vida constituídos por associações relativamente estáveis, histórias relativamente conhecidas e compartilhadas e espaços e lugares reconhecíveis e coletivamente ocupados — entra frequentemente em conflito com os projetos do Estado-nação. Em parte, porque os compromissos e conexões que caracterizam a subjetividade local (por vezes erroneamente caracterizada como "primordial") fazem mais pressão, são mais contínuos e por vezes promovem maior dispersão do que o Estado-nação suporta (APPADURAI, 1997, p. 34).

As pressões trabalhadas pelo autor podem ser tanto internas quanto externas mantendo como referência o lugar geográfico definido pelas fronteiras do Estado-

nação – seja com comunidades locais que produzem laços identitários extremamente regionais, produzindo diferenças em relação aos demais grupos componentes do Estado-nação, seja a partir de grupos transnacionais que perpassam, através de interesses, objetivos em comum, ou mesmo discursos identitários desvinculados de uma geografia física, as fronteiras de diferentes países. O autor, portanto, demonstra que:

Mais ainda, é da natureza da vida local desenvolver — em parte, pelo menos, por contraste com outras localidades — seus próprios contextos de alteridade (espacial, social e técnica), os quais podem não se adequar às necessidades de padronização social e espacial, pré-requisito para o cidadão-sujeito moderno. (APPADURAI, 1997, p. 34).

Além da elucidação em torno do debate já apresentado, nesse momento, Appadurai traz à tona um elemento fundante do Estado-nação moderno, este que é desafiado a todo minuto no contexto da globalização, dos movimentos transnacionais e de produção de translocalidades: a necessidade de padronização social e espacial. A partir desse ponto, o antropólogo discute que: “paradoxalmente, os movimentos humanos característicos do mundo contemporâneo são igualmente uma ameaça ao Estado-nação, assim como a conexão dos sujeitos à vida local” (APPADURAI, 1997, p. 35).

Os projetos de Estado-nação, dentro dessa argumentação, se definem muito por conta da sua soberania territorial e sua busca por homogeneidade cultural e política. Mantendo essa proposição no debate, as migrações transnacionais promovem translocalidades e transnacionalidades ao fragilizarem supostas homogeneidades internas e heterogeneidades externas. Por um lado, aquele que imigra, o estrangeiro (que por definição deveria ser o diferente) rompe as barreiras e adentra o território, promovendo a produção de alteridades internas. Também, as identificações produzidas na vida local ameaçam a homogeneidade característica e concebida pelo Estado-nação, porque o esforço de padronização se torna inviável quando os próprios grupos presentes no território passam a produzir “redes de fidelidade” extremamente específicas – por exemplo, na dimensão cultural, produzindo, assim, diferenças internas.

Os imigrantes, no contexto que está sendo trabalhado, produzem ligações que ultrapassam o Estado-nação, ou não dizem respeito a ele, criando afiliações simbólicas específicas. Nas palavras de Appadurai:

Para muitos cidadãos nacionais, as questões práticas de residência e as ideologias de lar, terra e raízes estão frequentemente desconectadas, de forma que as referências territoriais de lealdade civil tornam-se para muitas pessoas cada vez mais divididas entre diferentes horizontes espaciais: lealdades de trabalho, de residência e de religião podem criar registros distintos de afiliação. Isto é verdade tanto no caso da migração de populações por distâncias grandes ou pequenas como no de movimentos que atravessam ou não fronteiras internacionais (1997, p. 38).

Esse processo de desvinculação entre diferentes localidades não pode ser deixado em segundo plano quando são trabalhadas as imigrações, principalmente no contexto contemporâneo – o que não significa que não haja produções identitárias vinculadas à territorialidade, mas que essas não mais obedecem fielmente às fronteiras nacionais instituídas por meio das fronteiras oficiais. As diferentes redes de fidelidade podem ter existido antes da emergência dos processos de globalização, mas ao passo que estes ganharam força e as tecnologias de comunicação avançaram rumo ao estado atual de competência e rapidez comunicativa, essas relações entre produção de identidades e filiações territoriais se tornam cada vez menos estáticas, respondendo a outros critérios que não exclusivamente ao território político-administrativo instituído, mas a elementos culturais, econômicos e ideológicos diversos. Sobre a problemática, Appadurai aponta que:

Estas disjunções nos vínculos entre espaço, lugar, cidadania e nacionalidade levam a várias implicações de longo alcance. Uma delas é que o território e a territorialidade são crescentemente a base lógica crítica da legitimação e do poder do Estado, enquanto as concepções de nação são cada vez mais atraídas por outros discursos de lealdade e afiliação — às vezes linguístico, às vezes racial, às vezes religioso, mas muito raramente territorial (APPADURAI, 1997, p. 39)

Supõe-se, então, que a nação passaria a se desvincular do Estado a partir do momento em que as afiliações nacionais passam a surgir sob outros parâmetros pondo a perspectiva territorial em um nível de importância inferior, uma escala secundária. A nação haitiana poderia ser um exemplo desse fenômeno? Levando em consideração a intensidade da emigração da população haitiana, seria possível inferir que a noção de nacionalidade haitiana esteja cada vez menos vinculada a aspectos que tangem o território correspondente à República do Haiti? E as cidades e estados brasileiros de alta recepção de haitianos, como se configurariam nesse quadro? Appadurai afirma que:

Muitas cidades estão se tornando translocalidades, substantivamente divorciadas de seus contextos nacionais. Estas cidades dividem-se em dois tipos: os principais centros econômicos tão profundamente envolvidos em comércio, finanças, diplomacia e mídia internacionais que se tornaram ilhas culturais com referências nacionais muito frágeis: Hong-Kong, Vancouver e Bruxelas são exemplos desse tipo de cidade. Quer por processos econômicos globais que ligam essas cidades entre si mais do que com seu país, quer por guerras civis implosivas de origem transnacional, outras cidades transformam-se em translocalidades fragilmente conectadas ao interior de seu país: Sarajevo, Beirute, Belfast e Mogadíchio são exemplos desse segundo tipo. (1997, p. 36)

Os exemplos trazidos pelo autor não correspondem diretamente à situação de regiões que recebem levadas migratórias, mesmo que os números relativos à imigração sejam expressivos. No entanto, como as categorias teóricas têm como principal função dentro do trabalho científico servir como uma lente e oferecer um ponto de partida para a observação do objeto, o conceito de translocalidades – que remete, grosso modo, a locais que se relacionam muito mais intensamente com redes de fidelidade das mais inúmeras naturezas (econômica ou diplomática, como exemplificado) do que com fronteiras físicas nacionais – pode oferecer um suporte para que se busque entender quais formas de vinculação passam a agir em lugares cuja recepção de imigrantes é intensa.

A categoria discutida no momento acaba por apresentar potencial para o debate tanto na perspectiva do receptor quanto do imigrante que se insere em um contexto global de transnacionalidades. Esse imigrante, por sua vez, não mobiliza exclusivamente suas próprias questões de identidade que tangem o Estado-nação. Ele mobiliza também aspectos políticos e econômicos que influenciam os processos de desterritorialização e reterritorialização. Appadurai, sobre isso, defende que:

Na medida em que estas minorias (como trabalhadores imigrantes, refugiados ou estrangeiros ilegais) participam de uma nova forma de organização política, exigem reterritorialização dentro de uma nova ordem cívica, abalando as referências ideológicas de coerência étnica e direitos de cidadania, dado que toda ideologia moderna de direitos depende em última instância de um grupo *fechado* (enumerado, estável e imóvel) de mercedores da proteção e do amparo estatal. (1997, p. 44)

Portanto, não são exclusivamente os dispositivos discursivos do Estado, ou as relações de identidade e territorialidade que são abaladas, mas acabam sendo influenciadas algumas dimensões mais tangíveis da vida, como os direitos civis de

diferentes ordens, como mencionado pelo autor quando este trata da proteção e do amparo estatal.

Entende-se, então, que, acima de tudo, os estudos acerca da imigração requerem uma atenção a aspectos de diferentes ordens – tais como dimensões econômicas, demográficas, geográficas, culturais, políticas e sociais – e que mobilizaram e ainda mobilizam inúmeras disciplinas científicas e teorias das mais variadas naturezas. No contexto atual, entram em questão as discussões que tratam da globalização e seus efeitos na imigração e as relações de ambas (globalização e imigração) com os processos de produção de localidades. Explicações totalizantes sobre a imigração se demonstram insuficientes. Todavia, o tema provoca a pesquisa e alerta o pesquisador a enxergar o seu eixo metodológico e os sustentáculos teóricos como parte constituinte de um vasto campo, que tende a desafiar os mais variados empreendimentos científicos por tempo indeterminado.

1.4 A IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL, SANTA CATARINA E JOINVILLE

Como já dito, em uma consulta a números relativos à imigração a partir de 2011 para o Brasil, é notável o crescimento vertiginoso de haitianos entrando no país, cujos dados serão tratados adiante. Uma primeira inferência aponta uma correlação entre o fenômeno migratório e o terremoto que assolou o Haiti em 2010. Assim como os números da imigração haitiana para o Brasil impressionam, uma aproximação quantitativa da tragédia mencionada também o faz. O terremoto registrou grau 7,0 na escala Richter – considerado “muito forte” – e foi seguido de mais dois de magnitude 5,9 e 5,5⁵. As consequências imediatas do evento podem ser estatisticamente (e friamente) traduzidas em cerca de um milhão e meio de desabrigados, por volta de trezentos mil feridos e aproximadamente duzentos mil mortos. Essa aproximação, no entanto, pode induzir uma associação imediata entre o fenômeno migratório e o terremoto e, ao fazê-lo, ocultar processos infinitamente mais profundos e complexos que ultrapassam largamente uma relação superficial de causa e efeito.

⁵ DISASTERS EMERGENCY COMMITTEE (Reino Unido). HAITI EARTHQUAKE. Disponível em: <https://www.dec.org.uk/appeal/haiti-earthquake>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Começar a tratar desse tema tendo como ponto de partida o terremoto de 2010 que atingiu o Haiti não é um caminho despropositado. Os números indicam uma certa correlação entre o fenômeno natural e a intensificação da migração, contudo não passam perto de traduzir os contextos regionais e globais – tanto políticos quanto econômicos – que atravessam esse fenômeno migratório com tal exatidão. As estatísticas que envolvem esse processo são, portanto, uma das inúmeras evidências dentro do universo empírico possível para essa pesquisa, sendo que, no que compete esse trabalho, ocupam um papel muito mais contextual e de ponto de partida do que um caráter explicativo.

Para Magalhães e Baeninger (2014) o fenômeno emigratório que envolve o Haiti não é recente. Historicamente, os haitianos migram intensamente desde a década de 1960, com um grande crescimento desde então. Os focos dos imigrantes seriam países mais desenvolvidos, que ocupam papel de destaque na economia mundial capitalista, tais quais a França e os Estados Unidos da América. São o que os autores chamam de fluxos migratórios “Sul-Norte”, que possuem características históricas muito próprias. Tanto a França quanto os EUA nutriram contatos peculiares com o Haiti. No caso da França, a proximidade acontece pelo passado colonial do Haiti, que está marcado na vida cotidiana da população haitiana até hoje, principalmente através da língua francesa. Os Estados Unidos, por outro lado, apresentaram forte presença militar no país caribenho.

As relações do Haiti com EUA e França, apesar de muito específicas a seus contextos e processos políticos particulares, poderiam lançar luz sobre a questão da imigração dos haitianos para o Brasil? É possível que sim, porém, claro, sob um prisma que tome essas analogias como alicerce para a fundamentação de questões, não como uma transposição de causalidades. Sobre a intensidade da emigração haitiana, os autores citados explicam:

Atualmente [2014], 1.134.000 haitianos residem fora do país, isto é, 11,05% da população do país (MPI, 2013). Historicamente, os Estados Unidos são o destino preferencial dos emigrantes haitianos. De 1960 até 2010, o total de emigrantes haitianos nos Estados Unidos passou de 5.000 para 606.000, chegando, atualmente, a representar 1,5% de toda a população imigrante norte-americana (MPI, 2014). (MAGALHÃES; BAENINGER, 2014)

Assim sendo, é possível retomar a afirmação já colocada de que a emigração haitiana não é um fato novo, ou seja, não teve início com o terremoto de 2010, mas a afirmação não exclui a importância de um evento dessa magnitude dentro de tais

processos. Acontece que a primeira década do século XXI apresentou uma série de elementos que vieram a influenciar as migrações haitianas em uma perspectiva ampla.

Em ordem cronológica, podem-se ressaltar primeiro as políticas migratórias nos países desenvolvidos que decorreram do 11 de setembro de 2001. As políticas migratórias passaram a apresentar medidas altamente restritivas no que compete à imigração indocumentada ou ilícita (FERNANDES; FARIA, 2016). Já em 2004, a ONU cria a MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti), que abre um caminho para a entrada de outras influências diferentes daquelas que se faziam presentes no Haiti anteriormente, cuja população migrava majoritariamente para a França e EUA. Sobre isso, Alessi (2013) explica:

Em 30 de abril de 2004, o Conselho de Segurança da ONU criou a MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti), por meio da resolução 1542, para restaurar a ordem no país após um período de crise política que culminou com a deposição do então presidente Jean-Bertrand Aristide. O Brasil foi apontado pela ONU como líder dessa missão com objetivos pacificadores no Haiti. Desde o início da missão, o Haiti já recebeu cerca de 15.000 militares brasileiros. Em 12 de janeiro de 2010, cerca de 1.200 militares brasileiros atuavam no país quando um terremoto de, aproximadamente, 5.9 graus na escala Richter devastou a capital Porto Príncipe e outras regiões no país. (2013, p. 82)

Percebe-se a presença de tropas brasileiras no Haiti por um período de tempo considerável antes da ocorrência do terremoto, demonstrando uma crescente influência não só do Estado brasileiro, mas da figura do Brasil em território haitiano, tornando-se cada vez mais tangível ao passo que o Brasil assumia a liderança da missão estabelecida pela ONU em território haitiano.

Além disso, uma outra série de iniciativas do Estado brasileiro no Haiti aconteceram em período similares. Destacam-se, por exemplo, o auxílio na construção da usina hidrelétrica no Rio Artibonite e a promoção, pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA, do programa EMBRAPA Hortaliças. A mesma empresa também mantém unidades de demonstração de cultivos como arroz, feijão, milho e mandioca, além de mapear o país por satélite a fim de colaborar com a gestão de recursos hídricos. O Brasil foi signatário de um acordo firmado em 2007 na Conferência Internacional para o Desenvolvimento Econômico e Social do Haiti, realizado em Madri (Espanha), com o objetivo de, junto ao governo

espanhol, restaurar a cobertura vegetal de um dos principais rios do Haiti, a Bacia do Mapou (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013).

O esporte também marca empreendimentos do Brasil no Haiti, como explicam Moraes, Andrade e Mattos:

O Ministério do Esporte brasileiro, em parceria com o Fundo das Nações Unidas para a Infância – Unicef, promove os programas: Segundo Tempo e Pintando a Cidadania. Esses, além de possibilitar a prática de esportes durante as atividades escolares, foram responsáveis pela instalação de uma fábrica de bolas, onde 200 detentos que cumprem penas alternativas exercem trabalho remunerado (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013, p. 102).

O combate à violência contra a mulher também aparece. Com o auxílio do Fundo das Nações Unidas para a População, o Ministério da Saúde e a Secretaria Especial de Políticas Públicas para Mulheres buscam construir um programa haitiano para a proteção acerca da violência ligada ao gênero no país. Além disso, o Brasil, em parceria com o Banco Mundial, desenvolveu um projeto que trata da gestão do lixo em Porto Príncipe, capital do Haiti, e em outro cuja frente se propõe a estabelecer uma rede de merenda escolar e restaurantes universitários por todo o país. A presença de uma unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – Senai, em Porto Príncipe, com capacitações voltadas à área da construção civil, demonstra outra frente de trabalho. E, no que tange diretamente à saúde, o Brasil mantém cisternas e hospitais ligados à presença do exército, além do Programa Nacional de Imunização do Haiti, que se estabeleceu em 2004 – o mesmo ano do surgimento da MINUSTAH – em parceria com o Canadá, e que realiza campanhas de vacinação por todo o país (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013).

Outro ponto importante a se supor, somado aos temas políticos aludidos, é a esfera econômica e suas configurações no fim da primeira década do século XXI. Como exposto, a migração haitiana tendia para países que se encontravam em uma posição de destaque no contexto econômico capitalista, cuja presença era forte – inclusive em termos militares – no território e história do país caribenho. No ano de 2008, com a explosão da crise financeira nos EUA, os impactos foram sentidos por todo o globo em maior ou menor escala. Algumas das potências europeias sofreram dramaticamente com a crise que teve origem no setor imobiliário estadunidense.

Em contrapartida, o Brasil, ainda que afetado pela recessão norte-americana, vinha configurando uma economia ascendente frente a um cenário amedrontador, ganhando cada vez mais destaque no quadro econômico global. Essa ascensão

acabava por fazer crescer as ofertas de trabalho, fator esse que se configura como um atrativo clássico para a migração. Como demonstra Sayad (1998) a expansão econômica é a grande consumidora da imigração, sendo assim, esse arranjo se somava aos demais fatores que vieram a compor esse cenário correspondente ao crescimento da imigração haitiana para o Brasil. Sobre esse cenário, Cogo explica:

Nessa perspectiva, a presença crescente da diáspora haitiana no contexto brasileiro não pode ser compreendida unicamente como decorrência de uma catástrofe ambiental, como o terremoto ou, ainda, de fatores econômicos, conforme aparece, de modo recorrente, em representações dessa nova imigração construídas e ofertadas pela mídia brasileira. Essa presença precisa ser analisada também a partir dessa existência de vinculações geopolíticas anteriores entre Brasil e Haiti (2014, p. 242).

A partir daí, torna-se razoável o desenho de um quadro contextual que trate do fenômeno trabalhado até então. Mas como se dá, na prática, essa vinda de haitianos para o Brasil? A imigração, obviamente, não se limita ao quadro geral no qual está inserida. O centro do processo se dá através da movimentação de pessoas e a sua realocação em outro ambiente – realocação essa que gera choques e ressignificações constantes. Um exemplo claro é o fato de muitos imigrantes não conseguirem entender as relações de distância entre os diferentes locais do Brasil – este que é 300 vezes maior do que o Haiti (FERNANDES; FARIA, 2016). Sobre o caminho dos haitianos para o Brasil, Patarra explica que:

Os principais pontos de entrada no Brasil são as fronteiras do Peru com os Estados do Acre e Amazonas. Ao chegarem à fronteira, estes imigrantes apresentam uma solicitação de refúgio, alegando as péssimas condições de vida no Haiti e a impossibilidade de se continuar vivendo naquele país após o terremoto. Sendo o Brasil signatário das convenções sobre o acolhimento de refugiados, as autoridades na fronteira registram estas solicitações e as encaminha ao órgão competente: o Comitê Nacional para Refugiados – CONARE, do Ministério da Justiça, para análise. Enquanto aguardam a tramitação do pedido de refúgio, os imigrantes recebem uma documentação provisória (Cadastro de Pessoa Física – CPF e Carteira de Trabalho) que lhes permite circular pelo país na busca por trabalho” (2012, p. 14).

Como as migrações haitianas para o território brasileiro se intensificaram a partir do ano de 2010, uma análise que se debruçou sobre a questão pouco tempo após os eventos terem se desdobrado e ficarem conhecidos publicamente tem alto significado para que se entenda como o Estado brasileiro lidou com a situação que se colocava a ele.

Em um primeiro momento, ficou demonstrado que os haitianos buscaram refúgio no Brasil valendo-se da legislação do Brasil e do Direito Internacional dos Refugiados (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013). Contudo, o Conselho Nacional de Refugiados (CONARE) entendeu que os motivos apresentados pelos haitianos chegados no Brasil não condiziam com o que estava apresentado na lei brasileira sobre a entrada de refugiados – e com o próprio conceito de refugiados. Enquanto os haitianos alegavam motivações econômicas, sociais e ambientais – destacando-se, aqui, o terremoto. A lei 9.474 de 22 de julho de 1997, sobre refugiados, define:

I. devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; II. não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior; III devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país (BRASIL, 1997).

Dois pontos se destacam nesse momento: o primeiro é a já vista incompatibilidade entre a situação dos imigrantes haitianos e as definições instituídas na lei brasileira vigente. O segundo é a mobilização em consequência das questões ambientais (no caso, particularmente o terremoto) como motivação e base de legitimação da migração e da condição de refugiados – mesmo que, como já abordado, o desastre natural não tenha sido a motivação exclusiva das movimentações, apesar de ter sido um evento marcante e condicionante. Para responder a esse problema, o CONARE acionou o Conselho Nacional de Imigração (CNIg). O embaraço jurídico carecia de uma solução urgente, e, como reação, o CNIg ofereceu o visto humanitário para que os haitianos pudessem morar, estudar e trabalhar no Brasil (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013).

Dado o cenário apresentado, o contingente migratório haitiano no Brasil demonstrou ser bastante numeroso. Cogo mostra que:

[...] entre os novos migrantes internacionais, os haitianos são o grupo migratório com maior presença no mercado de trabalho brasileiro, além de constituírem também os que mais vêm gerando, a partir de seu trabalho, recursos enviados em forma de remessas para o exterior (2014, p. 247).

Por mais fundamentais que fossem as remessas de dinheiro, a relação com o exterior não se limita a isso, mas a fluxos comunicacionais característicos do contexto marcado pelas globalizações. As tecnologias de comunicação são um fator

importantíssimo e que traz uma particularidade da migração contemporânea em relação às levadas migratórias anteriores ao seu desenvolvimento.

Com relação à imigração haitiana para o Brasil, não é diferente. Estes instrumentos têm grande potencial de intermediar a conservação de relações afetivas de toda ordem entre imigrantes e seus correspondentes no Haiti. Além disso, são recursos valiosos no decorrer da jornada migratória – imensamente perigosa, até por conta do seu caráter majoritariamente ilegal – na obtenção de apoio. Por fim, não há de se excluir a possibilidade de comparação entre as condições materiais de vida no Brasil (como salário, oportunidades de trabalho, qualidade de vida) e de outros países para os quais a emigração haitiana se direciona. Essa dinâmica cria redes migratórias em torno das quais a imigração haitiana voltada ao Brasil se envolve e remete a questões importantes, como a escolha dos destinos (países e estados brasileiros), a manutenção dos vínculos com os entes queridos no Haiti e até a busca por direitos de cidadania no contexto do país receptor (COGO, 2014).

Essas experiências, inclusive, adquirem um forte caráter transnacional e tencionam vigorosamente os modos de produção das localidades – seja no Brasil, seja no Haiti. Ademais, o Estado permanece como figura importante, porém não é absolutamente definidor das relações e movimentações que se constroem dentro do desenrolar histórico da imigração. Esse panorama, inclusive, tem o potencial de abalar algumas representações até então muito bem estabelecidas, as quais, segundo Cogo, são:

(...) a do Brasil “como país de oportunidades” no mundo do trabalho; e a das relações raciais vinculadas às narrativas hegemônicas sobre a identidade nacional, o Brasil mestiço e a democracia racial (2014, p. 246).

Essa suposta quebra nas expectativas é apresentada em seus elementos pela socióloga Patrícia Villen (2016), ao tratar de uma noção traduzida nos termos de “periféricos na periferia”. O Brasil, apesar de ter protagonizado um crescimento econômico considerável e ter galgado posições importantes na geopolítica mundial, ainda não se apresenta no centro absoluto dela, localizando-se como um país periférico no que compete ao capitalismo mundial. Os haitianos aqui chegados, ocupariam, portanto, um espaço periférico dentro de um contexto já periférico em âmbito macro. A autora busca explicar o porquê dessa diferenciação.

Villen defende que a peculiaridade da mão de obra imigrante – dos periféricos na periferia – “tende a se revelar na combinação de aspectos ligados à sua própria

condição de imigrante (linguística, cultural, de direitos, em alguns casos da falta de apoio de familiares ou redes sociais no Brasil)” (2016, p. 50). Aliás, diferentemente dos imigrantes vindos de países centrais, os periféricos acabam por ter que lidar com uma ameaça sempre presente: a sua falta de documentação. Esta que, quando não se torna fator proibitivo de sua passagem pelas fronteiras do país, torna-se um lembrete constante da provisoriedade e o paradoxo a ela concernente (VILLEN, 2016), característica da condição de migrante internacional, como destacado por Sayad (1998).

Por fim, trazendo uma abordagem estatística, todo o movimento registrado e discutido até então resultou em um aumento de haitianos em território brasileiro. No intervalo dos anos de 2011 a 2018, de acordo com o Observatório de Migrações Nacionais, o número de trabalhadores imigrantes cresceu expressivamente no país, alcançando 492,7 mil imigrantes de longo termo (imigrantes que, geralmente, permanecem no país em um período superior a um ano). Dentre esse contingente, 106,1 mil (21,5%) são haitianos e do total de imigrantes de longo termo, 61,4% são homens.⁶

Na região sul do Brasil, os dados são ainda mais expressivos. De acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), no mesmo período (2011 a 2018), os estados do Paraná e de Santa Catarina saltaram de 6,5% e 4,6% para 13,4% e 15,6% do contingente de trabalhadores imigrantes, respectivamente. Além da centralidade da Região Sul e em especial do estado de Santa Catarina, os dados revelam outros elementos importantes para a análise desse processo migratório: foram os setores ligados à produção industrial, que absorveram 63,3% dos trabalhadores haitianos no contexto laboral brasileiro. Outro indicativo do perfil dessa leva migratória foi a mudança da característica etária dos trabalhadores haitianos no Brasil: em 2010, 38,8% tinham entre 20 e 40 anos e, em 2018, o número relativo a esta faixa etária cresceu para 62,9%.⁷

⁶ CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACÊDO, M; PEREDA, L. Resumo Executivo. **Imigração e Refúgio no Brasil**. A inserção do imigrante, solicitante de refúgio e refugiado no mercado de trabalho formal. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança pública / Conselho Nacional de Imigração e Cordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra 2019.

⁷ SIMÕES, A; HALLAK NETO, J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACÊDO, M; Resumo Executivo. **Relatório da RAIS**. A Inserção socioeconômica dos imigrantes no mercado de trabalho formal. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança pública / Conselho Nacional de Imigração e Cordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra 2019.

Os dados apontam para a consolidação de um perfil de imigrante, composto majoritariamente por homens jovens provavelmente conectados com a demanda por trabalho. Portanto, os números relativos a gênero, idade e absorção pelo mercado de trabalho revelam uma característica da imigração haitiana no Brasil que se aproxima das ideias apresentadas por Sayad (1998), quando o autor afirma que as primeiras levadas migratórias são geralmente compostas por homens jovens que são direcionados a atividades laborais tradicionalmente oferecidas a imigrante e ao atendimento de demandas econômicas específicas.

A chegada ao estado de Santa Catarina e à cidade de Joinville será trabalhada com mais detalhes no terceiro capítulo – que inclui os anseios, expectativas e perspectivas dos imigrantes sobre sua condição. O intuito, nesta parte final do capítulo, é estabelecer um quadro geral conciso para fins de contextualização.

As informações acerca da entrada de haitianos no estado de Santa Catarina só passaram a chegar com intensidade a partir do ano de 2014, tendo como veiculação principal a imprensa. A descrição do estado dentro dessa corrente de comunicação colocava Santa Catarina como um lugar de características positivas, onde haveria oportunidades de trabalho por conta da carência de mão de obra (BRIGHTWEEL et al, 2016).

Contudo, o tom das notícias se modificou e, a partir de junho de 2015, passou-se a trazer à tona muito mais a perspectiva de precariedade de emprego e moradia que permeava a chegada dos haitianos. A chegada desses indivíduos parece estar ancorada em uma correlação com o setor agropecuário e as empresas de construção civil que, necessitando de mão de obra, perceberam nos imigrantes uma possibilidade de supri-la. Inicialmente os grupos foram recebidos pelas cidades de Itajaí, Chapecó, Florianópolis, Camboriú e Navegantes (BRIGHTWEEL et al, 2016).

É comum o recrutamento de mão de obra imigrante haitiana ocorrer em sua intensa maioria por empresas frigoríficas principalmente ligadas geograficamente ao oeste do estado. No transcurso do recrutamento, são realizadas uma série de promessas, incluindo a de moradia (alojamento) sem custo – que se tornam mais tentadoras quanto mais altos forem os preços dos aluguéis. Contudo, segundo Magalhães (2017) existem relatos de que o valor da estadia era, na realidade, retirado do salário. Foram registrados também casos de violação dos direitos trabalhistas, alocação discriminadora, superexploração da força de trabalho, entre outros aspectos que contradizem completamente a narrativa inicial da imprensa, a qual apresentava o

estado de Santa Catarina como um lugar profícuo para o estabelecimento dessas populações migrantes (MAGALHÃES, 2017).

Em contraponto à exploração da mão de obra, e mesmo tendo um contingente tão significativo e uma tendência de absorção desses imigrantes por setores da indústria catarinense, o poder público de Santa Catarina parece que andou na contramão da demanda. Segundo Brightweel et al (2016), o estado, que narra ostensivamente a sua receptividade em relação aos imigrantes europeus no século XIX, pareceu agir de maneira contrária quando tratou dos imigrantes haitianos, já que houve pouco engajamento do poder público se comparado a outros estados, como Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro – estados estes que estruturaram comitês de assistência aos imigrantes e refugiados (tanto na esfera estadual quanto municipal).

Ao tratar especificamente da imigração haitiana para a cidade de Joinville (SC), o fenômeno que associa a imigração e o trabalho chama a atenção. Isso se dá, porque, através dos dados apontados por Souza (2019), Santa Catarina aparece como o segundo maior destino de imigrantes haitianos após deixarem as fronteiras. Além disso, de acordo com Souza (2019) Joinville é a maior cidade e polo industrial do estado de Santa Catarina e o terceiro maior polo industrial da região sul do Brasil. O que corrobora, assim como complementa, esse cenário são os números relativos à emissão de carteiras de trabalho na cidade para imigrantes haitianos: entre 2013 e 2016 foram emitidas 2052 carteiras de trabalho por requerimento de imigrantes haitianos em Joinville (SOUZA, 2019).

Souza (2019) aprofunda a pesquisa e revela que, dentre o número total de carteiras de trabalho emitidas, 58% dos solicitantes pertenciam ao sexo masculino, ao passo que 46% das carteiras foram requeridas por pessoas na faixa etária dos 31 aos 40 anos. Tratando das características educacionais dos imigrantes, Souza mostra que “90% deles dominam a leitura e a escrita e frequentaram do nível fundamental ao ensino superior em seu país de origem” (SOUZA, 2019, p. 101). Além disso, o acesso à assistência social e a inserção no mercado de trabalho joinvilense foram também abordados pela pesquisadora. De acordo com Souza:

Dos 465 haitianos atendidos pelo Sistema Único de Assistência Social em Joinville, 228, ou seja, 49%, são responsáveis pela unidade familiar, número equivalente ao de imigrantes homens registrados no cadastro. Dos que foram cadastrados até setembro de 2017 pelo Suas, 90% não receberam doações, ou auxílios (seguro-desemprego, Instituto Nacional do Seguro Social – INSS, entre outros), 28% têm

trabalho com carteira assinada e apenas 1% trabalha de forma independente. Boa parte dos haitianos que foram atendidos e que estavam trabalhando naquele momento, 54%, recebeu nos últimos 12 meses (setembro de 2016–setembro de 2017) em média o valor anual de R\$ 9.106,64. Isso sinaliza que a média salarial/mês gira em torno de R\$ 760, menos de um salário mínimo à época. (2019, p. 101)

Os dados apresentados até o momento aludem à centralidade da cidade de Joinville como um importante polo laboral. Assim como aponta para essa mesma direção o fato de que, no ano de 2014, Joinville foi a sétima cidade que mais admitiu trabalhadores haitianos em todo o país (MAGALHÃES, 2017). A distribuição territorial dos imigrantes haitianos na cidade de Joinville também demonstra relevância no entendimento desse processo. De acordo com Souza:

Os dados mostram que as maiores concentrações de haitianos atendidos pelo Suas estão nos seguintes bairros (por maior número de ocupação): Floresta, Comasa, Santa Catarina, Itaum e Boa Vista. Destacam-se Comasa, Boa Vista e Itaum, bairros que historicamente receberam maior número de migrantes (anos 1960/70 e 1980), por estarem localizados próximos a empresas, especialmente uma metalúrgica de grande porte empregadora de migrantes. No caso dos haitianos, esses bairros também são escolhidos como local de moradia pelo estabelecimento de redes de solidariedade ligadas tanto à Igreja Católica quanto às demais denominações religiosas com as quais parte dos imigrantes, ainda no Haiti, estabelece contato para servir de ponto de apoio no momento de sua chegada (2019, p. 99).

O estudo citado traz à tona a distribuição demográfica dos imigrantes haitianos ligada intimamente ao trabalho, que se mostra, nesse caso particular, ainda mais acentuada, levando em consideração a relação histórica entre a empresa metalúrgica mencionada e os fenômenos migratórios anteriores da cidade de Joinville. O trabalho salta como um elemento de destaque ao se fazer uma leitura dos registros retratados, assim como foi um conceito fundamental para as discussões teóricas já apresentadas – estas que serão retomadas futuramente e tensionadas no encontro com o recorte geográfico, cronológico e, mais importante, com a experiência narrada pelos imigrantes haitianos em Joinville.

Além disso, a pesquisa também indica que a imigração em sua complexidade não se deixa explicar a partir de apenas uma perspectiva. Por mais que a proximidade geográfica da moradia com o trabalho não possa ser ignorada – pelo contrário, emerge como elemento de destaque –, a influência das redes de apoio ligadas a denominações religiosas expõe outro aspecto constituinte da experiência migrante,

não exclusivamente atrelado a questões econômicas, mas que destaca a importância das relações sociais e de comunidade em um sentido mais amplo.

É nesse contexto de chegada e estabelecimento em Joinville que os imigrantes haitianos passam a produzir seus significados acerca da cidade. É importante considerar que esse processo não se dá em uma única via, mas reflete, também, o modo como uma cidade – cujo discurso monumental se volta à figura do imigrante – se apresenta e insere esse novo personagem na sua vida social, econômica e cultural. Por isso, considera-se relevante uma discussão sobre a historicidade dos monumentos joinvilenses (Monumento ao Imigrante e O Fundidor) na tentativa de entender de que forma a cidade reconhece o imigrante e é vista por ele – o qual, por sua vez, se encontra em um processo inicial de significação sobre seu novo ambiente.

2 A IMIGRAÇÃO MONUMENTALIZADA

Neste segundo capítulo, serão dois temas a serem abordados: monumento e memória, refletindo sobre de que forma se relacionam. Para abordar processos de monumentalização ou de apropriação simbólica (significação) é fundamental trazer ao debate algumas das diferentes concepções de memória, bem como quais delas, e em que medida, se relacionam com os impactos que um monumento tem sobre um indivíduo ou grupo social.

A atenção a esses pontos é necessária porque o presente trabalho se debruça sobre os processos de significação postos em movimento pelos imigrantes haitianos que vivem em Joinville (SC). Por isso, a dinâmica que envolve a monumentalização e as apropriações dos monumentos precisa ser problematizada, tendo em vista as singularidades que ela pode apresentar quando relacionada a grupos sociais específicos, como é o recorte aqui proposto ao se destacar os imigrantes haitianos. Ou seja, a questão a se tratar não é a possibilidade de tangência entre os conceitos, mas quais são esses pontos e em que termos se dão. Isso porque “fazer lembrar” é, de certa forma, o alicerce da existência do monumento. Portanto, especificamente nesse caso, o debate sobre a memória está intimamente ligado ao conceito de monumento.

O que cabe ser discutido aqui é no que consiste essa tentativa de materialização de um passado de que se busca lembrar. Também, de que maneira se dá essa lembrança para aqueles que observam a materialidade do monumento que tenta evocar no presente um passado que supostamente lhe diz respeito.

O debate sobre a memória e seu funcionamento será, por isso, a base para uma reflexão mais geral sobre o conceito de monumento, e, em um segundo tópico, será trabalhada a monumentalização da figura do imigrante e da ideia de trabalho na cidade de Joinville. Para tal, foram escolhidos dois monumentos da cidade: o Monumento ao Imigrante e O Fundidor. Ambos possuem ligação tanto com as categorias de trabalho quanto de imigração, porém se referem a momentos históricos e a grupos sociais distintos.

O objetivo, neste caso, será ponderar a respeito das duas obras à luz do debate conceitual proposto aqui, tendo em perspectiva as considerações feitas no primeiro capítulo sobre o imigrante e a sua relação com o trabalho, visto que são conceitos

recorrentes e centrais em ambos monumentos – constituindo parte importante do discurso monumental da cidade.

2.1 A MONUMENTALIZAÇÃO DA IMIGRAÇÃO E DO TRABALHO EM JOINVILLE

Historicamente, a cidade de Joinville (SC) possui uma forte relação com processos migratórios relacionados a diferentes levas e localidades⁸. Assim, os discursos oficiais e institucionalizados que visam produzir identidades sobre a cidade, em geral, se apropriam desses processos a fim de construir a imagem de uma cidade erigida por migrantes europeus e seus descendentes através do trabalho.

Parte do conjunto patrimonial de Joinville, respondendo às institucionalidades que lhes dizem respeito, se estabeleceu, desde pelo menos os anos de 1950 com as comemorações do centenário da cidade, de forma a apresentar a cidade através de dois eixos: o imigrante e o trabalho. Pelo fato de os discursos institucionalizados serem resultado de jogos de poder, as estratégias discursivas de demarcação da identidade joinvilense contribuem – através de monumentos e festas ditas tradicionais, por exemplo – para a constituição do protagonismo de alguns grupos específicos de imigrantes. Contudo, esses objetos, atribuídos de valor mnemônico pelo lugar que os institui, estabelecem relações de sentido que podem extrapolar seus propósitos originais.

No âmbito desta pesquisa, a ideia de monumento se abriga, junto de diversos outros objetos, bens e manifestações, sob o conceito de patrimônio cultural. A partir dessa relação, o patrimônio (e, portanto, o monumento) se constitui como um dispositivo de construção da identidade. De acordo com Gonçalves:

Quando classificamos determinados conjuntos de objetos materiais como “patrimônios culturais”, esses objetos estão por sua vez a nos “inventar”, uma vez que eles materializam uma teia de categorias de pensamento por meio das quais nos percebemos individual e coletivamente. (2005, p. 29)

Sendo assim, do estudo dos monumentos selecionados emerge a possibilidade de discutir sobre quais demandas identitárias, e por que não políticas, esses objetos atendem – objetos estes que possuem a função de se constituírem como referências

⁸ Tratam da imigração para a cidade de Joinville e seu papel na constituição da cidade os trabalhos de Coelho (2009) e Ferreira (2019).

da identidade e da memória de Joinville. Esse debate sobre a própria categoria de monumento será aprofundado mais adiante. Em um primeiro momento, cabe discutir aspectos da monumentalização da imigração e do trabalho em Joinville. Ou seja, de que forma os termos imigração e trabalho foram mobilizados para a construção de marcos memoriais. A partir desse debate, as reflexões teóricas sobre o monumento se tornam mais tangíveis e contextualizadas com a problemática acerca dos sentidos produzidos pelos imigrantes haitianos sobre a cidade de Joinville e seus monumentos.

Os processos migratórios para Joinville não se restringem ao seu passado, mas se fazem presentes no contexto atual da cidade. Como discutido no capítulo anterior, a imigração haitiana para o Brasil foi um fenômeno de grande destaque a partir dos primeiros anos da década de 2010. Os impactos de um contingente migratório dessa magnitude não se limitam à esfera econômica. As demandas socioculturais postas em movimento pelos próprios haitianos, tanto em relação às suas escolhas por Joinville quanto aos seus processos de estabelecimento de vínculos com a cidade, acabam por se destacar no contexto urbano e mobilizar uma série de questionamentos sobre o papel dos monumentos da cidade como vetores de identificações.

Acerca da monumentalização de processos migratórios, o Monumento ao Imigrante, inaugurado em 1951 – ano do centenário de Joinville –, emerge como um bom ponto de partida para a presente discussão. Localizada no centro da cidade, a obra do artista Fritz Alt é um dos objetos patrimonializados que miram a figura do imigrante como elemento basilar da identidade joinvilense e do progresso urbano.

O Monumento ao Imigrante é composto por um conjunto de estátuas e outros elementos produzidos em bronze sustentadas por uma construção feita em pedra. No alto da estrutura central, que dá suporte para as figuras de destaque da obra, estão dispostos, também em bronze, os escudos do Brasil e da Cidade de Joinville e os dizeres em letras maiúsculas “Joinville a seus fundadores”. Mais próximas ao nível do chão estão as estátuas de duas figuras masculinas, uma delas carregando um machado e a outra uma espingarda. Do outro lado, na mesma altura, aparece a representação artística de uma mulher com um bebê no seu colo sentada sobre um baú e uma criança ao seu lado.



Figura 1: Inauguração do Monumento ao Imigrante, 1951.

Fonte: Monumento ao Imigrante com estandartes ao redor em comemoração ao Centenário de Joinville: inauguração. Joinville (SC). [1951]. 1: pb. 15 X 23 cm. Foto. (Arquivo Histórico de Joinville).

Em 1951, O Jornal de Joinville, ao noticiar a inauguração do monumento junto às festividades relativas ao aniversário da cidade, publica o seguinte texto:

Na apreciação da obra do homem, será justo que o historiador de amanhã se fixe, com o devido carinho, no quadro dos acontecimentos e exalte os esforços ingentes daqueles bravos 117 alemães e 74 noruegueses que o barco “Colon”, vindo de Hamburgo, deixou em 9 de março de 1851, nas margens do rio Cachoeira para que dessem início – sabe Deus como – à colonização. (JORNAL DE JOINVILLE, 1951)

O caráter heroico dado aos colonos citados no texto só não fica mais evidente do que a identificação da origem dos homenageados, demonstrando a função dada ao monumento de propagar um conjunto de memórias. De acordo com a definição proposta por Le Goff (1992, p. 535), “o monumentum é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”. Ao notar o trecho citado, fica evidente a intenção de fixar uma referência do passado no presente, além de propagar sua importância no futuro, trazendo, inclusive, a figura do historiador para a cena. Mais do que isso, a narrativa institui um mito de origem, abrigando a defesa de valores e fundamentos para uma maneira de enxergar o que é a cidade de Joinville.



Figura 2: Monumento ao Imigrante – em detalhe o Nativo e o Imigrante.

Fonte: Monumento ao Imigrante: detalhe do nativo e do imigrante. [1951].1: pb.; 17,5 X 11,5 cm. Foto. (Arquivo Histórico de Joinville).



Figura 3: Monumento ao Imigrante – em detalhe a Mãe e as Crianças

Fonte: Escultura em bronze do Monumento ao Imigrante : detalhe da mãe sentado sobre um baú e das crianças ao seu lado. Joinville (SC). [1951].1: pb.: 23,5 X 17,0 cm. Foto. (Arquivo Histórico de Joinville).

Portanto, a narrativa não diz respeito exclusivamente à recordação de um passado que se presentifica através da materialidade do monumento. O esforço mnemônico se volta ao futuro, na tentativa de garantir a construção de uma memória que solidifique uma identidade pretendida. É possível tratar, então, de uma tentativa de grupos joinvilenses de identificar Joinville como uma cidade alemã. Sobre isso, Coelho afirma que:

Até pelo menos a metade da década de 1990, sob o impulso dos fluxos contemporâneos – especialmente os migratórios – e na polifonia da cidade, havia vozes um pouco desafinadas, mas bastante estridentes que buscavam aclamar e identificar Joinville como cidade alemã. A intencionalidade de tal aclamação contrastava com o olhar estatístico-populacional dos órgãos de pesquisa. (2011, p. 19)

Dois elementos chamam a atenção nesse trecho. O primeiro é a discrepância apontada pela autora entre a constituição populacional da cidade e a demanda identitária cuja voz se exaltava. E o segundo, o fato de que tanto em 1951, ano do centenário da cidade, quanto no período citado pela autora, há a demanda pela identificação de Joinville como uma cidade construída por imigrantes europeus e, com maior ênfase, de origem germânica. Esse último aspecto, todavia, não define a permanência de um mesmo discurso, idêntico e acabado.

Por mais que haja semelhanças, as experiências históricas ocorridas na cidade promovem o aparecimento de diferentes narrativas, de transformações e ressignificações daquelas já estabelecidas. Ou seja, a dinâmica da história não permite uma continuidade inabalável dos discursos identitários e das significações dos monumentos. Mesmo na suposição de um cenário em que se luta pela manutenção de enquadramentos fixos dos significados, hora ou outra as contradições de uma determinada narrativa acabam emergindo.

O que não há de ser negado é que a construção de identidades está imersa em quadros de poder – constituídos a partir da historicidade em que se apresentam. Dessa forma, fica mais clara a natureza da não correspondência entre as estatísticas demográficas da época e a demanda identitária destacada. As disputas de poder, estivessem no campo institucional ou fora dele, tendiam a contornar um cenário que destacava Joinville como uma cidade alemã que seria, aos poucos, confrontada.

A década de 1970 merece destaque nesse processo. A cidade, que já apresentava traços de uma economia voltada para a produção industrial, recebe a influência de políticas nacionais direcionadas a essa esfera produtiva. Sobre isso, Coelho explica que:

As indústrias da cidade, na década de 1970, teriam sido beneficiadas pelas políticas desenvolvimentistas empreendidas pelo governo militar. Com recursos, aproveitaram (especialmente a Tupy) para expandir suas capacidades produtivas, entrando com grande força no mercado nacional automobilístico. (2011, p. 210)

Essa demanda por força produtiva acabou por se traduzir em campanhas de incentivo à imigração para a cidade de Joinville. Ainda sobre esse processo, Coelho narra:

Várias “campanhas de recrutamento e seleção”, associadas à “influência dos meios de comunicação”, dando publicidade para a oferta de empregos e para as benesses do mundo urbano, tornaram-se fatores adicionais de estímulo/atração para migrantes das cidades vizinhas e do Paraná. (2011, p. 210)

Nas últimas décadas do século XX, portanto, a cidade de Joinville protagonizou importantes momentos condicionantes da sua constituição contemporânea, recebendo novas levas migratórias e se afirmando como uma cidade em evidência na região, principalmente por conta da sua demografia e crescimento econômico. De acordo com Coelho:

Ocorre que, a partir dos anos 1980, Joinville passou a se destacar no cenário catarinense, entre outros aspectos, como a cidade mais populosa, em função da vinda e do estabelecimento de migrantes oriundos de várias regiões brasileiras. (2011, p. 19)

O processo descrito condiz cronologicamente com a ascensão de discursos – verbais ou não – um pouco mais desviantes, ao introduzir outros elementos à identidade de Joinville em relação do que se observara até então. Isso não significa uma regra de transformações radicais nos discursos, mas destaca a ascensão de vozes até pouco tempo ignoradas. Insistir nesse argumento é necessário para que fique claro que, por mais que haja retóricas fortes, guardadas sob a égide de determinada institucionalidade, elas não estão imunes a transformações e ressignificações, como será demonstrado à frente.

Um exemplo poderoso desse processo é descrito por Machado (2009). O autor analisa a seguinte imagem publicada no periódico Correio da Tupy, do ano de 1971:



Figura 4: Imagem publicada na capa do periódico Correio da Tupy em homenagem aos 120 anos de Joinville.

Fonte: MACHADO, 2009, p. 94.

O periódico no qual a imagem acima foi originalmente publicada, o “Correio da Tupy”, era um jornal direcionado aos funcionários da fundição (MACHADO, 2009). A Tupy foi fundada em 1938 em Joinville e ocupa até hoje um lugar de destaque na vida dos moradores da cidade, empregando 7,8 mil pessoas de acordo com dados do ano de 2017 fornecidos pela empresa⁹. Por conta disso, é possível atribuir a ela um papel não só de força produtora e motor econômico, mas também como um elemento importante na construção de uma ideia de Joinville como uma cidade do trabalho industrial. Ao longo de sua existência, a empresa foi não só destino de mão de obra imigrante, como também incentivadora e promotora de movimentos dessa natureza. Com esse quadro em mente, Machado descreve e analisa os elementos presentes na Figura III da seguinte forma:

Em meio a um cenário fabril, um jovem operário, retratado ao centro da imagem, olhava para o alto com um sorriso estampado no rosto como quem depositava esperanças no futuro da cidade, um futuro de progressos advindos de um promissor desenvolvimento industrial. Na

⁹ TUPY. Fatos & Dados: relatório executivo de imprensa 2017. Joinville, 2017. Disponível em: https://www.tupy.com.br/downloads/pdfs/2017_06_15_Fatos_Dados_Report_Executivo_2017.pdf. Acesso em: 04 mai. 2021.

base deste conjunto ilustrativo, a obra de Fritz Alt, Monumento ao Imigrante, representava o difícil passado vivido pelos imigrantes que iniciaram o processo de transformação de uma “terra inóspita” na pujante cidade desejada. Sobrepondo-se em primeiro plano, uma chaminé fabril indicava um itinerário que partia do passado, representado pelo monumento comemorativo, rumo ao distante futuro sonhado que estava sendo forjado cotidianamente no tempo presente. (2009, p. 94-5)

Sobre o aniversário de 120 anos de Joinville, mesma data em que foi divulgada no Correio da Tupy a imagem analisada anteriormente, o Jornal A Notícia (1971) publica:

Sem deter-se na contemplação exaustiva do passado, mas rendendo tributo de admiração, respeito e reconhecimento aos seus maiores, vai a cidade e seu povo vivendo os dias atuais, prosseguindo o regime de trabalho ordenado e ordeiro que tem caracterizado o seu crescimento. (JORNAL A NOTÍCIA, 1971, p.1)

Nos dois casos, o Monumento ao Imigrante permanece como grande referência na construção imagética e, por consequência, simbólica da cena composta no jornal. O que chama a atenção, ao comparar a publicação do Correio da Tupy àquela apresentada primeiro sobre a comemoração do centenário, é a maneira com a qual os elementos presentes no monumento são mobilizados de formas radicalmente historicizadas. As duas publicações reverenciam um passado heroico e vislumbram um futuro magnífico, o que é reforçado no texto do Jornal A Notícia. O que mais se destaca a partir das comparações é a emergência de forças econômicas e produtivas capazes de se declararem parte constituinte desse caminho vitorioso.

Enquanto a publicação referente ao centenário homenageia as bases sólidas, honradas e trabalhosas do passado com o olhar para um futuro desejado (JORNAL DE JOINVILLE, 1951), a segunda, publicada no Correio da Tupy em 1971, se apropria dessa narrativa, e passa a reivindicar para a Fundação Tupy um papel importante na viabilidade desse projeto desejado de civilização. A sua presença é um indicativo do êxito dessa marcha. A empresa, ao abraçar esse discurso, deixa de ser “apenas” uma grande indústria regional, mas passa a pleitear o status de elemento constituinte da identidade joinvilense.

Ao vincular o trabalhador da Tupy – empresa que absorveu um grande número de mão de obra imigrante – com o Monumento ao Imigrante, que homenageia os “primeiros colonizadores e desbravadores da terra”, revela-se um esforço de pedagogização dos imigrantes, a partir do qual o trabalho é apresentado como o princípio e fim da imigração. Então, por mais que a categoria “imigrante” não seja

questionada por si só, os sentidos que essa palavra carrega nos discursos identitários da arte pública da cidade são acionados em novos contextos.

É por isso que cabe lembrar o que levantou Coelho (2011) ao dizer que até meados de 1990 havia vozes que reivindicavam uma identidade joinvilense germânica, assim como a imagem de 1971 descrita por Machado (2009). São marcações cronológicas que nos permitem visualizar a convivência dessas visões sobre quem é o imigrante trabalhador que caracteriza a cidade de Joinville.

Os desdobramentos da influência dessas novas levas migratórias para Joinville não se mantiveram exclusivos a variações nas apropriações ou leituras do Monumento ao Imigrante de Fritz Alt. No ano de 1979, foi erguido o monumento esculpido por Paulo de Siqueira chamado “O Fundidor”. A obra construída a partir de sucatas de ferro, pesando 3.200 toneladas e medindo 7,5 metros (MOSER, 2011), destacou novamente a relação da cidade com o trabalho e com a imigração. Isso porque a indústria que o erigiu, a Tupy, construiu parte importante da sua história sobre os ombros dos imigrantes.



Figura 5: O Fundidor, 1979.

Fonte: MOSER, 2011, p.28

Acerca desse momento, Moser, na sua dissertação de mestrado em que procura fazer uma análise semiótica do "Monumento ao Imigrante" e do monumento "O Fundidor", explica que:

Vinte e nove anos após a criação do Monumento ao Imigrante, em 1951, de Fritz Alt foi fixado em Joinville, no Bairro Boa Vista, em 1979, o Monumento ao Fundidor, de autoria de Paulo da Siqueira, que representa um novo ícone da cidade, bem como, a retomada dos ideais do progresso e do mito do trabalho, ressignificado num novo tempo, num novo local, mascarado com a ideia da liberdade democrática e participativa do povo. O local da instalação do monumento não é o centro histórico urbano, mas uma zona suburbana projetada como industrial (2011, p. 109).

O referido monumento, também no contexto do aniversário de Joinville, fornece outras pistas sobre o esforço memorial da cidade. Localizado na frente da Fundação Tupy, o monumento estabelece uma relação indireta, porém perceptível, com o tema da migração, principalmente por conta de que, historicamente, a Fundação Tupy foi uma intensa consumidora de mão de obra migrante.

Alguns aspectos da reflexão apresentada acima chamam a atenção quando postos frente ao debate relativo ao conjunto patrimonial joinvilense. A narrativa que aborda a figura do imigrante, com o tempo, passa a gradativamente incluir outras características tanto às imagens representadas pela arte pública quanto às interpretações dadas a essas obras. Porém, uma constante em ambos os monumentos citados é a relação entre o migrante e o trabalho. Vale ressaltar a importância de considerar a localização onde foram erigidos os monumentos ao fazer uma reflexão sobre os seus aspectos simbólicos, ponto que é destacado por Moser (2011).

O Monumento ao Imigrante, que remete ao mito de origem da cidade e ao imigrante europeu (JORNAL DE JOINVILLE, 1951), ocupa um lugar de destaque na Praça da Bandeira, localizada no centro da cidade. Já o monumento O Fundidor, encomendado pela Fundação Tupy em 1979, fica instalado à sua frente, no Boa Vista, bairro ligado especificamente às atividades industriais. A inauguração da obra data do fim da década de 1970, época em que a empresa incentivou e não mediu esforços a imigração interna, especialmente, migrantes do interior do Paraná para compor o seu quadro de funcionários¹⁰.

¹⁰ A esse respeito ver: NIEHUES, Valdete Daufemback. **De Agricultor a Operário: Lembranças de Migrantes**. Florianópolis, 2000. 245 p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina

A obra de Fritz Alt (Monumento ao Imigrante) que enaltece o grupo de indivíduos tratados como pioneiros, traz ao público duas figuras masculinas: uma portando um machado e outra empunhando uma espingarda. Ficam destacados, ao observar o monumento, o caráter desbravador das figuras e o esforço laboral que resultaria na gênese da cidade de Joinville. Em contrapartida, O Fundidor, de Paulo de Siqueira, exalta a figura do trabalhador metalúrgico, cuja presença na cidade se liga historicamente aos processos migratórios da segunda metade do século XX.

Contudo, não é só nesse aspecto que ocorre uma diversificação das origens do migrante, assim como uma reafirmação do trabalho como valor herdado. Datada de 1999, uma matéria do Jornal A Notícia faz o convite ao turismo patrimonial no estado de Santa Catarina, destacando o Museu Nacional de Imigração e Colonização como o mais visitado de Joinville. O que chama a atenção é que nesse momento há uma expansão dos grupos mencionados como constituintes do passado de Joinville, cidade que, de acordo com o texto, teria uma “história com sotaques alemão, italiano e lusitano” (JORNAL A NOTÍCIA, 1999).

A menção a uma gama mais ampla de nacionalidades, grupos étnicos ou locais de origem não deixa de representar um certo grau de transformação na forma com a qual o imigrante é retratado. Entretanto, mesmo que associado a esses outros elementos, a presença da figura do migrante no discurso patrimonial joinvilense é uma constante, além de manter estável também o trabalho como um de seus fundamentos. Nesse sentido, torna-se pertinente o retorno à discussão sobre o conceito de imigrante trazido por Sayad (1998). O autor liga o trabalho à origem da demanda imigratória, mas também o propõe como elemento definidor da figura do imigrante para a sociedade que o recebe.

Vale ressaltar, porém, que, apesar de presente com grande constância, o imigrante nem sempre foi representado de forma positiva. Contudo, como já discutido através das reflexões de Sayad (1998), o que a sociedade de imigração levanta como ideal ou como imagem esperada varia conforme a situação na qual se encontra e como esse contexto se relaciona com o fenômeno migratório. Parte dessas mudanças são motivadas por fatores econômicos. Coelho (2011) aponta que, durante a década de 1980, Joinville apresentou uma queda nos elementos de atração da migração – em grande parte econômicos, vinculados à crise e à reestruturação da produção industrial local, agora voltada ao mercado global. Como o contingente humano que chegava não respondia mais a uma necessidade econômica, o poder público passou a tratar a

imigração, que há poucos anos era a solução para a demanda por mão de obra na cidade, como um problema.

Curiosamente, o discurso sobre a ligação identitária da cidade com a imigração não deixa de existir nesse momento. Esse fenômeno não necessariamente se caracteriza como algo contraditório, visto que Joinville foi palco de diferentes processos migratórios, como já apresentado. Portanto, o imigrante e a imigração não são vistos de maneira homogênea, o que promove a possibilidade de diferenciação e hierarquização dos grupos ligados a esses eventos.

Não é sem um cenário de conflitos e transformações que a cidade de Joinville apresenta a imigração como característica importante da sua constituição identitária. A monumentalização como resultado, mas também como reprodutora desse discurso, não está invulnerável à vida cotidiana da cidade. Pelo contrário, os monumentos são carregados de sentidos em grande parte através da sua experimentação, esta que nem sempre segue os planos desenhados institucionalmente. Essas apropriações “desviantes” afetam também os monumentos abordados aqui, como aponta Machado sobre a relação dos habitantes da cidade com o Monumento ao Imigrante:

Circulando pela região central da cidade, uma parada na Praça da Bandeira para sentar-se nas escadarias que servem de pedestal ao Monumento ao Imigrante ou mesmo para escorar-se sobre um dos personagens que compõem o enredo apresentado é uma experiência que, possivelmente, tenha sido praticada por grande parte dos habitantes de Joinville (2009, p. 89).

O autor mostra, também, que os usos do monumento não se limitam aos descritos acima; há quem, inclusive, sente no colo das personagens que compõem a cena representada na obra de Fritz Alt (Machado, 2009). Mas o que o historiador citado mostra além disso é que nem todas as interações praticadas são “amigáveis” como as mencionadas. No mesmo trabalho, Machado (2009) narra um episódio de depredação do local, cujos autores são referidos como vândalos pela imprensa e têm a sua ação atribuída à intenção de vender o bronze que constituía parte das estátuas.

Por fim, entende-se que a monumentalização da imigração e do trabalho em Joinville se constitui como um quadro complexo, que mobiliza sentimentos e interesses dos mais distintos. Somados a isso, os próprios processos migratórios que recompõem esse conceito são diferentes e submetidos a interpretações, apropriações, disputas e influências que variam com o andamento da história. No próximo tópico, serão trabalhados aspectos teóricos sobre como ocorre essa dinâmica

de significação dos monumentos. No caso do tema trabalhado aqui e do foco nos imigrantes haitianos, esse questionamento se torna particularmente relevante por se tratar de uma cidade cuja identidade se construiu institucionalmente sobre processos migratórios complexos, passando por ressignificações e reapropriações. Sendo assim, a emergência de grupos sociais decorrente de uma imigração dada em um novo contexto social levanta questionamentos sobre a maneira como a cidade enxerga o imigrante na sua experiência contemporânea, assim como traz reflexões acerca de como esses imigrantes significam a cidade para a qual se destinaram.

É com esse panorama – em que imigração e trabalho se combinam na formação do discurso monumental da cidade – que a relação simbólica dos imigrantes haitianos com o Monumento ao Imigrante e com "O Fundidor" tem o potencial de problematizar como essa faceta institucionalizada do discurso identitário joinvilense – que se vale dos monumentos como vetores de transmissão – se comunica, ou deixa de se comunicar, com os imigrantes haitianos que se estabeleceram em Joinville.

2.2 MONUMENTO, MEMÓRIA E IDENTIDADES

Tendo em vista o foco da pesquisa apresentada neste texto, o debate a ser feito carece de um esforço para entender os efeitos que esses monumentos têm sobre a memória e, conseqüentemente, sobre a constituição de identidades e significados.

Falando, então, da memória, é necessário fazer uma distinção. Esse conceito é discutido por diferentes autores que usam termos distintos para classificar os níveis de memória. Apesar disso, existe uma possibilidade de relacionar as formas de explicar a memória dentro de diferentes quadros conceituais – levando em conta, obviamente, suas devidas especificidades.

Ainda que os níveis de memória não existam separadamente, Assmann (2008) classifica duas formas de sua manifestação: uma focada no indivíduo e outra que trata de uma coletividade. A dificuldade de tratar desse tema, porém, vem do fato de que memórias tidas como individuais (nível interno) necessitam de um aparato comunicativo para terem sentido, possuindo, portanto, um caráter coletivo em sua produção – em outras palavras, uma esfera social e cultural na qual se inserem (ASSMANN, 2008).

Por outro lado, as memórias em nível social não pairam sobre as mentes humanas nem existem absolutas e uniformes nas recordações. Esse campo da memória é constituído pelo conjunto de memórias “individuais”, que compartilham sistemas de pensamento e de significação comuns, mas não necessariamente idênticos. É possível afirmar, portanto, que toda memória individual possui um alicerce no âmbito social e toda memória coletiva é constituída pelo ato de lembrar de diferentes indivíduos (ASSMANN, 2008). Serão estes, então, os pontos fundamentais dos parágrafos a seguir.

O foco aqui, dentro dessa distinção, se volta ao nível social da memória. Maurice Halbwachs (2006), sociólogo francês, estabeleceu essa diferenciação, elaborando o conceito de memória coletiva e demonstrando que a memória, mesmo no nível interno, é dependente de socialização e comunicação. Contudo, para entrar em uma reflexão sobre monumentos, tendo a memória como ponto focal, o aprofundamento no conceito de memória coletiva promovido por Jan Assmann (2008) se mostra de grande valor. A discussão proposta por Assmann (2008) não tem como objetivo desfazer as prerrogativas defendidas por Halbwachs (2006), mas, a partir delas, pretende trazer uma importante distinção ao elaborar dois segmentos da memória coletiva. As categorias de memória propostas por Assmann (2008) são praticadas e estruturadas de formas diferentes entre si, porém mantêm seu caráter social e comunicativo, inerentes ao conceito original de Halbwachs (2006).

Daí emergem as denominações “memória comunicativa” e “memória cultural”. A primeira tem como característica fundamental a ausência de uma institucionalização – ou seja, não há materialização, rememoração constante em datas predeterminadas ou proteção de especialistas. A memória comunicativa acontece no cotidiano, na interação entre os indivíduos, o que faz com que tenha duração limitada. Em contrapartida, a memória cultural tem em seu cerne de existência a institucionalização e criação de símbolos para que seja propagada.

É por conta dessas características que o conceito de memória cultural se encaixa no debate acerca da monumentalização e demonstra ser uma categoria de destaque para as análises deste trabalho. Para Assmann (2008), essa modalidade de memória se relaciona com o passado, fixando-se em pontos específicos dele ao passo que o torna presente em seus símbolos – sejam eles monumentos, como mencionado, ou rituais, festas, mitos orais e escritos. Nesse ponto, cabe um adendo acerca da oralidade: diferentemente da memória comunicativa, na qual a interação se dá de

modo não institucionalizado, a oralidade no campo da memória cultural passa por métodos de reprodução da memória específicos de seu contexto, obedecendo a formas tradicionais de perpetuação.

Os monumentos, portanto, se configuram como símbolos construídos com o objetivo de constituir uma memória cultural de determinado grupo, preenchidos de significados para que esse passado seja presentificado e, dessa forma, rememorado. Porém os monumentos não são símbolos que possuem um significado em si mesmos, como se fossem munidos de uma essência que liga o passado a ser lembrado com o presente que dele busca se recordar. Como símbolos que são, tornam-se valiosos para a memória cultural no momento em que são imbuídos de significado por aqueles que os estabelecem e por aqueles que os observam (ASSMANN, 2008).

Mas de que forma esse passado é lembrado? Se não se trata de uma memória pessoal, mas de uma recordação de um coletivo, qual seria a diferença entre a memória cultural e o conhecimento histórico? Sobre esse ponto, Assmann (2008) defende que a memória só se configura como tal ao passo que se relaciona com a construção de uma identidade. Por isso, para a memória, o esquecimento é parte fundamental. Enquanto o conhecimento histórico busca ser sempre progressivo, a memória depende do esquecimento para ser construída. Os monumentos são, portanto, vetores de identificações que se formam por meio das memórias e esquecimentos?

Tratar da memória tem na diversidade de abordagens um dos seus desafios mais aparentes. Até o presente momento, foi adotado o termo “memória cultural” como ideia norteadora. Contudo, para enriquecer o debate sobre o compartilhamento e a institucionalização de uma memória, fazendo-a assumir as características de memória cultural, as ideias trabalhadas por Joël Candau (2011) são de grande utilidade. O antropólogo trabalha com a perspectiva de “memória social”, e, por meio dela, levanta uma gama de argumentos que ao mesmo tempo alargam e aprofundam as reflexões sobre a memória.

Para Candau (2011), a memória de um indivíduo se manifesta em diferentes níveis, e para a presente discussão cabe ressaltar o conceito de metamemória, que seria a forma como os indivíduos e grupos representam o seu conjunto mnemônico formado por recordações e reconhecimentos:

A metamemória, que é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e,

de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao ‘modo de afiliação de um indivíduo a seu passado’ [...] é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva. (CANDAU, 2011, p. 23)

Como a memória cultural depende de símbolos para se propagar, esse processo de coletivização da memória (metamemória) pode ser entendido através da ideia de que o patrimônio – monumentos inclusos – cumpriria a função de sociotransmissor. Para Candau (2010, p. 52), um sociotransmissor, metaforicamente, teria, para os indivíduos, uma finalidade semelhante à dos neurotransmissores para os neurônios. Dessa forma, a partir da reflexão de Arruda, é possível afirmar que:

(...) as noções de cultura e patrimônio encontram-se associadas à memória social, uma das formas de transmissão da cultura, e à identidade, inerente a identificação. O patrimônio, a memória, a cultura e a identidade sempre remetem a um coletivo “todos os termos envolvem o problema do ‘nosso’”, a nossa história, a nossa memória, a nossa identidade, o nosso patrimônio. (2009, p. 190)

Ou seja, o patrimônio – entendido como sociotransmissor – seria capaz de extrapolar o alcance da memória individual, tornando-a parte constitutiva da identidade de um grupo. Para Candau:

[...] o patrimônio é constitutivo da metamemória e é também por essa razão que ele é a garantia da “sobrevivência da memória dos grupos”. Enquanto fenômeno metamemorial, ele contribui para a ilusão holista, quer dizer, à representação do grupo de pertencimento como um todo homogêneo, integrado e dotado de uma essência. O compartilhamento da metamemória dá uma certa veracidade a essa ilusão. (2010, p. 51)

O caráter de sociotransmissão inerente aos monumentos decorre diretamente de um esforço ligado à metamemória. Todavia, essa transmissão e construção da memória cultural e, por consequência, de identidade, não ocorre sem ruídos. A apropriação dos discursos patrimoniais acaba por não comunicar apenas o que o próprio patrimônio se propõe a irradiar. Nesse sentido, a experiência do imigrante, como trabalhada no primeiro capítulo, é um elemento determinante das formas com as quais esses discursos são apropriados.

Ao fazer uma conexão entre os autores citados, seria possível tratar da metamemória como material constitutivo da memória cultural – um complexo de significados, valores, esquecimentos e recordações institucionalizadas através do esforço reivindicativo promovido pela metamemória. A metamemória seria o substrato constitutivo que disputa lugares institucionalizados no processo de formação da memória cultural, alicerce na construção de identidades relativas a grupos sociais.

Esse processo de formação dos discursos identitários é abordado por Hall (2000, p. 108), quando este afirma que “as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”. Ou seja, apesar de se constituir como um esforço essencializante – a ideia de dar tons de naturalidade àquilo que é construído historicamente –, o processo de identificação, seja ele na esfera coletiva – como no caso do patrimônio – ou individual, se dá a partir da relação ininterrupta com o externo, configurando-se como um processo contínuo de construção.

Porém, a categoria “identidade” para Hall é um problema conceitual, que atualmente se mantém sob rasura. “As duas linhas cruzadas (X) que sinalizam que eles estão cancelados permitem, de forma paradoxal, que eles continuem sendo lidos” (HALL, 2000, p. 104). Esse tratamento dos conceitos permite a quem os lê e os emprega pensar através deles, mas também colocá-los em dúvida – o que se mostra extremamente pertinente ao se tratar da noção de identidade. Sobre esse impasse, Hall propõe o uso do termo “identificação”, que, embora esteja fixada a condições específicas de existência (materiais e simbólicas), está, necessariamente, localizada na contingência, e não dada previamente.

Ao problematizar o conceito, Hall (2000) propõe que as identidades – ou o processo de identificação – dizem respeito muito mais a uma “utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura (...) para a produção daquilo que nos tornamos” (HALL, 2000, p. 108-109) do que a uma correspondência científica para com a história. É possível compreender, então, a historicidade como material da construção da identidade. Esse processo demonstra como a memória se diferencia do conhecimento histórico, ao passo que se caracteriza pelos recursos utilizados para a construção da identidade – sejam eles lembranças ou lacunas escavadas pelo esquecimento.

O caráter contingencial da identificação também se conecta com os conceitos trabalhados até então. O monumento se ergue como um esforço da metamemória (CANDAU, 2011) para a construção de uma memória cultural (ASSMANN, 2008) – elemento constituinte da identidade de determinado grupo –, configurando-se como um poderoso sociotransmissor (CANDAU, 2010). Porém, como a identificação acontece na contingência, a relação com os significados emanados pelo monumento possui duas vias. O monumento provoca a construção de sentidos cujas formas não são dadas exclusivamente por ele, porque se assim fosse o termo adequado não seria construção, mas imposição.

A partir dessa lógica, o observador dá significado ao monumento na presencialidade do encontro baseado na condição em que está imerso. Assim, as experiências do indivíduo se tornam um elemento fundamental na construção dos sentidos sobre o monumento e da sua identidade em constante formação (processo de identificação). Candau explica que:

[...] a existência de atos de memória coletiva não é suficiente para atestar a realidade de uma memória coletiva. Um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem que por isso compartilhe as mesmas representações do passado. (2011, p. 35)

A memória coletiva, partindo desse argumento, advém de uma produção, justamente porque, de acordo com Candau (2011), esta não se forma como uma consequência imediata dos atos e marcos memoriais. Esse ponto destaca a importância do processo ocorrido entre o estabelecimento de práticas e demarcações memoriais, como os monumentos, até a existência de uma memória coletiva. É possível apontar, portanto, a presença de um distanciamento epistêmico entre os monumentos, a memória cultural (ASSMANN, 2008) e os fenômenos de identificação. Essa característica permite o ingresso das experiências, estruturas cognitivas e outros elementos da subjetividade na construção das significações dos objetos memoriais, já que não há uma transmissão imediata dos sentidos reivindicados através deles para os agentes sociais.

Se a memória cultural (ASSMANN, 2008) é resultado de uma elaboração complexa e multifacetada, o mesmo pode ser dito das identificações, tendo em vista a imbricação entre os dois conceitos. Tomaz Tadeu da Silva (2000) ajuda a entender esse movimento. O autor defende a ideia de que a identidade pode ser entendida como construída dentro do discurso, o que conclama uma narrativa sobre o “eu”, que, em nenhum momento, perde seu efeito discursivo, por se caracterizar como uma elaboração subjetiva. As identificações – tratadas neste termo por conta da reflexão proposta por Hall (2000) – ocorrem incorporadas à sua historicidade e aos quadros institucionais, imersos em jogos de poder, nos quais se inserem. Deste modo, as identidades e seus mecanismos de elaboração são objetos e ferramentas de disputas (SILVA, 2000).

Portanto, as identidades estão muito mais ligadas a estratégias de marcação da diferença do que a resultados de unidades identificadas no campo social. Um monumento, como peça na tentativa de construção de uma identidade, busca trazer à tona o que determinado grupo possui de específico, marcar a sua diferença em

relação aos demais. Enunciar uma identidade é dizer aquilo que não se é. Por isso, quando um grupo é representado de determinada forma, o que está sendo marcado não é a semelhança entre os indivíduos que o constituem, mas as suas diferenças em relação ao exterior – a fabricação de uma fronteira (SILVA, 2000).

Ou seja, esse procedimento configura uma facilitação no uso linguagem (é muito mais simples dizer o que se é, do que listar tudo o que não se é), como explica Silva:

A afirmação “sou brasileira”, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças. Por trás da afirmação “sou brasileiro” deve-se ler: “não sou argentino”, “não sou chinês”, “não sou japonês”. [...] Como ocorre em outros casos, a gramática ajuda, mas também esconde. (2000, p. 75)

O que a gramática esconde, para o autor, é o regime de produção da identidade, ou seja, o fato de ela ser fabricada no contato com a diferença, submetida às relações de poder e sempre inacabada. Essa análise vai ao encontro direto com o que propõe Hall, ao afirmar que a identificação envolve principalmente “o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteiras’. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui” (2000, p. 106).

Dentro dessa discussão, o monumento pode ser entendido como um pilar na construção dessas fronteiras. Porém, o monumento pode também ser pensado como um espaço onde essas diferenças são confrontadas e entram em relação. Isso porque entende-se que um marco específico pode ser mobilizado por agentes sociais que carregam as mais diversas bagagens subjetivas.

O monumento, nesse processo, buscaria emanar uma metamemória no esforço de estabelecer uma memória cultural específica que marcaria as características identitárias de um grupo. Essas características, por sua vez, teriam o papel de criar as demarcações entre “nós” e “eles”, entre os “nativos” e os “estrangeiros”, ou até entre diferentes ordens de imigrantes. Contudo, cabe ressaltar que o controle das significações sobre o objeto se perde na multiplicidade com a qual se relaciona.

Dessa forma, entende-se que, por mais que os dois monumentos já apresentados evoquem as noções de imigrante e de trabalho, é possível que estabeleçam diferentes identificações acerca desses conceitos. Essa diferença, que erige fronteiras entre grupos e indivíduos, pode ser construída tanto em significações

distintas entre as ideias de imigração e trabalho de um monumento comparado a outro, quanto dos monumentos em relação às mais diferentes experiências daqueles que os observam. Por exemplo, se por um lado, o Monumento ao Imigrante pode ser interpretado como uma exaltação do trabalho como força desbravadora e fundadora da cidade, “O Fundidor”, por sua vez, mobiliza a ideia do trabalho fabril, sujeito a diferentes significações e, portanto, identificações das mais variadas.

Todavia, não se trata apenas da diferença que emerge da confrontação dos dois objetos em questão. As experiências e trajetórias dos imigrantes são tão numerosas e particulares quanto os indivíduos que imigram, tornando potencialmente incontáveis as diferentes significações dos monumentos, assim como da própria condição migrante.

Em resumo, como sociotransmissores que são, os monumentos carecem do observador para que sejam significados. Quem, contudo, observa um monumento, não se apresenta como uma tábula rasa, pronto para absorver integral e cristalinamente a mensagem que o objeto observado tenta comunicar. Aquele que, pela contingência da experiência cotidiana, entra em contato com um monumento, carrega consigo seus próprios esquemas de significação. A institucionalidade que deu origem ao monumento não controla esse esquema – que muito tem a ver com a elaboração da consciência do indivíduo, como discutido no capítulo anterior. O resultado é uma narrativa proposta pelo monumento, mas que se converte em significados múltiplos escritos a várias mãos.

No contexto joinvilense, tendo em vista os apontamentos acima, identifica-se um cenário de infinitas possibilidades de significação dos monumentos e da própria cidade pelos imigrantes haitianos residentes nela. A formação da memória cultural (ASSMANN, 2008) da cidade, que passa pela monumentalização do trabalho e do imigrante em Joinville, é posta em movimento com a presença de imigrantes agora vindos do Haiti em um momento histórico permeado por suas especificidades.

Portanto, é na narrativa dos próprios imigrantes haitianos que será possível perceber esses processos de construção simbólica, visto que estes sujeitos são agentes históricos que carregam consigo bagagens culturais, sociais e psicológicas singulares. Esses aspectos, como já mencionado, são fundamentais no processo de atribuição de sentido aos monumentos ou a qualquer outro sociotransmissor (CANDAU, 2010). Isso faz das entrevistas com os imigrantes haitianos, realizadas por

Souza (2019) e disponibilizadas pelo Laboratório de História Oral da Univille (LHO), o ponto central do próximo capítulo.

3 NARRATIVAS DE IMIGRANTES HAITIANOS EM JOINVILLE

Com o objetivo de investigar quais sentidos são produzidos pelos imigrantes haitianos residentes em Joinville sobre a cidade, sua condição migrante e os monumentos “O Fundidor” e “Monumento ao Imigrante”, a metodologia adotada para o trabalho se baseia na análise de entrevistas produzidas por meio da História Oral. Este capítulo apresenta uma relação entre a metodologia da História Oral e estudos ligados à migração, a fim de possibilitar um debate entre algumas perspectivas teóricas que tangenciam o tema e potenciais desafios de pesquisa. As entrevistas encontram-se disponíveis em formato de áudio e transcrição no acervo do Laboratório de História Oral (LHO) da Universidade da Região de Joinville (Univille) e foram elaboradas no contexto da pesquisa referente à tese defendida por Souza (2019).

A professora doutora Sirlei de Souza, também coorientadora¹¹ da presente pesquisa, realizou uma série de entrevistas com imigrantes haitianos residentes na cidade de Joinville durante os anos de 2010 a 2016. Esse trabalho resultou na tese intitulada "Narrativas imigrantes: tramas comunicacionais e tensões da imigração haitiana em Joinville/SC (2010-2016)"¹².

As entrevistas produzidas por Souza foram realizadas de maneira semiestruturada e organizadas a partir de um roteiro¹³ dividido em quatro blocos temáticos: a trajetória de vida até o estabelecimento em Joinville; o processo de imigração para o Brasil e para Joinville; as percepções sobre a imigração e a condição dos imigrantes na cidade e suas redes de sociabilidade, apoio, lazer etc. (SOUZA, 2019). Utilizando-se dessa ordem, a pesquisadora realizou dez entrevistas, das quais oito foram citadas diretamente no presente trabalho¹⁴.

Em seu trabalho, Souza (2019) volta sua atenção para a comunicação em um contexto migratório no qual as tecnologias de informação são um elemento importante da realidade social e, portanto, da experiência da imigração. Por mais que o objeto do

¹¹ Como coorientadora, a Profa. Dra. Sirlei de Souza, além de sua contribuição no desenvolvimento deste trabalho, proporcionou-me detalhes ricos sobre o contexto das entrevistas, bem como compartilhou suas lembranças sensíveis de quando as realizou.

¹² SOUZA, Sirlei de. **Narrativas imigrantes: tramas comunicacionais e tensões da imigração haitiana em Joinville/SC (2010-2016)**. Rio de Janeiro, 2019. 264f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

¹³ O roteiro utilizado nas entrevistas pode ser encontrado no Anexo A.

¹⁴ Os dados dos entrevistados, juntamente de um resumo do conteúdo das entrevistas, estão apresentados no Apêndice A.

trabalho de Souza (2019) esteja muito bem circunscrito, a autora mostra nas entrevistas que produziu a preocupação metodológica de estabelecer um diálogo com seus entrevistados que pudesse abrir os horizontes da narrativa.

Ao fazer isso, Souza (2019) mostra a potência da História Oral como produtora de fontes. A vida no âmbito social ocorre invariavelmente na relação com diferentes fenômenos. Dessa forma, ao tratar da comunicação, as narrativas dos entrevistados perpassam outros vários elementos da experiência migrante. É a partir dessa característica da metodologia da História Oral que se torna possível questionar o material produzido para um trabalho anterior a partir de novos problemas de pesquisa.

Contudo, é necessário esclarecer que problemáticas de pesquisa diferentes demandam reflexões específicas. Por isso cabe aqui um esforço a fim de apresentar a relação e pertinência da metodologia adotada para a abordagem das problemáticas em questão no presente trabalho: quais são as percepções dos imigrantes haitianos sobre a cidade de Joinville e como elas se relacionam com a experiência de se estabelecer como migrante em Joinville? Que sentidos são produzidos pelos imigrantes haitianos residentes em Joinville sobre a cidade? Existe uma relação mais densa desse grupo com os monumentos direcionados à imagem do imigrante e do trabalho? Caso não haja, quais espaços, para além dos mencionados, são tomados como lugares que acionam lembranças do Haiti a ponto de serem fabricados sentidos e produzidas narrativas de identidade?

Dadas as características da proposta de pesquisa apresentada, a História Oral é um caminho pertinente no que tange aos direcionamentos temáticos e encaminhamentos na abordagem da problemática. Isso se dá muito por conta das características específicas dessa metodologia que, de acordo com Portelli (1997, p. 31), “conta menos sobre os eventos, que sobre significados”. Nessa mesma perspectiva, o autor segue:

Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos. (PORTELLI, 1997, p. 31)

Portanto, essa abordagem metodológica não se debruça exclusivamente sobre as causas estruturantes da imigração. O esforço se encontra muito mais em trazer à tona a experiência do sujeito imerso na condição migrante. Para atender a uma demanda de pesquisa como essa, as fontes orais acabam por apresentar

possibilidades de interpretação muito singulares, de forma que, para Thomson (2002, p. 345):

O testemunho oral e outras formas de histórias de vida demonstram “a complexidade do real processo da migração” e mostram como estas políticas e padrões repercutem nas vidas e nos relacionamentos dos migrantes individualmente, das famílias e das comunidades.

Partindo dessa ótica, as narrativas dos imigrantes haitianos residentes na cidade de Joinville apresentam – por conta das subjetividades que as atravessam – questões potentes para o estudo das produções simbólicas desses sujeitos sobre a cidade e parte do seu discurso monumental.

3.1 DESAFIOS METODOLÓGICOS DA HISTÓRIA ORAL

O trabalho com a História Oral demanda do pesquisador um olhar atento sobre o seu entendimento acerca das fontes com as quais trabalha. Qualquer tipo de documentação aplicada em um estudo científico possui demandas específicas, mas a História Oral se destaca nesse aspecto por conta das suas singularidades na produção e consequente análise das fontes.

Somada a isso, a pesquisa apresentada aqui pede a reflexão sobre outro aspecto metodológico que envolve o estudo a partir da História Oral. Como comentado anteriormente, as entrevistas que serão analisadas foram desenvolvidas para a pesquisa que deu origem à tese “Narrativas imigrantes: tramas comunicacionais e tensões da imigração haitiana em Joinville/SC (2010-2016)” defendida no ano de 2019 por Sirlei de Souza¹⁵. Além da tese referida, outros dois projetos foram desenvolvidos de forma integrada ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Diferença¹⁶, denominados “Influência de elementos culturais haitianos nas respostas de *coping* na condição migrante” e “Imigrantes haitianos e o patrimônio cultural de Joinville”. O primeiro resultou na dissertação “Cognição e cultura: um diálogo interdisciplinar sobre o *Lakou* haitiano e suas manifestações na condição migrante”, defendida por Maikon de Sousa Michels em 2018, enquanto o segundo resultou no presente trabalho.

¹⁵ SOUZA, Sirlei de. **Narrativas imigrantes: tramas comunicacionais e tensões da imigração haitiana em Joinville/SC (2010-2016)**. Rio de Janeiro, 2019. 264f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

O historiador canadense Alexander Freund (2013) chama essa mobilização das fontes de “usos secundários” de histórias orais. O termo secundário não deve ser entendido como um indicativo de menor importância ou hierarquia documental, mas sim como uma maneira de referir aos usos das entrevistas para além do motivo da sua produção.

A pesquisadora realizou um conjunto de dez entrevistas com imigrantes haitianos que residiam na cidade de Joinville entre os anos de 2010 e 2016, que foram doadas ao Acervo do Laboratório de História Oral da Univille (LHO), onde se encontram atualmente. Na sua tese, a autora se propôs a estudar as narrativas dos imigrantes haitianos em Joinville sobre as suas vivências e condição imigrante na cidade, bem como as narrativas produzidas sobre eles pela imprensa local. A pesquisa se debruça sobre o recorte cronológico que vai de 2010 a 2016, e tem nas entrevistas elaboradas com imigrantes haitianos, pensadas a partir da metodologia da História Oral, o cerne do seu quadro empírico.

Esses detalhes se revelam metodologicamente centrais. O conhecimento do evento da entrevista é um elemento importante, dado que “antes de ouvir as entrevistas (ou ler suas transcrições), o pesquisador deve descobrir o máximo possível sobre a procedência da coleção” (FREUND, 2013, p.37). Para o caso das entrevistas que serão trabalhadas durante esse capítulo, essa tarefa é facilitada pela disponibilidade tanto do próprio acervo no LHO quanto pelo acesso à pesquisa para a qual os relatos foram produzidos originalmente. Mais detalhadamente, Freund (2013, p. 41) explica que:

Os pesquisadores precisam descobrir muito mais sobre o entrevistador e o local da entrevista. Isto irá ajudá-lo a entender por que um entrevistador perguntou certa questão em um determinado momento, por que ele o perguntou de uma maneira específica e por que não fez outras perguntas.

Além disso, outros elementos devem ser levados em consideração, como os aspectos materiais que envolvem o acesso às entrevistas. Fontes escritas e visuais também apresentam esse tipo de desafio ao pesquisador, como o desgaste ou dano ao objeto. No caso do trabalho com a História Oral, a qualidade das gravações e disponibilidade das transcrições são o que traz esses pontos à tona (FREUND, 2013).

Felizmente, no caso do trabalho de Souza (2019), a qualidade dos áudios não dificultou a compreensão das falas. A possibilidade de ouvir o diálogo com clareza, tanto nas falas do entrevistado quanto do entrevistador, permite que a oralidade

inerente às fontes se destaque, revelando informações e nuances dificilmente reproduzidas na transcrição (FREUND, 2013).

Além disso, Souza (2019) aponta no seu trabalho quais perspectivas teóricas fundamentaram a sua prática com a História Oral e dá às ideias de Portelli (1997) um lugar de centralidade. Por isso, esclarecer de que forma o autor pensa a metodologia da História Oral e alguns de seus desdobramentos práticos e éticos contribuiu para a compreensão do processo de produção das entrevistas elaboradas por Souza (2019), o que Freund (2013) indica como sendo importante para o uso secundário das fontes orais.

Em geral, ao se buscarem fontes orais, o foco reside nas narrativas do entrevistado. Porém, a figura do entrevistador não pode ser ignorada; ao contrário, requer um cuidado próprio, como já dito. Isso acontece principalmente no “uso secundário” (FREUND, 2013) das entrevistas. Assim como uma fonte escrita demanda do pesquisador um esforço para o entendimento da sua historicidade, estudar os relatos produzidos mediante a metodologia da História Oral pede uma aproximação do contexto no qual ocorrem e dos indivíduos que os protagonizam.

Nesse sentido, diferentemente das fontes escritas, as narrativas apresentam uma peculiaridade no que compete à sua produção. O relato oral, caracterizado pela presença do entrevistador – figura que interpela a narrativa com perguntas, gestos, postura, ou mesmo a partir de uma carga social inerente ao seu possível lugar institucional –, não se faz fora do momento da entrevista, não se planeja previamente em sua totalidade. O relato, dessa forma, está aberto ao ineditismo do momento em que é elaborado e por isso é único e irreplicável.

Ao levar em conta essa ideia, é pertinente afirmar que o entrevistador não está fora da sua fonte; pelo contrário, é agente produtor dela, tornando praticamente indissociável a figura do pesquisador do seu “objeto de pesquisa”. Nessa direção, Portelli (1997, p. 35) aponta que “o conteúdo das fontes orais (...) depende largamente do que os entrevistadores põem em termos das questões, diálogos e relações pessoais”. Por isso, é possível afirmar que, nesses termos, essa oposição entre fonte (entrevistado) e pesquisador (entrevistador) é mais do que inviável, mas sim equivocada no que tange à elaboração da fonte.

Compreender essa dinâmica continua sendo necessário para o “uso secundário” (FREUND, 2013) das fontes, pondo que a relação entre entrevistador e entrevistado cria uma das estruturas subjacentes da entrevista de História Oral. De

acordo com Freund (2013), essa estrutura precisa ser entendida, a fim de dar sentido à entrevista. Portanto, pode-se afirmar que a atenção a esse aspecto permeia toda a prática metodológica da História Oral, desde a realização da entrevista até a análise posterior do material.

A ação do entrevistador e a busca pela resposta aos seus problemas de pesquisa, no entanto, não são por si só definidoras do andamento da narrativa. O entrevistado não se põe como um sujeito passivo frente a um questionário para o qual deve responder aquilo que abarca os interesses específicos do entrevistador. Assim como o pesquisador é movido por suas demandas, objetivos e proposta de trabalho, o entrevistado mobiliza a sua memória de acordo com suas próprias experiências, sentimentos e interesses. Ou seja, não há como estabelecer um percurso pré-determinado e fechado.

É justamente a existência de diferenças das mais diversas naturezas entre entrevistador e entrevistado – inclusive os papéis exercidos por eles no momento da entrevista – que torna a narrativa produzida algo imprevisível.

Contudo, a diferença que marca papéis aparentemente muito fixos na prática da História Oral – como aquele que elabora o roteiro de entrevista em contraponto àquele que fornece o relato – se torna muito menos nítida quando analisada a narrativa como produto de um momento singular atravessado pelas suas historicidades. No sentido da ideia apresentada, é possível afirmar que:

Junto à primeira pessoa do entrevistador se situa a primeira pessoa do historiador, sem o qual não haveria entrevista. Ambos os discursos, do informante e do historiador, são em forma narrativa, que raramente é o caso dos documentos de arquivo. Informantes são historiadores, de certo modo; e o historiador é, algumas vezes, uma parte da fonte. (PORTELLI, 1997, p. 37-8)

O processo de elaboração de uma fonte através de uma entrevista acontece, portanto, na relação entre agentes históricos, caracterizando a existência não de um objeto e de um observador, mas de sujeitos de pesquisa em contato. Por conta disso, o estabelecimento do espaço de interação onde a entrevista ocorre é decisivo para o andamento da conversa e, conseqüentemente, para a fonte que será produzida nela. A decisão sobre os limites do que será dito, apesar de a narrativa ser constantemente atravessada pelo pesquisador, cabe ao entrevistado.

Essa postura acaba por transbordar a reflexão do método por ele mesmo – ou seja, como forma de elaborar um estudo e produzir conhecimento sobre um determinado tema. Torna-se um debate ético, que se intensifica ao passo que não se

estuda um objeto inerte, mas as memórias, as subjetividades de pessoas. É em vista disso que:

Devemos, não obstante, fazer um esforço para criar um ambiente em que as pessoas tenham condições de estabelecer os próprios limites e de tomar as próprias decisões a esse respeito. Não o conseguiremos ignorando as diferenças que nos torna desiguais, nem paternalística (e desonestamente) simulando uma igualdade que inexistente. Em vez disso, devemos deitar por terra a diferença, encará-la menos como uma distorção da comunicação do que como a própria base desta e situar a conversa no contexto da luta e do trabalho, com o intuito de criar igualdade. (PORTELLI, 1997, p. 20)

Por esse motivo, a diferença não pode ser ignorada, por ser a própria diferença que possibilita a pergunta, a dúvida e, por conseguinte, a pesquisa. Essa demarcação transborda o caráter subjetivo e passa a atravessar aspectos políticos e identitários ao ser abordada a imigração. Há, em acordo com o que foi trabalhado no primeiro capítulo, elementos específicos que compõem a condição migrante – atributos que vêm à tona no contato proporcionado pela entrevista.

No entanto, o que propôs Portelli (1997) é justamente que não se faça disso desigualdade, porque em um momento e lugar onde se constrói – no contato entre dois sujeitos – uma narrativa, é necessário que se estabeleça a liberdade de falar, de ouvir e também de silenciar. Liberdade essa que não é pautada em uma igualdade fantasiosa e colocada paternalisticamente, mas construída no momento em que as diferenças são encaradas como características constituintes dos sujeitos em relação. Nesse momento, o que define os limites do relato não é mais uma hierarquia externa aos sujeitos e determinada por suas diferenças, mas eles próprios.

As subjetividades em relação no momento do encontro, tanto do entrevistado quanto do entrevistador, acabam por se manifestar respondendo aos mais diferentes estímulos provenientes de suas experiências históricas, trazendo a imprevisibilidade e irrepetibilidade características da História Oral.

É por isso que Freund alerta que “historiadores orais também devem ter em mente que os seus próprios interesses de pesquisa não são uma boa base para avaliar a memória de um entrevistado” (FREUND, 2013, p. 51). Essa é uma preocupação que se redobra no “uso secundário” da História Oral, tendo em vista que estão presentes, além dos interesses científicos do pesquisador entrevistador, os interesses do pesquisador que recorre a essa fonte em um segundo momento. Sabendo disso, por conta da diversidade de nuances presentes nos diferentes

formatos de registro das narrativas, a análise das entrevistas para o presente trabalho partiu tanto da leitura das transcrições quanto da análise dos áudios.

Ademais, também é fundamental a atenção à proposta de trabalho de Souza (2019), que motivou as entrevistas originalmente. Ainda assim, é necessário levar em conta que uma narrativa ultrapassa os limites da interpelação do entrevistador ou de alguma expectativa de resposta pontual. Qualquer narrativa sobre si mesmo demanda do narrador (nesse caso, imigrantes haitianos vivendo em Joinville) uma postura de intérprete da própria realidade (BUTLER, 2015), reconstruindo-a e significando-a a partir das memórias mobilizadas em um momento de historicidade própria. E é nessa riqueza de elementos constituidores das entrevistas que este trabalho se dedica a buscar os significados atribuídos pelos imigrantes haitianos residentes na cidade de Joinville ao monumento "O Fundidor", ao "Monumento ao Imigrante", à cidade e à sua condição migrante.

3.2 A HISTÓRIA ORAL NO ESTUDO DA IMIGRAÇÃO

Na busca de interpretar os significados do que foi dito, é necessário fazer um esforço para entender quem fala. Essa reflexão sobre o “quem” não exclui a análise do “quando” e do “onde” se fala, até porque o sujeito que narra é atravessado pelas circunstâncias históricas (que abarcam elementos de caráter econômico, social, cultural e político) nas quais se encontra no momento do exercício da narrativa. Essa perspectiva não se limita ao trabalho com imigrantes, contudo alguns elementos específicos devem ser levados em consideração no uso dos relatos de imigrantes como fonte.

Uma das características mais marcantes da condição migrante é que a migração – seja ela transnacional ou dentro do território nacional – se caracteriza como um momento de ruptura. Esses pontos emblemáticos na vida de um indivíduo, que configuram transformações radicais, resultam em uma mudança não só nas formas com que esse indivíduo experimenta o mundo que o cerca, mas também em ressignificações da sua própria história, na forma como se relaciona com o seu passado – ou seja, na elaboração da sua memória (KOSELLECK, 2014).

O autor que ajuda nessa reflexão, Koselleck (2014), baseia suas proposições, no entanto, na análise de memórias de indivíduos que passaram por eventos ligados a guerras. No caso da imigração, porém, existem peculiaridades importantes em

comparação a outros eventos de ruptura (como guerras ou grandes desastres naturais). Uma delas é a de que a condição migrante impõe, a quem nela se insere, mudanças de natureza contínua sobre inúmeras esferas da vida – referentes, por exemplo, à sociedade na qual o indivíduo está inserido, ao lugar de onde veio e, também, a si mesmo.

Por conta disso, no que tange ao estudo sobre narrativas de imigrantes, seria um equívoco atribuir ao movimento migratório (a transição física de um local para outro) esse papel de ruptura biográfica de forma absoluta e cronologicamente bem definida. Isso não quer dizer que esse evento não se configure como um nó de grande importância dentro de uma história de vida, mas que esse evento passa a desencadear uma série de transformações contínuas que, por sua vez, não são efeitos da migração, mas sim a própria migração acontecendo em um processo ininterrupto na experiência do imigrante. A partir desse ponto de vista, Thomson (2002) propõe “a passagem física da migração de um lugar para outro como apenas um evento em uma experiência migratória que abarca velhos e novos mundos e que continua por toda a vida do migrante e pelas gerações subsequentes” (THOMSON, 2002, p. 341-2).

Essa reconversão que se prolonga por toda a vida do imigrante (SAYAD, 1998) é justamente o que torna a sua narrativa muito específica em comparação com outros sujeitos que também narram a si mesmos.

A separação entre fatores sincrônicos e diacrônicos, entre o evento e seus efeitos, é impraticável quando o tema é imigração. Como foi dito, os efeitos do processo migratório não se dão fora dele, porque não há um “depois” da imigração, justamente porque ela não se limita ao momento do deslocamento geográfico entre lugares.

Uma reflexão pertinente para esse debate é a que Beatriz Sarlo (2007) faz ao problematizar os relatos dos campos de concentração:

Os que não foram assassinados não podem falar plenamente do campo de concentração; falam então porque outros morreram, e em seu lugar. Não conheceram a função última do campo, cuja lógica, portanto, não se operou por completo neles. Não há pureza na vítima que tem condição de dizer “fui vítima”. Não há plenitude nesse sujeito. (SARLO, 2007, p. 34)

Seguindo esse raciocínio, Sarlo (2007, p. 34) afirma que “os que se salvaram ‘não podem senão lembrar’ (escreve Agamben) e, no entanto, não podem lembrar o decisivo, não podem testemunhar sobre o campo na medida em que não foram vítimas

totais (...). No caso dos imigrantes, é precisamente a sua presença que dá a eles a “plenitude” mencionada. Isto é, quando um imigrante narra a si mesmo como tal, ele o faz no contexto da própria condição, ele continua imerso na experiência no momento da narrativa. É possível ponderar, dessa maneira, que a condição migrante se constitui na experiência do indivíduo com a sociedade para a qual se transportou e com aquela da qual partiu.

A diferença para as perspectivas citadas por Sarlo (2007) e Koselleck (2014) é que, no caso da imigração, a própria vida como imigrante é que caracteriza a sua condição. Justamente por se definir a partir da experiência cotidiana – e nas transformações ocorridas na sua vivência –, demonstra-se a impossibilidade de ser colocada uma fronteira para determinar quando termina a imigração. Ao narrar-se, o imigrante não deixa de ser um imigrante, ele não foi uma “vítima da imigração” como foram as vítimas da guerra ou dos campos de concentração, e como tal estaria rememorando o seu passado. Ele é um imigrante no momento da narrativa, a própria narrativa está incorporada na experiência migratória.

Essas especificidades na constituição de memórias, que atravessam as diferentes narrativas, parecem fazer sentido dentro da perspectiva apresentada por Judith Butler (2015). A filósofa afirma que:

Quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse “si mesmo” já está implicado numa temporalidade social que excede as suas próprias capacidades de narração; na verdade, quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo sem deixar de incluir as condições de seu próprio surgimento, deve, por necessidade, tornar-se um teórico social. (BUTLER, 2015, p.18)

Dois aspectos dessa argumentação se destacam para o debate proposto até aqui. O primeiro é a concepção de que a própria ideia de indivíduo se faz na relação com o que a autora chama de “temporalidade social”, esta que não se deixa traduzir pela narrativa. Essa perspectiva fornece uma pista para o entendimento das especificidades aludidas, visto que a narrativa não dá conta de trazer para dentro de si essas temporalidades (contextuais e que circunscrevem o relato).

O segundo ponto é a noção de que o sujeito, ao perceber essas condições que o fundamentam, se torna um teórico social ao passo que busca trazer essas circunstâncias para dentro do seu relato. Nesse sentido, a afirmação feita anteriormente de que o entrevistado, de certa forma, é também um intérprete da história, corrobora em termos com o que defende Butler (2015), tendo em vista que é

na contingência da entrevista que o sujeito busca dar sentido à sua própria biografia: ligando causalidades e percebendo a sua vida como parte de um processo histórico que vai para além de si mesmo, e passa pelas inúmeras historicidades que o cercam e cercaram.

Parece ser essa a noção que Agamben (2009) defende quando alega que ser contemporâneo é estabelecer “uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo” (AGAMBEN, 2009, p. 59), ou seja, uma relação com o tempo capaz de dissociar-se dele, ao modo de um anacronismo. Em outras palavras, se é na dissociação com o tempo que se é contemporâneo, o narrador, ao perceber que sua narrativa é incapaz de explicar a si mesmo, vai se tornando contemporâneo da sua própria biografia, do seu passado, na medida em que ambos (biografia e passado) estão permeados de lacunas de difícil preenchimento – e que perturbam o relato em termos de linearidade lógica e completude.

Essas lacunas, para Agamben (2009), são fundantes de outra dimensão conceitual de contemporaneidade. Para ele:

Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta a contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2009, p. 63)

O autor argumenta, ainda, que é justamente o não esclarecimento de elementos relativos a um determinado tempo que torna aquele que o contempla contemporâneo. Essa incompletude que pode aparecer no decorrer da narrativa acaba promovendo uma sensação de estranhamento do passado, que denota essa relação peculiar não só com o seu presente, mas com o tempo da narrativa biográfica como um todo. O sujeito torna-se, nesses termos, contemporâneo de sua própria vida.

Contudo, é preciso manter em mente que, tratando-se da narrativa elaborada a partir da metodologia da História Oral, essa percepção não é promovida por um esforço autônomo de autorreflexão. Esse exercício parte de uma interpelação, da relação com o outro. Conforme Butler (2015, p. 23):

É somente frente a essa pergunta ou atribuição do outro – “Foste tu?” – que fornecemos uma narrativa de nós mesmos ou descobrimos que, por razões urgentes, devemos nos tornar seres autonarrativos. É sempre possível, obviamente, permanecer calado diante de uma

pergunta desse tipo; nesse caso, o silêncio articula uma resistência em relação à pergunta.

Por conta disso, a narrativa resultante da prática da História Oral precisa ser entendida também como o resultado de uma relação entre sujeitos históricos imersos em sistemas de poder. O relato do passado produzido dessa forma ocorre na eventualidade e na contingência, cujo ineditismo faz com que o evento seja único, impossível de ser repetido ou reproduzido em sua totalidade.

O produto da História Oral é marcado pela diferença. Essa constatação parte da noção de que o resultado do uso da metodologia em questão é produzido na interação entre dois sujeitos e está, portanto, submetido a toda ordem de intercessão. Todavia, a diferença deve ser tratada de tal forma que não seja ela que defina o que será, ou não, dito. Esse ambiente de recepção, que influencia diretamente a narrativa, é trabalhado por Butler (2015, p. 90):

Essa relação com uma possível recepção assume muitas formas: ninguém pode escutar isso; esse aqui certamente vai entender isso; serei recusada aqui, mal compreendida ali, julgada, descartada, aceita ou acolhida. Neste e outros casos, a transferência produz um cenário do passado, encenando precisamente o que não pode se dar de outra forma expressiva, ao mesmo tempo que esse recurso mais arcaico dá origem a uma nova relação, possivelmente alterada. Para ser mais exata, a transferência é a prova viva de que o passado não é passado, pois a forma que o passado assume agora faz parte da orquestração presente da relação com o outro, que é a própria transferência.

É nesse sentido que a carga histórica inerente aos sujeitos que compõem a entrevista (pesquisador e entrevistado) se faz presente e influencia diretamente a forma com que o narrador sente que o seu relato será recebido. No entanto, o que se propõe não é soterrar essas cargas, mas entendê-las como fundantes do diálogo e estabelecer um terreno em que elas não se imponham como diferença, mas que constituam um solo onde seja possível escolher livremente as formas de narrar a si mesmo.

Tendo em vista todas as variáveis que envolvem a prática da História Oral, não seria possível afirmar que o seu produto é um reflexo cristalino do passado. O resultado de sua prática é um exercício de memória que, para o pesquisador, atende a necessidades de pesquisa peculiares. A validade da fonte oral não está no fato, no acontecimento, mas nos sentidos produzidos sobre ele. É por conta disso que:

(...) enquanto as outras ciências sociais desempenham a indispensável tarefa de abstrair, da experiência e memórias individuais, padrões e modelos de memória que transcendem à

peessoa, a história oral alia o esforço de reconstruir padrões e modelos à atenção às variações e transgressões individuais concretas. (PORTELLI, 1997, p. 16)

A História Oral surge, dentro dessa acepção, como uma forma de destacar a irregularidade não como um desencaminho histórico, mas sim, busca mostrar uma história para além das grandes estruturas e explicações generalizantes – o que ganha potência no debate sobre a experiência do imigrante.

Até o presente momento, foram debatidas neste texto categorias importantes para o tema apresentado, e esses conceitos virão à tona novamente, e serão utilizados como uma lente para a observação do material empírico. É necessário que um alicerce teórico razoável seja consultado por razões claras: demarcar epistemologicamente os pontos fundamentais que regem os princípios da análise, recorrendo ao debate entre autores e ao tensionamento de suas ideias ao passo que elas se aproximam do problema de pesquisa.

A necessidade da sua exposição integral visa conhecer tais princípios e entender os contornos traçados pelas lentes teóricas aplicadas ao trabalho. Deve ser destacado que as categorias teóricas abordadas até então não foram adotadas com o intuito de terem um fim em si próprias, mas com a proposta de que sejam tensionadas umas em relação às outras. Além disso, pressupõe-se que sejam confrontadas sempre que possível com o problema de pesquisa e com a experiência empírica trazida pelas fontes. Por isso, cabe salientar brevemente um ponto levantado já no primeiro capítulo: a centralidade da experiência não apenas como categoria, mas como elemento confrontador da teoria e a própria razão de ser da reflexão teórica (THOMPSON, 1981).

As categorias teóricas são trazidas à pesquisa após serem debatidas em seu próprio contexto de origem ou em sua tradição acadêmica. Por conseguinte, carregam afirmações, definições ou reflexões ainda abertas, construídas a partir de demandas de investigação anteriores – que dizem respeito a seus objetos particulares ou a esquemas explicativos derivados de reflexões precedentes. Sendo assim, no contexto de uma nova investigação, como é o caso do presente trabalho, essas ideias só se manterão firmes como elemento explicativo se forem defrontadas com a empiria que é levantada para questioná-las e, mesmo assim, repensadas agora em um diferente contexto de análise.

Um conceito que busca entender um objeto de pesquisa e não é desafiado por ele incorre no risco de se tornar um fim em si mesmo – já contendo a resposta antes da pergunta. É problemática a possibilidade de a teoria perder seu caráter de ferramenta de pesquisa para se tornar um molde (que, por definição, tem como resultado da sua aplicação algo previamente concebido) que resulta em um procedimento autoconfirmador.

Para que isso não aconteça, a empiria (vestígios das experiências transformados em fontes pelo trabalho investigativo) toma a posição de centralidade na pesquisa e exerce também o papel contributivo de aperfeiçoadora da teoria, questionando-a a todo instante. Dentro dessa dinâmica, o campo teórico se constitui como uma caixa de ferramentas cada vez mais diversa para uso do pesquisador. Isso porque a diversidade e as contradições da realidade material dispõem da possibilidade de fazer da teoria um campo em transformação, não limitando ou enquadrando o mundo que se apresenta ao investigador, mas buscando entendê-lo – com suas contradições, ineditismos e infindável poder de provocar estranheza e manifestar o imprevisível.

Em vista disso, as reflexões já apresentadas nos capítulos anteriores servirão de apoio para a análise das fontes. Contudo, o cerne da pesquisa está nas narrativas dos imigrantes haitianos. Cabe refletir de que forma seus relatos – resultados de suas experiências – condizem ou não com o que foi colocado conceitualmente, e em quais termos essas categorias ajudam a entender os sentidos produzidos por esses indivíduos sobre a cidade de Joinville, o monumento "O Fundidor", o "Monumento ao Imigrante" e sobre suas experiências como imigrantes.

3.3 OS IMIGRANTES E AS IDENTIFICAÇÕES COM A CIDADE

A imigração haitiana para o Brasil é um fenômeno complexo que mobiliza diferentes categorias teóricas ao ser abordada. Os antecedentes que compõem a historicidade do movimento migratório remetem a inúmeros momentos da história

mundial, do Brasil e do Haiti – envolvendo aspectos políticos, sociais e até naturais (como no caso do terremoto)¹⁷.

A passagem física de um lugar para outro é, obviamente, um momento marcante do processo migratório – apesar de ser apenas um dentre os muitos momentos que o caracterizam. Por isso, atentar aos relatos dos percursos realizados pelos imigrantes permite um vislumbre acerca das características desse movimento – o que possibilita uma comparação entre os contextos políticos e econômicos abordados no primeiro capítulo e a experiência individual imersa nessa historicidade. Relatar a vivência da imigração é dar destaque ao caráter humano dela, o qual, por vezes, pode passar despercebido perante os dados estatísticos e grandes conjunturas políticas.

É claro que as relações internacionais entre o Haiti e o Brasil são fundamentais na elaboração de uma circunstância em que esse processo migratório se dá, assim como não podem ser ignoradas as mudanças legais e políticas ocorridas nos países para onde os imigrantes haitianos historicamente voltavam sua atenção – com destaque para França e EUA.¹⁸ Mas a partir dos relatos individuais dos agentes que experimentaram a imigração e fizeram dela o que ela é, dentro desse grande quadro geopolítico, é possível perceber aspectos que podem não chamar a atenção em um primeiro olhar a esse contexto amplo.

Contudo, são ocorrências que, na proporção da vida de um indivíduo, podem ser emblemáticas na decisão por um caminho e por outro. E o conjunto dessas múltiplas experiências relatadas pelos imigrantes haitianos, permeadas por inúmeras contingências e especificidades, forma esse grande fenômeno que é a imigração haitiana para Joinville (SC).

Durante o primeiro capítulo, foi explorado o estreitamento das relações entre o Brasil e o Haiti nas décadas anteriores à expansão do contingente migratório que saía do país caribenho para o território brasileiro. Além disso, destacou-se o surgimento ou acirramento de políticas que dificultavam o acesso desses mesmos imigrantes a países como EUA e França – tradicionalmente destinos da imigração haitiana. Isso posto, as trajetórias realizadas pelos imigrantes entrevistados raramente se limitam a

¹⁷ DISASTERS EMERGENCY COMMITTEE (Reino Unido). HAITI EARTHQUAKE. Disponível em: <https://www.dec.org.uk/appeal/haiti-earthquake-appeal> Acesso em: 11 out. 2021

¹⁸ MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; BAENINGER, Rosana. O Haiti é aqui: haitianos em Santa Catarina e o conceito de síndrome emigratória. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, 19, 2014, São Paulo. 2014.

um percurso linear entre Haiti e a cidade de Joinville, ou até mesmo entre o Haiti e o Brasil.

Esse assunto é abordado por um dos imigrantes entrevistados. Shiller Pierre, de 33 anos, fala sobre a sua escolha de sair do Haiti e tentar a vida em outro país. Sobre isso, narra: “eu pensava de deixar o Haiti, de procurar oportunidade em outro país. Entendeu? Mas eu não, eu não imaginava que era Brasil [...] eu passei por, deixa eu ver, República Dominicana, Equador, Colômbia, Peru, até cair no Brasil” (PIERRE, 2017).

Como se vê, Shiller Pierre expõe na sua fala que nutria a intenção de deixar o Haiti com intuito de buscar oportunidades em outro país. Todavia, destaca também que seus planos não estavam focados especificamente no Brasil e que, na sua trajetória como imigrante, passou por diferentes países da América Latina. Essa explicação enriquece o debate sobre os processos migratórios, porque evidencia o jogo circunstancial dos rumos da imigração e levanta questionamentos sobre as dinâmicas que motivaram as escolhas pelos países nos quais Shiller viveu.

Também imigrante, e questionado sobre suas motivações para sair do seu país de origem, Jean Sefood, 35 anos, conta que:

Bom, eu resolvi sair de lá para viajar para Venezuela, primeiramente. Eu tinha um sonho desde que eu era criança. O meu sonho de fazer um estudo fora do Haiti, porque desde que eu era criança, eu vi lá no Haiti as pessoas que encontram emprego, que ganham bem. Eles estudaram fora. Porque lá no Haiti, quando uma pessoa estuda fora e volta, você facilmente encontra um emprego e ganha bem. E lá no Haiti, isso tem muito valor uma pessoa que estuda fora quando chegar lá trabalha muito bem. Por exemplo, você chegar lá no Haiti, você pode trabalhar melhor do que um haitiano. Lá se valorizam muito os estrangeiros. (SEFOOD, 2017)

Além de mencionar um importante aspecto da sua motivação pessoal, ligada a uma percepção particular de como o seu país de origem se relaciona com estrangeiros, o entrevistado relata a sua passagem pela Venezuela antes de chegar ao Brasil. O foco do seu próprio projeto imigratório seria o estudo, o que, de certa forma, tensiona a definição de imigrante colocada pela sociedade de imigração, de acordo com Sayad (1998) e as expectativas e motivações do sujeito que imigra. Contudo, mesmo colocando a formação acadêmica no centro das intenções que levariam à imigração, essa se relaciona diretamente com o trabalho, mas, curiosamente, não com o trabalho em solo estrangeiro, mas no próprio Haiti. Ou seja,

o trabalho aparece em um papel de destaque nesse relato, mas deslocado do lugar atribuído a ele nas reflexões já apresentadas.

Em um relato similar, Luther Jean Luiz, 25 anos, conta: “Quando eu viajei, eu larguei tudo, porque meu pai entrou na Venezuela. Daí, quando cheguei na Venezuela, não corri atrás de estudo, comecei na verdade, mas era complicado.” (LUIZ, 2017). Novamente, a experiência como imigrante não começa com uma intenção direta de chegar ao Brasil, o que faz com que seja possível ter uma ideia de uma imigração não linear. Isso significa que, de certa forma, mesmo estando imerso em um contexto que condiciona as ações, o imigrante, no decorrer de sua experiência, transforma as suas perspectivas de futuro não só na sua relação com a sociedade de imigração, mas repensa os próprios destinos anteriormente traçados.

O investimento nos estudos é mencionado em uma posição de destaque na narrativa de Luther J. Luiz e demonstra, de certa maneira, a centralidade que essa atividade ocupou nas memórias que basearam o relato construído. O acesso à educação foi um desafio enfrentado pelo entrevistado no período em que migrou para a Venezuela e, apesar de não afirmar que a educação foi motivadora da sua imigração para o Brasil, Luther volta a mencioná-la mesmo quando narra sua experiência com o trabalho. Ao contar sobre sua chegada a Joinville, por exemplo, ele relaciona estes dois temas:

Bom, quando eu cheguei no Brasil, na verdade, entrei, comecei a trabalhar na Tupy, aí as pessoas que fizeram integração com nós, falaram que a Tupy é uma empresa boa, e pode crescer só precisava de estudo, pode procurar se não tem estudo, procurar estudar, aí fui, peguei essa coisa, como não tinha terminado o ensino médio, aí mexeu na minha cabeça, mexeu, aí a Tupy ofereceu curso para alguns haitianos, um curso de português mesmo. Porque muitos de nós não sabiam falar ou tipo conversar um pouco, aí eu fui fazer esse curso de português, aí perto de terminar, eu procurava onde eu posso terminar o ensino médio, aí no dia eu perguntei para a professora, aí ela me passou o endereço que tem uma escola de jovens e adultos. (LUIZ, 2017)

É notável como Luther J. Luiz, apesar de iniciar o relato falando do seu trabalho na empresa Tupy, conta como a menção a voltar a estudar o fez lembrar deste tema e buscar mais informações sobre isso. Ao dizer "mexeu na minha cabeça", é possível presumir o quanto a educação ainda é importante para ele. Ele menciona o trabalho e o estudo relacionando-os um com o outro. É no contexto laboral que a educação reaparece no relato, e é na busca pelo crescimento profissional que ela encontra sentido.

Dentro do conjunto de entrevistas realizadas, contudo, não surgiram exclusivamente demandas profissionais ou acadêmicas como motivadoras da imigração. As redes de relacionamento que se estabelecem na vida do imigrante aparecem como elemento fundamental nos rumos tomados pelos indivíduos que protagonizam o processo migratório. Assim como mencionado no relato anterior, em que Luther J. Luiz afirma ter tido no fato de o seu pai ter migrado para a Venezuela um fator importante para a sua trajetória, Manouse França, 30 anos, quando perguntada sobre o momento de sua saída do Haiti, também traz à tona a influência das redes de sociabilidade para a imigração. A entrevistada revela a importância da família nesse processo:

Na verdade eu comecei a estudar no Haiti, mas não terminei, fui para outro país que se chama República Dominicana. [...] Quando eu tinha 15... 13 ou 14 anos. [...] Eu tenho uma tia lá e ela precisava de uma pessoa para ser companheira para ela, e o meu pai me mandou lá. Minha mãe não queria, mas meu pai me mandou. Daí eu fiquei, estudei. (FRANÇOIS, 2017)

Assim como os dois outros entrevistados, Manouse começou a migrar antes de vir ao Brasil – o que não é regra, tratando-se da totalidade dos imigrantes entrevistados, conforme será mencionado adiante. O relato da sua saída do Haiti para a República Dominicana coloca a família como um ponto fundamental para o início da imigração, e o trabalho surge de forma muito diferente do que foi tratado até então. Conforme Sayad (1998), o trabalho é um ente que define a figura do imigrante e se caracteriza de forma muito específica – sendo constituído de tal maneira, que o autor afirma existir um “mercado de trabalho para imigrantes”.

No caso de Manouse, o trabalho também aparece, porém muito mais ligado às redes de sociabilidade familiar: a motivação para migrar que ganha mais destaque no seu relato foi a necessidade de uma companhia para a sua tia que estava fora do Haiti. Essa motivação, no entanto, dificilmente se encaixaria na definição primária do imigrante trazida por Sayad (1998, p. 54), “uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” e a sua forte ligação com uma demanda laboral da sociedade receptora. Ainda assim, a razão para a migração de Manouse revela uma face daquilo que Sayad (1998) chama de “reconversão” (momento da imigração quando os imigrantes passam a transformar as relações que têm com a sua sociedade receptora, o trabalho e a forma de entenderem a si mesmos).

O contexto político internacional não passa despercebido na narrativa de alguns dos imigrantes entrevistados. No relato de Pierre Woody, 33 anos, aspectos dessa conjuntura aparecem de forma direta:

É, eu saí, na verdade. Eu saí do Haiti porque quando a presidente do Brasil antiga, Dilma Rousseff, quando ouvi ela, ela falou que tem oportunidade para os haitianos virem pra cá. Depois voltamos para procurar uma vida melhor, para terminar a faculdade, tem possibilidade para vir, para estudar. Depois para trabalhar também. (WOODY, 2018)

As relações políticas ficam claras na menção à então presidente do Brasil, Dilma Rousseff, assim como na decisão de o destino ser diretamente o Brasil – diferentemente de narrativas trazidas anteriormente, em que a imigração tem seu início em outros países até que o Brasil apareça como destino viável. O momento, na leitura do entrevistado, estaria propício para a imigração, o que abriria uma oportunidade para a materialização de seu objetivo inicial: finalizar o ensino superior e trabalhar.

Novamente, o estudo aparece no relato como uma forma de melhorar de vida e expandir as expectativas na condição imigrante (e através dela) para além da função de mão de obra barata. Inclusive, a educação é trazida por Pierre Woody como motivação principal para a imigração. Com o uso do termo “depois”, o entrevistado posiciona o trabalho em uma ordem posterior em termos de prioridades se comparado com a formação acadêmica – apontando também a proximidade e o vínculo entre as duas atividades.

Outro entrevistado, Shiller Pierre, já citado, também dá pistas da importância da situação política e das características legais do Brasil no momento da escolha do destino da imigração: “eu escolhi o Brasil pela facilidade mesmo, mais fácil de entrar, não tem incômodo né? Os meus amigos que estavam dois anos morando no Brasil me contaram que aqui é bem tranquilo, não tem deportação” (PIERRE, 2017).

O relato citado acima demonstra, de forma muito reveladora, como a decisão de migrar, assim como a escolha do destino de um indivíduo, não se ancora em um aspecto ou motivo apenas. As formas como as redes de relacionamento mobilizam as percepções acerca do contexto político e do ambiente institucional para o qual se daria a imigração revelam como essas duas esferas (redes de relacionamento e contextos políticos) se associam nas decisões sobre a imigração. A escolha se mostra apoiada no compartilhamento de memórias ou de notícias de acontecimentos dramáticos com

imigrantes transnacionais, como exposto por Shiller quando menciona o perigo da deportação.

Em um mundo regulado e enunciado por Estados nacionais e organizações econômicas transnacionais, em que as fronteiras se tornaram fluidas para capitais, mercadorias, informações, a fluidez é contradita com políticas imigratórias que são sentidas nos guichês de entrada, nos postos policiais de fiscalização ou mesmo em travessias “alternativas” duras e dramáticas. Por isso, as redes de relacionamento surgem com tamanha frequência e centralidade nas entrevistas. Elas informam sobre a realidade política que compõe a experiência com a imigração e atribuem ao contexto significados que, por sua vez, contribuem para as escolhas e direcionamentos da migração.

Foi possível perceber que, apesar de os imigrantes estarem imersos em um contexto político semelhante, suas histórias individuais contam com especificidades fundamentais que influenciam nos rumos da sua experiência migratória. Esses pontos específicos se associam intensamente às redes de relações estabelecidas pelos imigrantes. Outro aspecto é a menção recorrente aos estudos. A aparição dessa ambição nas narrativas instiga a reflexão sobre uma possível discrepância entre as expectativas geradas pela sociedade de imigração sobre o imigrante e os anseios que esses mesmos imigrantes trazem consigo. Para investigar como se dá essa possível contraposição, é fundamental buscar entender como os imigrantes significam a cidade de Joinville (no seu papel de sociedade de imigração) e sua própria condição migrante.

Como já mencionado no capítulo 2, para o desenvolvimento dessa análise, foram selecionados dois monumentos que se localizam em pontos importantes da cidade de Joinville: o “Monumento ao Imigrante”, que está situado no centro da cidade, em frente ao terminal central de ônibus, local de intenso fluxo de pessoas; e o monumento “O Fundidor”, que se localiza em frente à Fundação Tupy, lugar que carrega uma importante relação com os imigrantes haitianos entrevistados, conforme será tratado mais adiante.

O caráter de *sociotransmissão*¹⁹ dos monumentos parece encontrar uma barreira que dificulta a comunicação entre a memória institucionalizada exposta e o seu interlocutor – no caso, o imigrante. Essa invisibilidade dos monumentos é

¹⁹ “Sociotransmissão” é uma ideia trazida por Candau (2010) ao refletir sobre o processo de propagação de memórias em contexto social. Alguns objetos teriam o potencial e também a função de serem sociotransmissores, como os monumentos.

recorrente nas entrevistas realizadas. Apesar de conhecerem os lugares físicos, os marcos memoriais aparentemente não ressoam de forma intensa nas consciências dos entrevistados. Questionada sobre o “Monumento ao Imigrante”, Manouse diz: “eu vi que aquele tem uma coisa ali na mão. Eu sempre olho, mas eu não sei o que significa.” (FRANÇOAIS, 2017).

Sobre o mesmo monumento, Luther J. Luiz revela: "bom, eu vi de longe, de passagem, (...) eu gosto de passear numa praça assim" (LUIZ, 2017) – o que se interpreta, possivelmente, como a identificação do monumento apenas como elemento físico da paisagem.

É notável, portanto, que os entrevistados conhecem o “Monumento ao Imigrante” e até chegam a ponderar sobre seu significado. Mas, apesar de o monumento ter sido criado como uma homenagem ao imigrante, ele aparentemente não produz, a princípio, este senso de identificação nos imigrantes haitianos.

As discussões sobre monumento e memória trabalhadas no capítulo 2 ganham pertinência nesse momento. Tanto o relato de Luther quanto o de Manouse mostram que os monumentos, como símbolos que são, não carregam uma essência. São, pelo contrário, atribuídos de significados a partir dos usos cotidianos e percepções que dizem respeito ao presente das pessoas que interagem com eles. Portanto, a um único monumento podem ser designados múltiplos sentidos.

Sem dúvida, os monumentos são constituídos a partir de uma historicidade na qual foram levantados, e a criação deles é resultado de esforços para que alguma memória seja consolidada e transmitida. Este tipo de memória que se busca transmitir é chamado por Candau (2011) de “metamemória”, definida pelo seu aspecto ostensivo e reivindicatório.

Conforme visto nos relatos analisados neste trabalho, é eminente que outros aspectos são determinantes na atribuição de significados a monumentos. Por mais que tenha havido uma intenção de transmitir uma *metamemória*, as experiências de vida e memórias dos imigrantes constituem parte fundamental do processo de significação dos monumentos. Quando questionado sobre o contato com museus e monumentos da cidade, outro entrevistado, Roland Lanfront, responde:

Primeira coisa, eu não sei onde fica (risos), queria tanto ir, eu não sei onde fica. E depois, as coisas que eu tão gosto, os amigos que eu tenho, como tipo brasileiro, eles não gostam disso, é diferente, se é diferente vai ser mais difícil pra saber o que é. Como, tipo, eu tenho amiga que está morando na praia, na São Francisco do Sul, ela me

convidou para passar algum dia na casa dela, eu fui porque ela tá morando lá, fui ao centro antigo. (LANFRONT, 2017)

Para além do contato inexistente, ao que tudo indica, com o conjunto patrimonial de Joinville, chama a atenção a importância das redes de relações interpessoais na produção de significados tanto acerca do patrimônio quanto da cidade como um todo. Anterior até ao processo de significação, as redes de relacionamentos pautam também as possibilidades de ter contato com os lugares. Isso é levantado por Roland, quando afirma que gostaria de conhecer os museus e monumentos de Joinville, mas se seus amigos não gostam deste tipo de atividade turística, ele provavelmente terá dificuldade em saber sobre isso e ir até lá.

Quando menciona uma experiência a convite de uma amiga, Roland cita que conheceu o Centro Histórico de São Francisco do Sul, cidade vizinha de Joinville. Mesmo tendo sido questionado sobre museus e monumentos “da cidade” (Joinville), Roland cita outra cidade para explicar como as atividades escolhidas pelos amigos influenciam a maneira com a qual ele estabelece contato com o lugar onde vive. É possível apontar também, a partir desse relato, que a relação simbólica com a sociedade de recepção não parece obedecer, necessariamente, a demarcações geográficas específicas, como os limites entre os municípios. Ela é pautada, sobretudo, a partir das experiências pregressas, anseios pessoais e redes de relacionamentos. Isso fica evidenciado quando Whistler Ermofils retrata uma paisagem de Joinville que o lembrou do Haiti:

Uhuh. Lá no moinho, no Espinheiros lá em baixo, no porto, lá em baixo. Onde encosta o barco Príncipe, lembra muito do Haiti, porque, sabe, eu morava lá numa ilha, o barco que tá lá, parece um lugar do Haiti. Tem o porto, e o barco tá lá. É parecido (ERMOFILS, 2017).

Ainda tratando das apropriações simbólicas do patrimônio cultural, é interessante notar na fala do entrevistado que, ao descrever o Centro Histórico de São Francisco do Sul, diz: “é lindo, e tem um lugar no Haiti quase igual, quase igual” (LANFRONT, 2017). A semelhança apontada traz novamente para o centro do debate a noção do patrimônio como um sociotransmissor, que, apesar de potente, não assegura uma propagação exata do discurso institucional ligado ao objeto patrimonializado. No caso da entrevista de Roland Lanfront, por exemplo, uma associação estética entre o Centro Histórico de São Francisco do Sul e algum lugar do Haiti presente na memória do entrevistado acabou por produzir maior impacto

simbólico do que o valor atribuído pela institucionalidade do patrimônio propriamente dito.

O discurso patrimonial é, acima de tudo, marcado pelo caráter institucional que lhe dá origem. Para o entendimento do sentido da noção de “lugar”, Certeau explica: “um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. (...) Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (1994, p. 201).

Essa estabilidade é, no entanto, desafiada no ato de significar o patrimônio. A ordem patrimonial (MACHADO, 2009) passa, nesse momento, a não ter mais controle total – apesar de estabelecer forte influência – sobre os sentidos atribuídos ao objeto em questão. O lugar passa a não ser mais “próprio” por ser atravessado de sentidos múltiplos que não respondem direta e exclusivamente à ordem estabelecida. O patrimônio, nesse momento, deixa de ser exclusivamente um “lugar” para se tornar “espaço”. Sob a ótica de Certeau (1994, p. 202):

Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito.

Quando o imigrante – assim como outro agente que não esteja imerso no lugar institucional do patrimônio – projeta a sua memória sobre o objeto patrimonializado, ele o espacializa (a exemplo da relação mencionada acima entre Roland Lanfront e o Centro Histórico de São Francisco do Sul). Por não contar com um lugar próprio que faça emergir uma possibilidade constante de apropriação a partir desse mesmo lugar, esse agente se faz valer das oportunidades momentâneas que aparecem na contingência do presente.

Essa noção faz destacar o caráter orgânico por detrás das produções simbólicas dos imigrantes haitianos sobre o patrimônio cultural joinvilense, tendo em vista que podem ser entendidas como perpassadas não só pela condição atual do imigrante, mas pautadas também – como exposto através das reflexões dos teóricos trabalhados até aqui – pelas memórias de experiências prévias, sempre em processo de resignificação. Além disso, essas produções simbólicas são influenciadas pelo discurso oficial, provocadas pela concretude do objeto e possibilitadas por conta do acaso, dos encontros eventuais decorrentes da vivência cotidiana.

Ao longo das entrevistas, os relatos envolvendo a cidade e a vida cotidiana mostram novamente a importância do trabalho, que aparece não só como elemento motivador da imigração, mas também como central na experiência contínua da condição migrante e os processos de significação decorrentes dela.

O que chama atenção à primeira vista é a dureza do trabalho, característica primordial dos empregos oferecidos a imigrantes. Roland conta que: “todo dia, quando chego em casa, às vezes, eu ‘fui’ dormir, porque tô muito cansado”. Além disso, descreve o seu emprego anterior: “foi um inferno” (LANFRONT, 2016).

A dureza e dificuldade que aparecem durante o relato sobre o trabalho fazem lembrar as características do que Sayad (1998) chama de “mercado de trabalho para imigrantes”. Esse mercado se constitui de uma série de demandas laborais que requerem intenso esforço físico, oferecem baixa remuneração e são comumente rejeitadas pelos nativos da sociedade de imigração. Por conta disso, o imigrante passa a representar uma força de trabalho encarregada de cumprir essas funções. Ao ser questionado sobre a existência de um mercado de trabalho para imigrantes, Luther J. Luiz diz que:

Na verdade, não é que existe um tipo de trabalho para imigrante e um tipo pra pessoa nativa. É que, às vezes, pessoa nativa recusa de fazer e o imigrante acaba que precisa mesmo, não tem escolha e acaba de fazendo, porque você recusa. 'É pesado, é sujeira, me suja tudo, não tô muito precisando. Minha mãe paga tudo, meu pai paga tudo, então não vou me sujar nessa empresa daí'. Então o imigrante, o que ele vai pensar: 'Eu já estou aqui, tenho que pagar aluguel, minha família tá fora, eles esperam de mim, eles vão precisar de ajuda se ficar doente, eles vão me procurar'. Então, qualquer uma oportunidade que aparece, ele vai pegar. (LUIZ, 2017)

Apesar de Luther negar haver um mercado de trabalho para imigrantes e um para nativos, aparece em seu relato uma diferença entre as possibilidades que um trabalhador nativo e que um imigrante tem de escolher as suas atividades profissionais. A distância da família e, portanto, a falta de apoio material relatadas surgem como uma forma de condicionar o imigrante a cargos mais pesados. É interessante que, nesse relato, essa distinção não se dá a partir da sociedade de imigração que segmenta os trabalhadores entre imigrantes e não imigrantes, mas sim, a partir da situação material do imigrante, que o força a aceitar condições que, em outras circunstâncias, talvez não aceitasse.

Contudo, quando tratada a questão do estudo, o trabalho aparece em outra perspectiva – como um meio que propicia o acesso à educação. Roland Lanfront explica que: “estudar aqui é um privilégio muito grande, nossa... Eu agradei muito a Deus por isso, e posso agradecer à Tupy também, porque graças à Tupy que estou,

dá pra pagar a faculdade” (LANFRONT, 2016). Esse deslocamento de sentido em relação ao trabalho demonstra a potencialidade da História Oral no que compete aos estudos da imigração. Mesmo que seja esta, ainda, a ideia que a sociedade de recepção tenha do imigrante, a concepção de que ele se constitui por meio do trabalho esbarra nos anseios do próprio imigrante, que constrói a sua identificação ao passo que relaciona a sua memória com a conjuntura que o cerca.

Por conta de o trabalho ser parte tão fundamental nas narrativas dos imigrantes haitianos, mesmo que caracterizado de formas variadas – em alguns momentos como sofrimento, em outros como oportunidade –, um elemento que aparece frequentemente nas narrativas é a fundição Tupy (grande indústria da cidade, apontada anteriormente, na qual parte substantiva dos imigrantes trabalha).²⁰

“O Fundidor”, monumento já mencionado algumas vezes, está localizado em frente à Fundição Tupy e, por conta disso, é reconhecido por parte dos entrevistados. Manouse França, sobre “O Fundidor”, relata que: “não sei por que está tudo com ferro, fica as coisas assim, mas não sei o que significa.” (FRANÇOIS, 2017). Jean Michelet, também entrevistado, narra de forma semelhante: “eu não sei na verdade, é como o início da Tupy, de ferro, eu não sei, quando eu passei por lá eu, tem a empresa, aí aquele monumento de ferro, pensei que era, eles são juntos.” (LUIZ, 2017). Whistler Ermofils, por sua vez, ao responder o mesmo questionamento, traz uma perspectiva diferente:

Como a Tupy é uma empresa metalúrgica, eu acho que é por isso. Eu não cheguei a perguntar por quê. Mas eu, talvez porque a Tupy é uma empresa metalúrgica, lá dentro é só ferro mesmo, por isso talvez fizeram aquele monumento, para lembrar... Não sei. (ERMOFILS, 2017)

O que mais se destaca nesses relatos é, principalmente, a ausência da figura humana no monumento. Mesmo tratando-se de um homem construído com peças da fundição, o que se sobressai nas palavras dos entrevistados é a própria empresa e suas características, como o fato de ser uma indústria metalúrgica. Jean Michelet também opina sobre o significado do monumento referindo-se à relação direta com a empresa: “tem como relacionamento da empresa, é um lugar de fundição.”

²⁰ A relação da Fundição Tupy com processos migratórios para Joinville foi destacada no Capítulo 2 do presente trabalho. Para mais dados acerca da empresa, ver: TUPY. Fatos & Dados: relatório executivo de imprensa 2017. Joinville, 2017. Disponível em: https://www.tupy.com.br/downloads/pdfs/2017_06_15_Fatos_Dados_Report_Executivo_2017.pdf. Acesso em: 04 mai. 2021.

(MICHELET, 2017). Nesse sentido, é possível inferir que, nas interpretações desses imigrantes, o monumento em questão destaca a própria empresa e a atividade produtiva por ela exercida.

De volta à interpretação da figura do imigrante como elemento basilar da identidade joinvilense, assunto tratado no capítulo 2, quando perguntados sobre isso, os entrevistados divergem em suas opiniões. Shiller Pierre, por exemplo, ao ser questionado se considera Joinville uma cidade de imigrantes, profere:

É, eu considero, sim. Eu considero, porque já tem bastante aqui, eu acho. Eu não encontrei, mas eu já ouvi falar. Eu já ouvi falar. E, tipo, no (bairro) Floresta eu sei que também tem bastante. Mas eu imagino que Joinville é uma cidade de imigrantes. E também, posso dizer, Brasil inteiro né? Brasil inteiro. Só que alguns lugares do Brasil, é difícil o lugar que não tem um imigrante. Seja haitiano, seja senegalês, seja alemão... (PIERRE, 2017)

Joinville é considerada por Shiller Pierre, sim, como uma cidade de imigrantes, contudo o entrevistado não faz distinção entre Joinville e o restante do país nesse aspecto. Para ele, a cidade é feita por imigrantes da mesma forma que é todo o Brasil. Ou seja, o discurso patrimonial de Joinville, tratado nesse trabalho a partir do “Monumento ao Imigrante” e do monumento “O Fundidor”, não logra à cidade um aspecto identitário que dê mais centralidade à figura do imigrante em comparação ao resto do país.

Além disso, é importante atentar-se a um detalhe no fim da fala, quando Shiller menciona exemplos de nacionalidades dos imigrantes que vêm ao Brasil. Se, em certa medida, o conjunto patrimonial de Joinville exalta o imigrante europeu, essa exaltação parece não ter alcançado o entrevistado com a intensidade pretendida. Isso pode ser concluído a partir da forma como as nacionalidades são listadas pelo entrevistado com o mesmo grau de importância, sejam elas de países periféricos nos cenários geopolíticos e econômicos globais, como Haiti e Senegal, ou de um país como a Alemanha, que ocupa uma posição de centralidade no cenário mundial, assim como no próprio discurso metamemorial de Joinville.

Respondendo ao mesmo questionamento, assim como Shiller Pierre, Whistler Ermofils concorda que Joinville conta com a presença de imigrantes, e relata o que descobriu ao se mudar:

Sim. Na verdade, o Brasil inteiro é um país de imigrante. Eu descobri porque tem várias nacionalidades, e Joinville tem senegalês, tem congolês aqui, e tem haitiano, tem vários. Tem vários tipos de nacionalidades, Joinville é uma cidade de imigrante mesmo. (ERMOFILS, 2017)

Os dois entrevistados associam a cidade de Joinville com a imigração, da mesma forma que ambos não fazem distinção entre a cidade e o Brasil nesse aspecto. Entretanto, diferentemente de Shiller Pierre, em vez de citar dois países periféricos e uma potência global, Whistler Ermofils foca os exemplos em três nações periféricas – um país latinoamericano (o Haiti, seu país de origem) e dois países africanos (Congo e Senegal).

Também perguntado sobre Joinville ser ou não uma cidade de imigrantes, Luther J. Luiz apresenta uma interpretação diferente dos outros dois entrevistados. Ele conta que:

Na minha visão, eu não vejo Joinville como uma cidade de imigrantes. Eu não tenho uma explicação, explicação mais aberta, mais específica que eu posso dizer, mas pode ter outros imigrantes. Mas as pessoas não têm uma direção mesmo, uma orientação, às vezes, de conhecer as coisas, é museu, outras coisas públicas, a gente não tem essas, a pessoa pode estar entrando ou conhecendo, na verdade, a pessoa entra num grupo, está estudando, aí acaba de conhecer. Mas de outro lado, eu mais vejo Joinville como uma cidade de oportunidade de emprego e de empresas para trabalhar (LUIZ, 2017).

A partir da perspectiva de Luther, interpreta-se que Joinville até recebe imigrantes, mas não é vista por ele como uma cidade constituída deles, feita para e por eles. Percebe-se que o entrevistado enxerga Joinville como possuidora de locais onde essa memória é de alguma forma propagada, porém aos quais o imigrante não tem acesso ou orientação para conhecer, a não ser que participe de um grupo de visitação ou vá à cidade para estudar e seja estimulado pelos estudos. Por isso, acredita que, apesar de ter imigrantes, Joinville não tem como principal característica a sua relação com a imigração. O entrevistado dá mais destaque ao trabalho e às oportunidades de emprego em seu relato.

Esse sentimento de desconexão com os elementos de memória da cidade é relatado também por Shiller Pierre, ao dizer que "eu não tenho um relacionamento com as coisas de Joinville. Tipo, um museu, essas coisas, um museu de Joinville. E alguns pontos turísticos de Joinville, eu não saí mesmo para saber de verdade." (PIERRE, 2017).

Assim como Luther J. Luiz, Shiller Pierre dá destaque às oportunidades de emprego: "é uma cidade que tem bastante serviço, trabalho, e eu vi também em Joinville, tem muita gente boa" (PIERRE, 2017), o que demonstra ser uma perspectiva positiva tanto sobre trabalho quanto sobre a relação com os moradores da cidade.

Esse tom de otimismo aparece em outras entrevistas. Jean Michelet, ao ser questionado se pretende ficar e viver neste lugar, afirma: "eu me sinto muito bem aqui, eu não vou sair do Brasil assim, só quando Deus me falar" (MICHELET, 2017). O sentimento em relação ao país é um ponto que chama a atenção na fala de Jean Michelet. E a sua convicção nos seus planos de continuar vivendo no Brasil fica ainda mais evidente quando o entrevistado diz que sairá do país apenas quando Deus disser para fazê-lo.

É notável que alguns dos entrevistados manifestam nos seus discursos um sentimento de prosperidade em relação ao novo ambiente. Contudo apresentam também pistas acerca da experiência de um paradoxo formado na condição do imigrante, que contribui para que ele talvez nunca se sinta em casa: um estado provisório estendido indefinidamente ou um estado definitivo vivido com profundo sentimento de provisoriedade (Sayad, 1998). Sobre o relacionamento que Jean Sefood tem com a cidade e os moradores, ele fala:

Bom, sabe, a gente quando não está em casa, se sente um pouco diferente. Porque você não está em casa, você está limitado em algumas coisas, especialmente em roupa, em cultura (...) E também tem alguma coisa, o povo tem algo, que olha a gente diferente (...) Acho que porque eu sou negro. Porque a raça negra é a raça que mais sofre preconceito no mundo. Bastante. (...) No trabalho, no ônibus. Os vizinhos também olham a gente, pensam mal também. Pensam que a gente não é nada, que ser um haitiano, é nada. Por ser um negro, não é nada. Mas não é. (SEFOOD, 2017)

Quando expõe o desconforto que sente ao ser olhado de maneira diferente pelos outros moradores de Joinville, o entrevistado atribui sentido à sua percepção e a interpreta a partir da sua condição de imigrante negro. Para significar a sua própria experiência, ele traz para a sua narrativa uma análise contextual, em que avalia como o imigrante haitiano é visto e julgado pelas pessoas ao seu redor e as razões que motivam esse comportamento. Ao relatar a si mesmo, Jean Sefood faz o que Butler (2015) explica como sendo se tornar um teórico social por necessidade. Isso porque a elaboração das suas memórias no momento da narrativa extrapola o "eu" e demanda um olhar sobre as condições históricas que alicerçaram seu entendimento sobre si mesmo, como a existência do racismo em uma escala global.

Jean Sefood traz no seu relato elementos diversos quando analisa o sentimento de diferença em relação aos joinvilenses e moradores mais antigos da cidade. Além do preconceito racial e da posição de estrangeiro, o entrevistado destaca a cultura e a vestimenta como pontos importantes na sua reflexão. Esse relato mostra o quão

complexa é a experiência na condição migrante e que, por mais que o trabalho seja um tópico central no debate sobre a imigração, questões como a cultura e as subjetividades também mobilizam significações sobre o que é ser um imigrante.

É importante esclarecer que as esferas da vida de um indivíduo não obedecem a uma lógica de compartimentação, por meio da qual o trabalho ocuparia um espaço, a educação, outro, a cultura, outro, e assim por diante, e cada esfera seria independente das outras e produtora de significados próprios. Essas esferas da vida se sobrepõem, afetam umas às outras e são experimentadas contínua e intrinsecamente. Por isso, as manifestações culturais não estão desassociadas da vida laboral, por exemplo, e é levando em conta essa relação constante entre as esferas da vida que estas precisam ser analisadas.

A característica de interdependência das experiências sociais e culturais da condição migrante faz com que uma categoria de análise, como o conceito de trabalho, precise ser tratada para além dela mesma. O conceito de um “mercado de trabalho para imigrantes” (SAYAD, 1998) é valioso para essa reflexão. Ele explica que, ao receber um contingente migratório, a sociedade de imigração oferece um conjunto de atividades laborais específicas que espera que sejam ocupadas pelos imigrantes.

Contudo, os objetivos e anseios dos imigrantes acabam por extrapolar aquilo que deles é esperado. Essa extrapolação pode acontecer de inúmeras formas, como expressado nas narrativas dos entrevistados. Tanto Luther J. Luiz quanto Roland Lanfront e Pierre Woody afirmam os seus interesses em estudar. Demonstram, dessa forma, a centralidade que a educação ocupa em seus motivos para migrar e, ao fazerem isso, expressam como os seus planos e a forma como eles dão significado à imigração vão muito além da função de “mão de obra barata e provisória” atribuída a eles pela sociedade de imigração” (SAYAD, 1998).

Em um trecho já destacado neste capítulo, Luther J. Luiz nega a categoria de “mercado de trabalho para imigrantes” (SAYAD, 1998). Ele associa a contratação de imigrantes para trabalhos mais pesados e menos remunerados à necessidade imediata de se sustentarem e à dependência de membros da família que ficaram no Haiti. Ou seja, nem o trabalho nem o estudo são elementos isolados na vida dos entrevistados e, para cada um deles, esses tópicos são significados de maneira particular. Roland Lanfront vê o trabalho como aquilo que possibilita a concretização do seu objetivo de estudar; Luther J. Luiz, por sua vez, conta que, na sua experiência laboral, percebeu o estudo como uma forma de atingir seus objetivos profissionais; e

Pierre Woody apresenta o estudo como principal motivação para migrar. As formas de significar as experiências na condição migrante são tão múltiplas justamente por conta das singularidades encontradas nas biografias e subjetividades de cada imigrante.

Por mais que o trabalho seja interpretado ou priorizado de formas diferentes por cada indivíduo, a sua prática ainda é permeada pela maneira com que a sociedade de imigração enxerga a figura do trabalhador imigrante. Isso é percebido também no relato de Manouse Françaais:

Uma vez que eu falei pra ela, que eu tenho problema na coluna, que eu não podia fazer uma lavação que era numa máquina, e ela disse... Eu falei para ela, que não ia poder fazer, e ela disse assim: “Então, se você não vai poder, a que você veio aqui no Brasil? Você queria trabalhar lá no escritório?”. Eu disse: “Não, estou só estou falando para você, que você me ajudar, colocar outra pessoa, me passar outra coisa que eu possa fazer”. “Tá, por que você não volta lá pro Haiti? Você quer arrumar dinheiro pra você ir lá?”. Meu Deus, meu Deus. Falava bastante assim, e eu na verdade me sentia bastante mal. (FRANÇOAIS, 2017).

Manouse Françaais ratifica a sensação de receber um tratamento diferente por ser haitiana, ao contar a experiência que teve no trabalho com sua encarregada. A entrevistada fala sobre a forma com que foi tratada quando relatou à sua encarregada que estava sofrendo com um problema na coluna e que, por isso, não poderia realizar uma atividade específica no trabalho. Quando a interlocutora de Manouse questiona o que ela veio fazer no Brasil, já que não pode exercer aquela tarefa, fica implícita a noção, por parte da encarregada, de que, por estar na condição de imigrante, Manouse não poderia questionar as condições de trabalho oferecidas a ela no Brasil.

Além disso, a ideia de uma imigrante “trabalhar no escritório” é trazida para a conversa como um conceito absurdo. Essa fala específica deixa claro que não se trata de negar a Manouse individualmente a possibilidade de trabalhar em um cargo que não envolva majoritariamente esforço físico, mas indiretamente se refere aos imigrantes no geral. Isso porque, logo antes de perguntar se queria trabalhar no escritório, a encarregada de Manouse pergunta, “então”, o motivo de ela vir ao Brasil (se não para trabalhar com o que lhe é oferecido). Logo, é possível inferir que a encarregada de Manouse acredita que, por ser uma imigrante, ela deveria exercer atividades laborais específicas para imigrantes. Qualquer reivindicação do trabalhador imigrante, dentro dessa lógica, seria o suficiente para questionar a própria presença do imigrante no país no qual está vivendo.

Portanto, é possível concluir que a encarregada de Manouse sugere uma submissão dos imigrantes a uma entre estas duas opções: aceitar sem questionar o trabalho oferecido a eles, ou retornar ao seu país de origem. Contudo, ela mesma também traz à tona a necessidade de recursos financeiros que tornem a viagem de volta ao Haiti possível, recursos que viriam por meio do trabalho. Dessa forma, Manouse não teria escolha senão acatar passivamente as ordens dadas, já que tanto a sua permanência no Brasil quanto a sua volta ao Haiti dependeriam do seu trabalho. Ou seja, independentemente dos planos de Manouse em relação ao seu futuro, a entrevistada estaria submetida a um regime de trabalho do qual não poderia sair e nem solicitar uma adequação às suas necessidades físicas.

As falas de Manouse demonstram a postura discriminatória da encarregada em relação aos imigrantes. Essa discriminação é sentida e exposta também por outros imigrantes entrevistados, que dão a ela seus próprios significados. Quando perguntado sobre como lida com isso, Jean Sefood afirma:

Eu não dou valor. Se o que eu penso é meu, eu sei que eu sou o que eu sou. Nada demais. A pessoa tem um valor dele, e eu tenho meu valor também. Tudo que ele pode fazer, eu também posso fazer, graças a Deus. A pessoa foi para escola, eu também fui. Ele tem conhecimento. Eu também só que a língua, o idioma é diferente, nada demais. (SEFOOD, 2017)

É possível supor, a partir da menção de Jean às competências que imigrantes e nativos igualmente possuem (valor, conhecimento), que, para ele, não há diferenças fundamentais entre ambos. Sendo assim, a discrepância entre o tratamento e as oportunidades recebidos por imigrantes e nativos derivaria dos preconceitos existentes na sociedade de imigração e não de uma diferença de capacidades ou instrução entre os indivíduos. Portanto, por acreditar que não há fundamento em uma relação de superioridade e inferioridade (que o preconceito tenta estabelecer entre nativos e imigrantes), Jean afirma não dar valor aos olhares e posturas discriminatórios.

As narrativas presentes nas entrevistas analisadas mostram uma multiplicidade de interpretações sobre Joinville, a sociedade joinvilense e o que significa ser um imigrante haitiano vivendo nela. Sem dúvida, alguns temas são recorrentes, como o trabalho, a educação, diferenças culturais e adversidades sociais. A constância desses pontos ajuda a entender as características mais gerais da condição migrante, ou seja, os pontos de tensão que mais afetam os imigrantes na sua vida cotidiana.

Contudo, os significados produzidos pelos imigrantes haitianos sobre a cidade de Joinville e sobre as suas experiências vivendo nela são os mais variados. A História Oral, como metodologia, permitiu abordar as subjetividades produzidas pelos imigrantes, o que evidencia a singularidade de suas trajetórias. As características gerais da condição migrante, portanto, podem ser percebidas nos diferentes relatos, mas elas não são determinantes na produção de significados. Se assim fosse, de um mesmo movimento migratório seria possível elaborar apenas um conjunto homogêneo de significações.

As entrevistas mostraram, no entanto, que os elementos associados à condição migrante são, sim, recorrentes nos relatos, mas também atribuídos de sentidos que diferem de indivíduo para indivíduo. Por vezes, ao comparar a forma como um mesmo tema é referido em narrativas de diferentes imigrantes, os significados podem ser, inclusive, antagônicos. Por isso, é possível interpretar a condição migrante como uma condicionante da construção de subjetividades. Em outras palavras, ela constitui o campo no qual ocorrem as relações sociais que resultam na produção de sentidos sobre a experiência migratória.

As narrativas presentes nas entrevistas analisadas sugerem que isso se dá porque a elaboração dos significados sobre a experiência migratória não decorre exclusivamente dos eventos experimentados a partir do momento em que se migra. A própria delimitação sobre quando começa a imigração é imprecisa e, talvez, um esforço contraproducente para entendê-la como fenômeno social. Isso porque circunscrever a experiência migratória se mostra incompatível com a fluidez com a qual os eventos que constituem a vida de alguém são experimentados. Seria a saída do país de origem o marco inicial da imigração? A chegada no país estrangeiro? A decisão declarada de mudar de lugar? Ou mesmo o momento da influência das condições sociais sobre a decisão do indivíduo?

Todos esses momentos são fundamentais no processo migratório e, conseqüentemente, na forma como ele vai ser interpretado e se comunicam com outras inúmeras vivências específicas que marcam as memórias e trajetórias particulares de cada indivíduo. Além disso, as características comuns a todos os imigrantes (como aspectos legais, políticos, geográficos e econômicos) podem afetar de maneiras diferentes cada um dos imigrantes. Sendo assim, fica evidenciado que os significados produzidos pelos imigrantes haitianos em Joinville sobre a cidade são um universo de subjetividades composto pelas relações entre a complexidade do

fenômeno migratório em sua generalidade e a infinidade de singularidades trazidas pela trajetória de cada indivíduo. E desses processos de significação decorrem as mais diferentes interpretações acerca da imigração, da sociedade de imigração e dos inúmeros elementos que as compõem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar as relações simbólicas produzidas pelos imigrantes haitianos sobre a cidade de Joinville revelou nelas um profundo grau de complexidade. Em um primeiro momento, a relação da imigração haitiana para o Brasil com o terremoto ocorrido no país caribenho parecia óbvia. Contudo, a partir de um conjunto de materiais, foi possível entender a variedade de aspectos que permeiam o fenômeno migratório.

Para além do impactante desastre natural, fatores políticos, sociais e econômicos surgiram como importantes elementos na constituição de uma conjuntura que deu origem a esse fenômeno. As mudanças nas relações internacionais e nas leis de imigração de países historicamente ligados à imigração haitiana tiveram uma grande influência nesse quadro, assim como a aproximação do Brasil em relação ao Haiti – tratando-se de investimentos em infraestrutura no Haiti e relações diplomáticas. Outro aspecto a ser destacado foi o crescimento econômico que o Brasil protagonizou nos anos anteriores ao crescimento do contingente migratório de haitianos para o país.

A partir da leitura de estudos sobre a imigração e do contato com as fontes levantadas na pesquisa, notou-se a necessidade de trabalhar tanto aspectos gerais da imigração quanto características específicas do recorte temático do presente trabalho. Essa aproximação mais ampla sobre o tema se deu através da leitura de teóricos que abordam essas questões e serviu para estabelecer um quadro conceitual a partir do qual o problema de pesquisa foi aprofundado e cujas categorias foram problematizadas por meio da sua confrontação com as fontes.

Como ponto de partida, as ideias propostas por Sayad (1998) foram centrais para esse trabalho. O sociólogo apresentou ideias que auxiliaram para que houvesse uma noção inicial da constituição da figura do imigrante. Sayad (1998) aponta a existência de um paradoxo e defende que este é um ponto central da condição imigrante. Para o autor, as noções de que o imigrante se encontra em uma situação de provisoriedade que se prolonga indefinidamente, ao mesmo tempo em que vive uma situação potencialmente permanente mas permeada de um profundo sentimento de provisoriedade, são os componentes desse paradoxo.

Essas duas ideias se excluem mutuamente, mas também não formam uma síntese, da maneira como se dá dentro de uma lógica dialética. Elas permanecem em

relação e acabam formando um paradoxo: um fenômeno social que reúne elementos discordantes, mas que torna justamente essa oposição o seu caráter fundamental. A aceitação desse paradoxo acaba trazendo demandas teóricas e metodológicas que não podem ser ignoradas. Isso porque um paradoxo não poderia ser explicado por um esquema teórico concebido anteriormente à experiência que procura explicar.

É possível afirmar, portanto, que estudar a imigração requer atentar para inúmeras questões, como a geografia, a demografia, a política, as manifestações culturais, entre outros. Por conta disso, o tema se torna interdisciplinar por necessidade, ao passo que mobiliza diferentes áreas do conhecimento, debates teóricos e abordagens metodológicas. Além do que, a imigração é uma questão que se transforma com o tempo, e acompanha o ritmo da história na qual ela se dá. Ou seja, entram em questão problemáticas que sequer existiam ou se encontravam em estado embrionário quando estudos passados foram realizados. A globalização, seus efeitos na imigração e as relações de ambas (globalização e imigração) com os processos de produção de localidades são exemplos dessas demandas que emergem com a história.

Noções estruturantes, por conseguinte, nas quais a condição migrante pudesse ser encaixada, demandariam categorias que ocupassem lugares específicos dentro de seus esquemas explicativos, o que se torna um problema quando o próprio fenômeno a ser discutido se apresenta constituído por contradições e transformações. E esse é um dos motivos pelos quais as experiências dos imigrantes se tornam fundamentais para que o processo migratório seja trabalhado, já que é nela que essas contradições se manifestam. Ademais, a pesquisa que deu resultado a esse trabalho voltou seus esforços aos sentidos produzidos pelos imigrantes haitianos em Joinville. E por mais que os aspectos contextuais tenham sido indispensáveis para a discussão da temática, eles constituem o cenário no qual essas subjetividades são construídas e manifestadas, mas não dão conta da sua totalidade.

Fatores relacionados às esferas macroeconômica e política da imigração não têm a sua importância negligenciada – porém, a pesquisa demonstrou a presença de outros elementos importantes para a experiência como migrante. Essas influências acabam sendo percebidas de forma muito mais clara nas entrevistas com os imigrantes, já que abordam pontos que não aparecem nos dados estatísticos. As redes de sociabilidade se demonstraram fundamentais não só na decisão de migrar, mas também na escolha do destino. O histórico de imigração na família, assim como

a presença de familiares ou amigos no Brasil e na cidade de Joinville foram aspectos que não raro apareciam nas entrevistas.

As discussões sobre as especificidades do fenômeno migratório para a pesquisa não foram as únicas que mobilizaram esforços nesse trabalho. Buscar compreender de que maneira os imigrantes haitianos em Joinville dão significado à cidade demandou um olhar sobre a forma como a própria cidade é apresentada simbolicamente. Notou-se que a memória institucionalmente narrada de Joinville dá destaque para a imigração e para o imigrante, e essa centralidade foi trabalhada a partir de dois monumentos: o “Monumento ao Imigrante” e “O Fundidor”.

Com o desenvolvimento da pesquisa, percebeu-se que tanto o “Monumento ao Imigrante” quanto “O Fundidor” representam um esforço de monumentalização da imigração e do trabalho em Joinville. Contudo, esse processo se dá de modo complexo, e mobiliza os mais distintos interesses, de modo que os próprios processos migratórios que inspiraram a monumentalização sejam submetidos a interpretações, apropriações, disputas e influências que variam com o andamento da história.

Ao atentar à historicidade na qual foram erigidos os monumentos, e tendo em vista a maneira como esses objetos foram reapropriados e ressignificados com o passar do tempo, foi possível vê-los como símbolos em constante processo de atribuição de sentido. E, nesse sentido, os monumentos mostraram manter relação íntima com o presente no qual são mobilizados. Não são definidos, portanto, pelo passado, tempo no qual foram erguidos, ou com a memória que se buscava transmitir no momento da sua idealização. Por esse motivo que o conceito de “sociotransmissores” trazido por Candau (2010) foi importante. Justamente por apontar que os monumentos são mais um meio pelo qual se dá a comunicação de memórias sujeitas a transformações e recriações, do que um conjunto de significados fixos absorvidos passivamente pelo observador.

Perceber os monumentos como sociotransmissores resultou no entendimento de que eles precisam do observador para que possam ser atribuídos de sentidos. A consequência dessa lógica é a de que, quando alguém tem contato com um monumento, essa pessoa não se posta de maneira passiva frente ao objeto, muito menos está destituída de memórias que entram em diálogo com o monumento. Quem se depara com um monumento traz consigo esquemas de significação próprios que a institucionalidade que deu origem ao monumento não pôde prever. Até porque essa bagagem simbólica com a qual o monumento é confrontado diz respeito à formação

da consciência do indivíduo. Por consequência, o observador pode até ser interpelado por uma proposta de narrativa trazida pelo monumento, mas passa a fazer parte de um sem número de sentidos atribuídos àquele objeto, que são, por sua vez, escritos a várias mãos.

Essa multiplicidade de sentidos foi verificada nas entrevistas analisadas para essa pesquisa. De fato, os imigrantes haitianos frequentemente associam a imigração ao trabalho. Porém, o que chama a atenção são as diferentes formas com as quais os indivíduos entrevistados apresentam esse elemento nas suas narrativas e de que maneira ele atravessa as suas experiências migratórias.

Por vezes, o trabalho aparece como uma forma de ajudar a família no Haiti; em outro momento, como um meio para o estudo. Em alguns casos, ele foi trazido como a razão para a imigração, como meio para se obterem objetivos de vida; já em outros, como ambiente onde foram vividas dificuldades e discriminações. Não foi possível extrair um sentido único do que é o trabalho para esses imigrantes. De qualquer forma, não era o objetivo da pesquisa estabelecer um conjunto de características gerais, mas refletir sobre os aspectos subjetivos que compõem a experiência migratória dos entrevistados.

Nessa linha de raciocínio, é possível destacar a importância fundamental das redes de relacionamento estabelecidas pelos imigrantes. Essas já foram destacadas no que compete ao processo migratório em si, mas ganham proeminência também as conexões estabelecidas quando os sujeitos já se veem imersos na sociedade de imigração – no caso, a cidade de Joinville. Sendo assim, os significados produzidos pelos imigrantes haitianos sobre a cidade de Joinville parecem apelar mais para as suas experiências cotidianas – laborais, acadêmicas e pessoais – do que para os discursos monumentais. Estes acabam acobertados pelo peso das relações que os sujeitos estabelecem, por vezes, com as dificuldades materiais, vínculos afetivos e anseios pessoais.

Ficou aparente nas entrevistas que questões mais gerais ligadas à condição migrante aparecem com frequência em diferentes relatos – como o trabalho, a discriminação e diferenças culturais. Contudo, como já foi dito, os sentidos dados a esses elementos diferem entre os indivíduos. O que se conclui é que a condição migrante pode ser entendida como um campo no qual ocorrem as construções subjetivas. Ela seria mais como um conjunto de elementos condicionantes que

compõem os processos de significação, e não como uma estrutura determinante dos sentidos produzidos sobre a experiência migratória.

Outros fatores participam da construção de sentidos sobre os monumentos, a cidade e a condição migrante. São acontecimentos nas trajetórias de vida dos indivíduos que, mesmo imersos na sua historicidade, não se deixam traduzir totalmente por meio de grandes análises contextuais.

Além disso, foi possível perceber que a produção dos significados abordados nesta pesquisa não se pauta só nos acontecimentos vividos após a transição física de um lugar para outro – momento marcante no ato de migrar. Mesmo a tentativa de definir o ato que dá início à imigração se mostra um desafio, que por sua vez pode ser até pouco eficiente para a compreensão do fenômeno social estudado. O motivo para isso é que a experiência migratória é caracterizada não só por fronteiras e rupturas, mas também pela continuidade das experiências vividas. Circunscrever a experiência migratória se mostra incompatível com a fluidez com a qual os eventos que constituem a vida de alguém são experimentados.

Tudo o que, de uma forma ou de outra, acaba atravessando o processo migratório pode ter peso na maneira com a qual um indivíduo vai interpretar a imigração. Questões profundamente pessoais e relações afetivas podem ser post-chaves no desenrolar da fabricação das subjetividades. Dessa maneira, o contexto no qual acontece a imigração e as características que o formam podem afetar de modo singular cada imigrante.

Emerge, então, a perspectiva de que os significados produzidos pelos imigrantes haitianos em Joinville sobre a cidade não encontram uma fórmula ou definição específica pela qual podem ser categorizados: são subjetividades construídas nas relações entre a complexidade do fenômeno migratório (e seus aspectos de escala macro) e as particularidades existentes nas trajetórias individuais antes e durante a imigração.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo? In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. p. 55-73..
- ALESSI, Mariana Longhi Batista. A Migração de Haitianos para o Brasil. **Conjuntura Global**, Curitiba, v. 2, n. 2, p.82-86, jun. 2013.
- APPADURAI, Arjun. Soberania sem Territorialidade: Notas para uma geografia pós-nacional. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 49, p.33-46, 1997.
- ARRUDA, Gilmar. “Minha terra tem palmeiras”: paisagem, patrimônio e identidade nacional. In: FUNARI, P. P. A. (Org.) ; PELEGRINI, S. (Org.) ; RAMBELLI, G. (Org.). **Patrimônio cultural e ambiental: questões legais e conceituais**. São Paulo: Annablume, 2009.
- ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). **Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Berlin; New York: De Gruyter, 2008. p. 109-118.
- BAENINGER, Rosana. Migração transnacional: elementos teóricos para o debate. In: BAENINGER, Rosana et al (Org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 13-43.
- BRASIL. **Lei 9.474** de 22 de julho de 1997.
- BRIGHTWELL, Maria das Graças S. L. et al. Haitianos em Santa Catarina: trabalho, inclusão social e acolhimento. In: BAENINGER, Rosana et al (Org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 487-503.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. 199 p.
- CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas na busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1, dez. 2009/ mar. 2010.
- _____. Da Mnemogênese à memogênese. In: _____, **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACÊDO, M; PEREDA, L. Resumo Executivo. **Imigração e Refúgio no Brasil**. A inserção do imigrante, solicitante de refúgio e refugiado no mercado de trabalho formal. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança pública / Conselho Nacional de Imigração e Cordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra 2019.
- CERTEAU, Michel. Relatos de espaço. In: A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COELHO, Ilanil. **Pelas Tramas de uma Cidade migrante**. Joinville: Univille, 2011. 280 p.

COGO, Denise. Comunicação e migrações transnacionais – o Brasil (re)significado em redes migratórias de haitianos. **REU**, Sorocaba, SP, v. 40, n. 2, p. 233-257, dez. 2014.

_____. O Haiti é Aqui: mídia, imigração haitiana e racismo no Brasil. Chasqui. **Revista Latinoamericana de Comunicación** N.º 139, diciembre 2018 - marzo 2019 (Sección Informe, pp. 427-448) ISSN 1390-1079 / e-ISSN 1390-924X Ecuador: CIESPAL

DA SILVA, Ana Lúcia. IMIGRAÇÕES NA AMÉRICA LATINA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO E A MÍDIA. **Tópicos Educacionais**, [S.l.], v. 26, n. 1, maio 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/245667/35209>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

_____. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil. **Revista Brasileira De Estudos De População**, 2017.

DADOS DA RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS (RAIS), 2011-2013, SOBRE HAITIANOS NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL. 2015. Disponível em: <<https://haitianosnobrasil.files.wordpress.com/2015/05/dados-da-relac3a7c3a3o-anual-de-informac3a7c3b5es-sociais-rais-2011-2013-sobre-haitianos-no-mercado-de-trabalho-formal.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2016.

DISASTERS EMERGENCY COMMITTEE (Reino Unido). **HAITI EARTHQUAKE**. Disponível em: <https://www.dec.org.uk/appeal/haiti-earthquake-appeal> Acesso em: 11 out. 2021

EMEDIATO, Wander. Os enquadres discursivos do acontecimento migratório: narrativização, banalização e estigmatização. **Rev. Estud. Ling.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 597-618, 2020.

ERMOFILS, Whistler. **Whistler Ermofils**: entrevista [15 fev. 2017]. Joinville, 15 fev. 2017. Entrevistadores: Sirlei de Souza e Ilanil Coelho.

Escultura em bronze do Monumento ao Imigrante: detalhe da mãe sentado sobre um baú e das crianças ao seu lado. Joinville (SC). [1951].1: pb.: 23,5 X 17,0 cm. Foto. (Arquivo Histórico de Joinville)

FERNANDES, Duval; FARIA, Andressa Virgínia. A diáspora haitiana no Brasil: processo de entrada, características e perfil. In: BAENINGER, Rosana et al (Org). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 95-111.

FERREIRA, Luis Matheus da Silva. **Terra, Trabalho e Indústria na Colônia de Imigrantes Dona Francisca (Joinville), Santa Catarina, 1850 - 1920**/ Luiz Matheus da Silva Ferreira; orientador, Renato Perim Colistete. São Paulo, 2019, 365 f.

FRANÇOAIS, Manouse. **Manouse Françaais**: entrevista [26 maio 2017]. Joinville, 26 maio 2017. Entrevistadora: Sirlei de Souza.

FREUND, Alexander. História Oral Como Processo Gerador De Dados. **Tempos Históricos**. V. 17. 2º Semestre de 2013. p. 28 - 62.

GONÇALVES, José. Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 60, p. 14-42, 2005.

HALBWACKS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. 224 p.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JORNAL A NOTÍCIA. Cidade em Festa: 120 Anos. **Jornal A Notícia**, 9 mar. 1971. p. 1. Cidade em Festa: 120 Anos. **Jornal A Notícia**, 9 mar. 1971. p. 1. CIDADE em Festa: 120 Anos. **Jornal A Notícia**, 9 mar. 1971. p. 1.

JORNAL DE JOINVILLE. Jubilosamente, comemora Joinville cem anos de fecunda existência. **Jornal de Joinville**. Joinville, 09 mar. 1951. Acervo Centro Memorial da Univille.

KOSELLECK; Reinhard. Eclusas da memória e estratos da experiência. A influência das duas guerras mundiais na consciência social. In: _____, **Estratos do Tempo**. Estudo sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

LANFRONT, Roland. **Roland Lanfront**: entrevista [18 jun. 2016]. Entrevistadora: Sirlei de Souza. Joinville: Campus Bom Retiro da Univille, 2016.

LE GOFF, Jacques. Documento Monumento. In: _____ **História e memória**. 2. ed. Campinas/SP: Ed.Unicamp, 1992.

LUIZ, Luther Jean. **Luther Jean Luiz**: entrevista [14 abr. 2017]. Joinville, 14 abr. 2017. Entrevistadora: Sirlei de Souza.

MACHADO, D. F. **REDIMIDOS PELO PASSADO? SEDUÇÕES NOSTÁLGICAS EM UMA CIDADE CONTEMPORÂNEA (JOINVILLE, 1997-2008)**. Dissertação (Mestrado em História do Tempo Presente) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 27 de fevereiro de 2009.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **A imigração haitiana em Santa Catarina**: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no haiti. 2017. 355 f. Tese (Doutorado) - Curso de Demografia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas., Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

_____. Imigração haitiana no estado de Santa Catarina: contradições da inserção laboral. In: BAENINGER, Rosana et al (Org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 505-524.

_____.; BAENINGER, Rosana. O Haiti é aqui: haitianos em Santa Catarina e o conceito de síndrome emigratória. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, 19, 2014, São Paulo. 2014.

MELO, Lara Silva; LARA, Caio Augusto Souza. A Busca dos Haitianos pelo “Sonho Brasileiro”: A Real Garantia de Direitos dos Imigrantes no Brasil. **Percurso**, [S.l.], v. 3, n. 30, p. 115 - 118, dez. 2019. ISSN 2316-7521. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/percurso/article/view/3622/371371999&qt;>. Acesso em: 24 ago. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.21902/RevPercurso.2316-7521.v3i30.3622>.

MICHELET, Jean. **Jean Michelet**: entrevista [28 abr. 2017]. Joinville, 28 abr. 2017. Entrevistadora: Sirlei de Souza.

MICHELS, Maikon de Sousa. **Cognição e cultura**: um diálogo interdisciplinar sobre o Lakou haitiano e suas manifestações na condição **migrante**. 2018. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, Univille, Joinville, 2018.

Monumento ao Imigrante com estandartes ao redor em comemoração ao Centenário de Joinville: inauguração. Joinville (SC). [1951]. 1: pb. 15 X 23 cm. Foto. (Arquivo Histórico de Joinville).

Monumento ao Imigrante: detalhe do nativo e do imigrante. [1951].1: pb.; 17,5 X 11,5 cm. Foto. (Arquivo Histórico de Joinville).

MORAES, Isaias Albertin de; ANDRADE, Carlos Alberto Alencar de; MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. A Imigração Haitiana para o Brasil: causas e desafios. **Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v. 4, n. 20, p.95-114, nov. 2013.

MOSER, Eliana Terezinha Viana. **Leitura Semiótica dos Monumentos "Ao Imigrante e Ao Fundidor"**: uma experiência estética dos sentidos. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Patrimônio Cultural e Sociedade, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2011.

NIEHUES, Valdete Daufemback. **De Agricultor a Operário**: Lembranças de Migrantes. Florianópolis, 2000. 245 p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina

OLIVEIRA, Adriana Capuano de; BUTIKOFER, Erika Andrea; VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Migração e periferização: o caso dos haitianos em Guaianases/SP e os desafios do pertencer. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, Dourados, v. 8, n. 16, p. 196-224, dez. 2019. ISSN 2316-8323. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/9866&qt;>. Acesso em: 24 ago. 2020. doi:<https://doi.org/10.30612/rmufgd.v8i16.9866>.

PATARRA, Neide Lopes. O Brasil: País de imigração? In. **Revista E- Metropolis**, nº 09, ano 3, junho de 2012. p. 1-18

PIERRE, Shiller. **Shiller Pierre**: entrevista [3 abr. 2017]. Joinville, 3 abr. 2017. Entrevistadores: Sirlei de Souza e Eduardo Philippi Soares.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p.25-39, fev. 1997.

_____. Tentando Aprender um Pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na

História Oral. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p.13-33, abr. 1997.

RODRIGUES, Viviane Mozine; MARCHESE, Vinícius Francisco. Migração haitiana para o Brasil: problemática e perspectivas. **Acesso Livre** n. 5 jan.-jun. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 48, p.11-32, jun. 1997.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAYAD. Abdelmalek. **A Imigração e os paradoxos da alteridade**. São Paulo, EDUSP, 1998.

SCAGLIA, Maria. Paulo de Siqueira. **Jornal Anexo**. Joinville, 29 mai. 1996. Acervo Arquivo Histórico de Joinville.

SEFOOD, Jean. **Jean Sefood**: entrevista [2 jun. 2017]. Joinville, 2 jun. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

SIMÕES, A; HALLAK NETO, J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACÊDO, M; Resumo Executivo. **Relatório da RAIS**. A Inserção socioeconômica dos imigrantes no mercado de trabalho formal. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança pública / Conselho Nacional de Imigração e Cordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra 2019.

SOARES, Claudete Gomes. A presença de haitianos no oeste catarinense: o encontro com a branquitude. **RELACult** - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S.l.], v. 5, maio 2019. ISSN 2525-7870. Disponível em: <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1549>>. Acesso em: 24 ago. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v5i5.1549>.

SOUZA, Sirlei de. **Narrativas imigrantes**: tramas comunicacionais e tensões da imigração haitiana em Joinville/SC (2010-2016). Rio de Janeiro, 2019. 264f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SPARENBERGER, R. F.; JUNIOR, B. H. (2016). Multiculturalismo liberal e imigração: os limites da política da diferença. **Espaço Jurídico Journal of Law [EJJL]**, 17(3), 821-842. <https://doi.org/10.18593/ejil.v17i3.10715>.

STAFFEN, Márcio Ricardo; NISTLER, Regiane. Transnacionalidade e relações de trabalho: análise da imigração dos haitianos ao Brasil. Estamos preparados?. **Revista Eletrônica Direito e Política**, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.9, n.3, 3º quadrimestre de 2014.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Miséria da Teoria**: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. 230 p.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração.

Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

TUPY. **Fatos & Dados**: relatório executivo de imprensa 2017. Joinville, 2017.

Disponível em:

https://www.tupy.com.br/downloads/pdfs/2017_06_15_Fatos_Dados_Report_Executivo_2017.pdf. Acesso em: 04 mai. 2021.

VILLEN, Patricia. Polarização Do Mercado De Trabalho e a Nova Imigração Internacional No Brasil. **Rede de Estudos do Trabalho**, São Paulo, 2016.

WESTPHAL, Beto. Conheça Santa Catarina pelos Museus. **Jornal A Notícia**. Joinville, 04 ago. 1999. Acervo Arquivo Histórico de Joinville.

WOODY, Pierre. **Pierre Woody**: entrevista [28 jul. 2018]. Joinville, 28 jul. 2018. Entrevistadora: Sirlei de Souza.

APÊNDICES

APENDICE A – Informações sobre os imigrantes haitianos entrevistados

Nome: Jean Michelet

Sexo: Masculino

Idade: 30

Estado Civil: Casado

Filhos: 1

Data da entrevista: 15/02/2017

Resumo: Jean nasceu na ilha de Lagunav no Haiti. Morava com a mãe, que trabalhava como costureira, e seus três irmãos. Seu pai, deixou o Haiti para viver na Venezuela. Ainda no Haiti terminou o ensino médio, porém, não teve oportunidade de cursar a faculdade. Jean deixou seu país de origem após o terremoto para tentar a vida na Venezuela, assim como seu pai. No entanto, após um tempo neste novo país, Jean decidiu migrar para o Brasil e por indicação de um amigo chegou em Joinville/SC. Ele foi o primeiro imigrante haitiano a ingressar na empresa metalúrgica Tupy. Jean diz gostar do Brasil e tem o sonho de fazer o curso técnico em mecânica.

Nome: Luther Jean Luiz

Sexo: Masculino

Idade: 25

Estado Civil: Solteiro

Filhos: Não

Data da entrevista: 10/04/2017

Resumo: Luther, nome dado pela sua mãe em homenagem a Martin Luther King, nasceu na ilha de Lagunav no Haiti. Tem cinco irmãos e foi criado pela mãe. Seu pai deixou o Haiti para viver na Venezuela. Aos dezoito anos de idade, Luther deixou o Haiti para morar na Venezuela, assim como havia feito seu pai e devido a essa mudança ele não conseguiu terminar o ensino médio em seu país de origem. Luther viveu na Venezuela até seus 21 anos de idade. Atualmente, ele está há três anos no Brasil. Luther chegou em Joinville com sua mãe por indicação de um dos seus irmãos que já residia e trabalhava na cidade. Segundo Luther, seu irmão foi o primeiro

Haitiano empregado na empresa Tupy. Aqui em Joinville, ele conseguiu terminar o ensino médio pelo CEJA - Centro de Educação de Jovens e Adultos e ingressou na faculdade de Administração na Univille a partir de uma bolsa fornecida pela empresa na qual trabalha, a Fundação Tupy. Luther namora uma brasileira e ainda não pensa em ter filhos.

Nome: Whistler Hermofils

Sexo: Masculino

Idade: 40

Estado Civil: Casado

Filhos: 2

Data da entrevista: 15/02/2017

Resumo: Whistler Hermofils viveu sua infância na zona rural do Haiti, mais precisamente na ilha de Lagunav, com sua mãe e suas irmãs mais novas. Seu pai se fazia presente na vida dos filhos na medida do possível, já que ele estava tentando ganhar dinheiro para a família trabalhando nos Estados Unidos. O principal contato entre pai e filhos se dava por cartas e vídeo cassetes. De acordo com Whistler, as fitas eram a forma de ouvir a voz do pai que tão longe estava. Na ausência do pai, ajudava a mãe, que trabalhava fora como zeladora, nas atividades domésticas. Sua responsabilidade era cuidar dos animais de criação que possuíam em casa todas as manhãs antes de ir para a escola. Quando criança, Whistler apreciava o futebol e passava seu tempo de lazer nos campos com os primos e amigos, mesmo sabendo que sua mãe não aprovava suas idas aos campos. Segundo ele, a mãe temia que o filho se machucasse jogando bola. Aos quinze anos de idade, se mudou para a cidade grande, Porto Príncipe, a fim de terminar seus estudos, já que as escolas da capital eram melhores do que as escolas da ilha. Na cidade, Whistler e suas irmãs moravam na casa de uma tia que alugava um dos quartos da casa para os sobrinhos. Nessa época, sua mãe fazia visitas regulares nos finais de semanas e auxiliava os filhos com a comida da semana. Dos dezenove aos vinte anos, Whistler morou com o pai que já havia retornado dos Estados Unidos. Na época, seus pais já não estavam mais juntos e sua mãe não gostou do fato de Whistler morar com o pai e sua nova esposa. Desse período, carrega lembranças dos valores e princípios do pai e diz se achar muito parecido com ele no jeito de agir. Ainda em Porto Príncipe, Whistler fez faculdade de

contabilidade e aos vinte anos de idade, conheceu sua esposa que na época, tinha dezoito anos de idade. Na capital, trabalhou como professor, mas, logo retornou a ilha de Lagunav para trabalhar, pois, segundo ele quem tem estudo tem emprego tanto na cidade, como na ilha. No ano do terremoto que atingiu o Haiti, Whistler e a esposa estavam residindo e trabalhando na ilha (eles tinham uma mercearia), no entanto, sua mãe e seus filhos estavam na capital e presenciaram a queda de Porto Príncipe. Todos sobreviveram, porém, sofreram com a perda de inúmeros conhecidos. Logo após a tragédia que assolou o Haiti, Whistler decidiu deixar seu país e a partir da influência de um amigo e pesquisas na internet escolheu tentar a vida no Brasil. Em 12 de janeiro de 2012 ele chegou na fronteira do Tabatinga (Amazonas) e lá ficou preso por três meses até ter liberação do governo, que só se deu após a divulgação pelas grandes mídias de uma marcha organizada pelos trezentos e setenta e oito haitianos que estavam incomodados com a situação na qual se encontravam na fronteira brasileira. De acordo com Whistler, durante esse tempo, sua esposa que ainda estava no Haiti, e um dos seus primos que estava nos Estados Unidos o ajudaram com dinheiro. Desde sua entrada no Brasil, há cinco anos atrás, Whistler passou por vários estados, Pará, Rio Grande do Sul, Paraná e por fim, Santa Catarina. Atualmente, ele a mulher e os filhos residem em Joinville/SC.

Nome: Jean Serfood

Sexo: Masculino

Idade: 35

Estado Civil: Casado

Filhos: 1

Data da entrevista: 02/06/2017

Resumo: Jean nasceu na ilha de Lagunav no Haiti. Foi criado pela sua avó materna e só teve contato com os irmãos por parte de pai. Na infância lembra de brincar muito na rua com as outras crianças Haitianas, principalmente, soltando pipa. Seus pais ainda vivem no Haiti e são agricultores. Jean é casado Luana que também é haitiana e vive com ele aqui em Joinville. Eles têm um filho de nove anos de idade que está no Haiti sob os cuidados da irmã de Jean. Ele e a esposa trabalham para enviar ajuda ao filho e estão providenciando a documentação necessária para trazer o menino ao Brasil. Jean saiu do Haiti para estudar, pois, segundo ele, quem estudos fora consegue emprego melhores no Haiti. Ele pensa em cursar direito ou engenharia

mecânica. Antes de chegar ao Brasil, Jean viveu por dois anos na Venezuela, porém, devo às difíceis condições políticas pela qual esse país vem passando, Jean decidiu migrar para o Brasil por indicação de um amigo que estava morando e trabalhando em Joinville. Atualmente, Jean e Luana estão no Brasil há três anos. Ele ainda pensa em voltar para o Haiti em algum momento da vida.

Nome: Shiller Pierre

Sexo: Masculino

Idade: 32

Estado Civil: Casado

Filhos: 1

Data da entrevista: 03/04/2017

Resumo: Shiller Pierre nasceu no interior do Haiti, mais precisamente na ilha de Lagunav. Morava com a mãe, o irmão e a irmã. Quando Shiller tinha quatro anos de idade, seu pai deixou o Haiti para trabalhar na Europa e assim, garantir melhores condições para a família. O pai ausente é uma lembrança triste, porém, segundo Shiller se fez necessária para que ele, a mãe e os irmãos pudessem ter alimento na mesa e acesso a escola, já que no que Haiti as escolas públicas não são de fácil acesso à população. No ano do terremoto que assolou o Haiti, Shiller estava em Porto Príncipe cursando mecânica. Ele presenciou toda a queda da capital e as inúmeras perdas decorrentes da tragédia. Segundo Shiller ele já pensava em deixar o Haiti para tentar a vida na Europa junto com o pai. No entanto, devido às dificuldades de migrar para a Europa e a difícil condição do Haiti pós terremoto, Shiller migrou para o Brasil em 2013. Inclusive na época seu pai sugeriu que ele deixasse o país e mandou dinheiro para auxiliar o filho. De acordo com Shiller a vinda para o Brasil foi bem difícil. Antes de chegar em terras brasileiras ele passou pela República Dominicana, Equador e Peru. Chegando no Acre, Shiller foi contratado por uma empresa catarinense e foi parar em Chapecó onde morou por três meses. Na sequência, Shiller veio para Joinville tentar a vida com seu primo que já residia na cidade. Atualmente, Shiller mora e trabalha em Joinville há dois anos e tem uma filha com uma brasileira que conheceu quando ainda estava em Chapecó.

Nome: Roland De Lafront

Sexo: Masculino

Idade: 36

Estado Civil: Solteiro

Filhos: Não

Data da entrevista: 13/07/2016

Resumo: Roland, natural de Porto Príncipe deixou seu país, juntamente com sua irmã, a fim de realizar seu sonho de estudar, pois, segundo ele, o estudo proporciona oportunidades de se viver melhor. Antes de chegar no Brasil, Roland morou cerca de um ano e meio na Venezuela, porém, devido a morte do presidente e às difíceis condições políticas pela qual o país passou, ele mudou-se para o Brasil por indicação de um amigo que já residia e trabalhava em Joinville. Roland que está em Joinville há dois anos e meio, concilia seu tempo entre o trabalho na empresa Tupy e a graduação de Design de Interiores na Univille.

Nome: Manouse França

Sexo: Feminino

Idade: 29

Estado Civil: Casada

Filhos: 2

Data da entrevista: 26/05/2017

Resumo: Manouse nasceu na pequena cidade de Maiça no Haiti, saiu de lá aos treze anos para morar com a tia na República Dominicana. Neste novo país, terminou o ensino médio, conheceu seu marido e teve dois filhos que atualmente têm 3 e 5 anos de idade. Ela estava estudando para ter uma profissão, no entanto, mudou-se para o Brasil para se reencontrar com o marido que havia migrado para Joinville por indicação de um amigo, na busca de oportunidades de vida melhores. Seus filhos, pais e irmãos continuam no Haiti. Manouse trabalha para enviar dinheiro a família e sonha em trazer os dois filhos para o Brasil. Ela sente muita falta deles e mantém contato por telefone.

Nome: Pierre Woody

Sexo: Masculino

Idade: 33

Estado Civil: Casado

Filhos: Não

Data da entrevista: __/__/2018

Resumo: Pierre Woody nasceu há 33 anos no oeste do Haiti em uma cidade litorânea, onde conheceu sua esposa Jiani com a qual mantém um relacionamento de 14 anos. No Haiti, Pierre iniciou um curso superior de engenharia mecânica, o qual frequentou pelo período de um ano antes de trancá-lo. Pierre imigrou do Haiti diretamente para o Brasil através de uma viagem de avião, passando pelo Panamá e desembarcando São Paulo, de onde foi para Joinville, cidade na qual se estabeleceu. A escolha da cidade se deu por conta da influência de um amigo de Pierre, que já morava no Brasil. Em Joinville, trabalhou na fundição Tupy e depois passou a atuar como segurança. Para além das atividades profissionais, uma parte importante do seu cotidiano acontece em uma comunidade evangélica frequentada por ele e sua esposa, para onde vão principalmente aos domingos de manhã participar dos cultos.

ANEXOS

ANEXO A – Roteiro Geral: Entrevistas Orais com os Imigrantes Haitianos

Roteiro Geral – haitianos²¹

Data e local de realização da entrevista:

Entrevistador:

Dados Pessoais

Nome:

Data de Nascimento:

Estado Civil:

Nome do Cônjuge:

Filhos:

Profissão:

Endereço:

Telefone:

E-mail:

1) Trajetória de vida (se for o caso) até o seu estabelecimento em Joinville

- Local de nascimento (Rural ou urbano?)
- Data/período de suas migrações
- Estrutura familiar da infância
- Profissão do pai e da mãe
- Cotidiano na infância (moradia, vida no bairro, escola, lazer e religiosidade)
- Juventude (lembranças de fatos marcantes)
- Formação intelectual
- Trajetória profissional (escola e trabalho)
- Deslocamentos anteriores (motivações, lugares e períodos)
- Seus pais/familiares possuem experiências migratórias?

²¹ Roteiro utilizado nas entrevistas produzidas para a pesquisa que resultou na tese “Narrativas imigrantes: tramas comunicacionais e tensões da imigração haitiana em Joinville/SC (2010-2016)” de autoria de Sirlei de Souza (2019).

2) Migração para o Brasil e Joinville

2.1) Por que o Brasil foi o local de destino? Quando?

- Outras motivações (propaganda? meios de comunicação [Jornais/TV/internet?])
- Conhecia o Brasil e/ou brasileiros.
- Condições de migração (individual ou família).
- Percurso e Meios de transporte.
- Teve apoio de pessoas e/ou grupos e/ou instituições.
- Lembranças/fatos marcantes na saída [apoios/despeditas/cominações].
- Lembranças/fatos marcantes do trajeto até o Brasil.

2.2) Por que Joinville foi o local de destino? Quando?

- Locais anteriores em que morou... Por quê?
- Outras motivações (propaganda? meios de comunicação [Jornais/TV/internet?])
- Conhecia Joinville e/ou joinvilenses?
- Condições de migração (individual ou família).
- Percurso e Meios de transporte.
- Teve apoio de pessoas e/ou grupos e/ou instituições quando chegou a Joinville.
- Bairros em que morou e condições de moradia (individual/coletiva).
- Conhecimento e interação com outros haitianos.
- Estranhamentos e preconceitos (dificuldades cotidianas).
- Onde trabalha? Função?
- Onde trabalhou na cidade? Funções?
- Participação na vida cidadina: pertence a alguma associação (política, moradores, mães, esporte/artes).
- Lazer no bairro que mora.
- Hábitos que cultiva.
- Comunicação com família/amigos que deixou no Haiti
- Outros contatos e interações com o local de origem (ajuda financeira etc.)
- Deseja retornar ao Haiti ou migrar para outro local? por que?

- Cultiva algum tipo de “tradição” cultural do Haiti [festividades; comemorações; gastronomia; dança; música etc?
- Ficou mais acentuada em Joinville? Por quê?
- Religiosidade? Manteve a do local de origem?

2.3) Lembra de ter visto ou conhecido algum monumento de Joinville? Qual(is)?

- O que te lembra? O que te parece significar/comemorar em relação à cidade?
- Mostrar o monumento ao imigrante e ao fundador
- Por que não lhe chamou a atenção, já que é um local bastante frequentado pelos moradores de Joinville?
- Lembra de algum monumento da sua cidade e do Haiti? Há algum que você considere parecido com estes? Por quê?
- Conhece algum museu ou espaço cultural de Joinville? Como conheceu? O que acha deles?
- Qual é o patrimônio cultural mais importante do Haiti? (lembrar do patrimônio natural)

3) Sobre a migração e os migrantes em Joinville

- Conhece imigrantes de outras nacionalidades que vivem em Joinville?
- Mantém contato com eles? Em quais situações?
- Percebe algum tipo de conflito/disputa entre imigrantes na cidade? Quais?
- Percebe algum tipo de conflito/disputa entre imigrantes haitianos na cidade? Quais?
- Você considera Joinville como cidade de migrantes? Quais as razões?
- É possível distinguir tipos de migrantes? A partir de quais critérios?
- Houve contribuições e Prejuízos na cidade com a migração?
- Há diferença entre ser migrante mulher/homem e escolarizado/ou não em Joinville?
- Há diferença entre ser migrante negro em Joinville em comparação com outros locais /cidades brasileiros?
- Qual a sua opinião sobre manifestações públicas contrárias à presença dos haitianos na cidade? Por exemplo, a pichação na GV; “o Haiti não é aqui!”

- O que você acha de Joinville?
- Quais os desafios da cidade para o século XXI?

[Para o entrevistado da Associação de Moradores: como surgiu a ideia? Quando? Como? Por quê? Para quê? Contra quê?]

4) A cidade hoje

- Migrar significou uma aventura?
- Você se considera joinvilense? Em quais situações? Por quê?
- O que diferencia Joinville das cidades que você já morou?
- Como vê o futuro do Haiti e dos haitianos?
- Em que medida a imigração é importante para o Haiti e para outros países?
- Onde você deseja ser enterrado? Por quê? [Memórias traumáticas e pertencimentos]

Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) a disponibilizar em ambiente digital institucional, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e/ou outras bases de dados científicas, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data 15/06/2022

1. Identificação do material bibliográfico: () Tese (X) Dissertação () Trabalho de Conclusão

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Autor: Eduardo Philippi Soares

Orientador: Ilanil Coelho Coorientador: Sirlei de Souza

Data de Defesa: 21 de fevereiro de 2022

Título: Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade

Instituição de Defesa: Universidade da Região de Joinville (Univille)

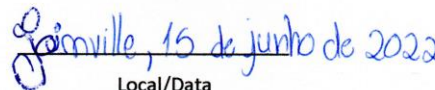
3. Informação de acesso ao documento:

Pode ser liberado para publicação integral: (X) Sim () Não

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese, dissertação ou relatório técnico.



Assinatura do autor



Local/Data